MARÇO

BIZZ

CONHEÇA OS INDICADOS PARA O PRÊMIO BIZZ MELHORES DO ANO

EDIÇÃO AZUL

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

ED MOTTA
"EU SOU AMERICANO, MINHA MÚSICA É AMERICANA"

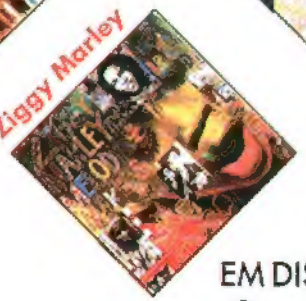
ENTREVISTAS
CAPITAL INICIAL
STONE ROSES
JESUS & MARY CHAIN
YOUNG GODS

OINGO BOINGO
NO BRASIL!!!
DANNY ELFMAN CONTA TODA A HISTÓRIA DE SUA BANDA ALUCINADA

DANÇANDO NO SOL

O Melhor Do Afro Reggae

(RASTA VERÃO)



EM DISCOS E FITAS

Virgin EMI Chrysalis

FIEL, POTENTE, BOA APARÊNCIA, E DE FAMÍLIA TRADICIONAL.

Single.
Recém chegado.
Disponível.

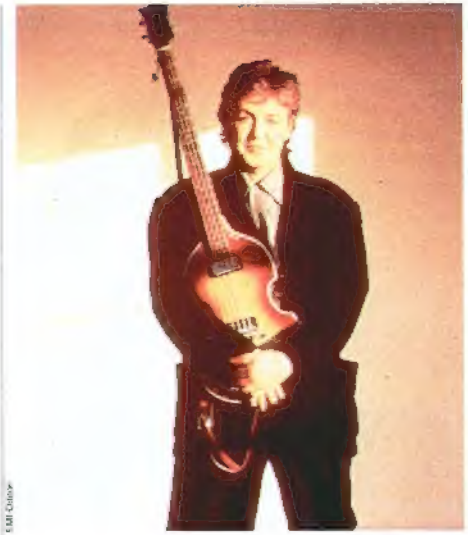
Procura pessoas sensíveis, de bom nível sócio-cultural, inteligentes, para desfrutar momentos agradáveis por muitos e muitos anos.

Oferece 250 Watts de potência (P.M.P.O.), aliada à baixíssimos índices de distorção, toca-discos modular, tape-deck com indicador de nível de gravação por LEDS, receiver AM/FM com sintonia digital de 10 memórias, equalizador gráfico de 5 bandas, função Mic-Mixing e entrada exclusiva para CD.

CD Laser Sony. Compatível com a linha Dynapower.

Dynapower Single. Pertence a mais tradicional família de equipamentos de som de todo o mundo.

SONY



Edi Gitov

MACCA NO MARACANÃ

Beatlemaníacos, rejubilai-vos! Nos dias 20 e 21 de abril, **Paul McCartney** se apresenta no estádio do Maracanã, no Rio. A informação foi confirmada pela Mills & Niemeyer — também responsável pelo Hollywood Rock — no final do mês de janeiro. De contrato assinado com o ex-Beatle, a empresa esperava apenas a liberação do Maracanã pelo governador Moreira Franco para anunciar oficialmente a realização dos shows.

As apresentações no Brasil deverão encerrar a turnê mundial de Paul, cujo repertório inclui várias canções dos **Beatles** — entre elas, "Yesterday", "I Saw Her Standing There", "The Long And Winding Road", "Hey Jude" e "Let It Be". Os shows serão filmados por **Richard Lester** (*Help!*, *Superman II*), que realiza um documentário sobre a turnê.

OUÇA ESSA

Eu tenho muitas dúvidas sobre a world music. David Byrne, por exemplo. Ele ficou todo brasileiro. Quem ele pensa que é, Pelé?"

Ian McCulloch, *Melody Maker*

VINIL FRESCO I

Mick Hucknall, vocalista do **Simply Red**, anunciou que gravará um disco apenas com grandes músicos americanos de jazz. O lançamento está previsto para o final do ano ⊗ **Mark Knopfler** está de volta ao vinil — mas sem os **Dire Straits**. O guitarrista juntou-se a velhos amigos para formar o **The Nothing Hillbillies**, que solta um LP apenas de rhythm'n'blues ⊗ Já saiu o primeiro LP solo de **Lloyd Cole**, que leva apenas o nome do cantor ⊗ Mais um irmão de Michael Jackson em carreira solo: **Randy Jackson** acaba de lançar o LP *Randy & The Gypsies* ⊗ *Muddy Waters: The Chess Box* é o nome da coletânea com seis LPs do mestre do blues, recentemente editada nos Estados Unidos ⊗ **Duran Duran**, **Stewart Copeland** (ex-Police) e **Jon Anderson** estão em *Requiem For The Americas*, um álbum idealizado pelo produtor Jonathan Elias para homenagear a "cultura americana nativa". O disco arrecada fundos para a organização *Save The Children*, que auxilia tribos indígenas americanas.

POUCAS & BOAS I

A Legião Urbana encontrou, enfim, um novo baixista: **Mingau**, que já tocou com 365, Ratos de Porão, Inocentes e, mais recentemente, na banda Farto (ver *Conexão Brasil*/BIZZ 54). Ele ocupa o lugar deixado vago por **Renato Rocha** no começo do ano passado ⊗ "A sua mãe foi trabalhar na zona franca de Manaus..." O verso está na música "Mãe Viajandona", dos **Inimigos do Rei** — e também na faixa "Xingu Disco", lançada pelo **Lingua de Trapo** em 82 (com "irmã" no lugar de "mãe"). A "coincidência" foi contestada por Carlos Melo, um dos autores da letra de "Xingu...": "É lamentável ver que os Inimigos do Rei também são inimigos da ética."

Rita Mendes Azul

MINGAU (LEGIÃO URBANA)

BOWIE NO BRASIL?

David Bowie deve vir ao Brasil ainda este ano. A informação foi confirmada pelo próprio cantor, em entrevista coletiva realizada em Londres (*veja a cobertura completa na próxima edição*). Os shows brasileiros fariam parte da turnê mundial que teve início no dia 4 de março, no Canadá. A excursão, intitulada *Sound & Vision*, acompanha o relançamento e todos os seus LPs anteriores a *Let's Dance* (84), pela gravadora independente norte-americana Rykodisc.

RATOS NA KERRANG!

A revista inglesa *Kerrang!* dedicou uma página da sua edição de 16 de dezembro ao grupo paulista **Ratos de Porão**. O autor do artigo, Don Kaye, afirma que não é "um grande fã" do trabalho anterior do grupo, "apresentado de forma muito crua". Segundo ele, *Brasil* (quarto LP dos Ratos) "mostra o que acontece quando a banda entra num estúdio verdadeiro com um produtor verdadeiro" (Harris Johns, que já trabalhou com o Kreator). Kaye caracteriza os Ratos como "um grupo *crossover* compacto, cheio de punch e brutalmente preciso, que entubula toneladas de riffs agilmente tocados em curtas explosões de fúria punk".

MISSION

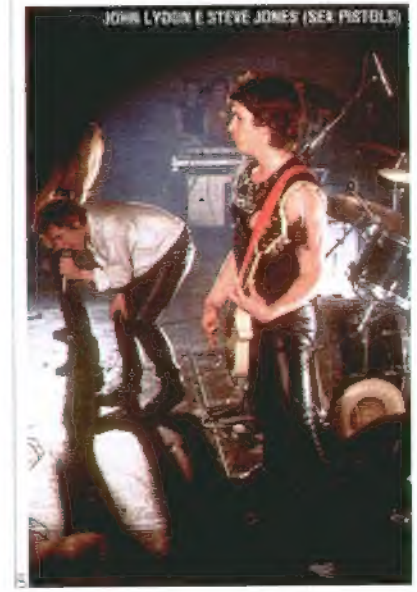
PolyGram

VINIL FRESCO II

Carved In Sand é o nome do novo LP do **Mission**, já lançado na Inglaterra ⊗ **Sinéad O'Connor** está lançando seu segundo LP, *I Do Not Want What I Haven't Got* inclui uma cover para a composição de **Prince** "Nothing Compares 2 U", gravada pelo Family há três anos ⊗ "November Spawned A Monster" é o nome do novo single de **Morrissey**, que lança em breve um LP com participações da cantora canadense **Mary Margaret O'Hara** e do vocalista **Suggs** (ex-Madness) ⊗ **Professor Griff** (Public Enemy) está lançando seu primeiro disco solo. Chama-se *Pawns* ⊗ *The Sweet Keeper* é o nome do segundo LP da cantora **Tanita Tikaram** ⊗ **Vini Reilly** colocou mais um disco no mercado. *The Sporadic Recordings*, lançado apenas em CD, traz 28 faixas inéditas do **Durutti Column** ⊗ **Bruce Springsteen**, **Paul McCartney**, **Jesus & Mary Chain** e **Ian McCulloch** estão em *The Last Temptation of Elvis*, álbum duplo de covers de **Elvis Presley**, idealizado pelo semanário inglês *New Musical Express*. As vendas do disco serão revertidas para a Nordoff Robbins Music Therapy Foundation, associação que presta auxílio a crianças deficientes.

POUCAS & BOAS II

O ex-Sex Pistol **Glen Matlock** confirmou ter contatado **Steve Jones** e **Paul Cook** para uma possível reunião do grupo. O baixista revelou ainda que **John Lydon** e **Axl Rose** (?!?) foram convidados para assumir os vocais. Nenhum dos dois aceitou a oferta ⊗ Depois do êxito da turnê americana que marcou a volta do **Buzzcocks**, o vocalista **Pete Shelley** planeja um novo vinil."Se uma gravadora fizer uma oferta, apareceremos com um punhado de canções", declarou ⊗ O baixista **Bragi** e o guitarrista **Einar**, dos **Sugarcubes**, anunciaram seu casamento, realizado na Dinamarca, em novembro ⊗ **John Taylor** (Duran Duran) teve sua carteira de motorista suspensa por um ano, depois de ser flagrado dirigindo alcoolizado em alta velocidade em Londres.



JOHN LYDON E STEVE JONES (SEX PISTOLS)

A PARADA DA DÉCADA

A revista inglesa *Number One* publicou recentemente uma lista com os quinhentos compactos mais vendidos da década na Inglaterra. Estes são os dez primeiros colocados: 1. "Do They Know It's Christmas?" **Band Aid** 2. "Relax" **Frankie Goes to Hollywood** 3. "I Just Called..." **Stevie Wonder** 4. "Two Tribes" **Frankie Goes to Hollywood** 5. "Don't You Want Me" **Human League** 6. "Last Christmas" **Wham!** 7. "Karma Chameleon" **Culture Club** 8. "Careless Whispers" **George Michael** 9. "The Power Of Love" **Jennifer Rush** 10. "Come On Eileen" **Dexy's Midnight Runners**

CADÊ OS DISCOS?

Mais notícias para os discófilos brasileiros: a PolyGram cancelou o lançamento da caixa de quatro LPs dos **Rolling Stones** — *The London Years* — que foi destaque da seção *Discos* na BIZZ 55. O motivo alegado foi que a matriz britânica não cedeu os fonogramas para sua representante nacional. Por sua vez, as edições dos álbuns *Peace & Love*, dos **Pogues**, e *Still*, do **Joy Division** (ambos resenhados na BIZZ 54), não foram lançadas no início do ano conforme previam as gravadoras WEA e Stiletto, respectivamente. Mas fica a promessa de ambas de que, no início de abril, estes discos já estejam nas lojas.

MARCO NO ROCK

10/03/89 — O A-ha inicia na Praça da Apoteose (RJ) sua turnê pelo Brasil

19/03/82 — Randy Rhoads, guitarrista da banda de Ozzy Orbourne, morre num acidente de avião

20 e 21/03/81 — O Queen faz duas apresentações no Morumbi (SP)

20/03/87 — O Cure inicia em Porto Alegre sua turnê brasileira

23/03/89 — Rod Stewart inicia em Florianópolis (SC) sua turnê pelo Brasil

25/03/80 — *Dark Side Of The Moon*, do Pink Floyd, bate o recorde de permanência na parada de LPs da *Billboard*: 303 semanas consecutivas, quinze delas em primeiro lugar.

A partir deste ano, o seu voto vai decidir os ganhadores do PRÊMIO BIZZ MELHORES DO ANO. A edição de abril sairá com um suplemento especial de dezesseis páginas contendo a apuração final, a votação da crítica e uma análise comparativa das eleições anteriores. Por enquanto, conheça os indicados em cada categoria, tirados a partir de nossas prévias — um pouco de suspense não faz mal a ninguém!

	NACIONAL	INTERNACIONAL
LP	*Ó Blésq Blom* **Titãs** *Alívio Imediato* **Engenheiros do Hawaii** *As Quatro Estações* **Legião Urbana**	*Like a Prayer* **Madonna** *Lies* **Guns N'Roses** *The Delicate Sound of Thunder* **Pink Floyd**
MÚSICA	"Há Tempos" **Legião Urbana** "Flores" **Titãs** "O Tempo Não Pára" **Cazuza**	"What's on Your Mind" **Information Society** "Patience" **Guns N'Roses** "Like a Prayer" **Madonna**
GRUPO	**Engenheiros do Hawaii** **Titãs** **Legião Urbana**	**Pet Shop Boys** **Guns N'Roses** **U2**
VOCALISTA	**Renato Russo** **Humberto Gessinger** **Marisa Monte**	**Axl Rose** **Madonna** **Bono Vox**
REVELAÇÃO	**Inimigos do Rei** **Adriana Calcanhoto** **Uns e Outros**	**Paula Abdul** **Living Colour** **Information Society**
SHOW	**Engenheiros do Hawaii** **Raul Seixas & Marcelo Nova** **Titãs**	**A-ha** **Metallica** **Cyndi Lauper**
CAPA	*Ó Blésq Blom* **Titãs** *Beneath the Remains* **Sepultura** *MM* **Marisa Monte**	*Technique* **New Order** *The Seeds of Love* **Tears for Fears** *The Delicate Sound of Thunder* **Pink Floyd**
COMPOSITOR	**Edgard Scandurra** **Augusto Licks** (Engenheiros do Hawaii) **Toni Bellotto** (Titãs)	**Slash** (Guns N'Roses) **The Edge** (U2) **David Gilmour** (Pink Floyd)
BAIXISTA	**Humberto Gessinger** (Engenheiros do Hawaii) **Nando Reis** (Titãs) **Bi Ribeiro** (Paralamas do Sucesso)	**Peter Hook** (New Order) **Adam Clayton** (U2) **Duff** (Guns N'Roses)
BATERISTA	**João Barone** (Paralamas do Sucesso) **Charles Gavin** (Titãs) **Marcelo Bonfá** (Legião Urbana)	**Larry Mullen** (U2) **Stephen Morris** (New Order) **Steven Adler** (Guns N'Roses)
OUTROS INSTRUMENTOS	**João Fera** (teclados, Paralamas do Sucesso) **Sérgio Brito** (teclados, Titãs) **Léo Gandelman** (sax)	**Chris Lowe** (teclados, Pet Shop Boys) **Gilliam Gilbert** (teclados, New Order) **Prince** (vários)
LETRISTA	**Arnaldo Antunes** **Humberto Gessinger** **Renato Russo**	

1989 FECHADO PARA BALANÇO

No final de cada ano, as principais publicações musicais do planeta dedicam suas páginas à análise da evolução da música pop nos últimos doze meses. Aqui, um resumo dessas retrospectivas.

MELODY·MAKER

A edição de fim de ano da *Melody Maker* teve boa parte de suas páginas dedicada à análise dos anos 80. Além de publicar um guia com "os principais eventos e personalidades da música pop", o semanário inglês convidou astros como **Robert Smith**, **Ian McCulloch** e **Jim Reid** (**Jesus & Mary Chain**) para emitirem seus comentários sobre os 80. A lista dos melhores de 89 apresentou poucas novidades. O primeiro posto entre os melhores álbuns ficou com *Disintegration*, do **Cure**, seguido pelos **Pixies**, com *Doolittle*. O único grupo iniciante a figurar entre os primeiros foi o **Stone Roses**, em quarto lugar, atrás de **Kate Bush** e seu *Sensual World*. Os melhores compactos seguem a mesma trilha: em primeiro estão os **Pixies**, com "Monkey Gone to Heaven", seguido pela estréia no vinil dos **Sundays**, o compacto "Can't Be Sure". **Kate Bush** e **Cure** reaparecem nos lugares seguintes, com "The Sensual World" e "Lullaby". No quinto lugar, "Keep On Movin", do **Soul II Soul**, uma das poucas presenças da dance music nas primeiras colocações.

NME

Para a *New Musical Express*, 89 "foi o ano mais excitante para a nova música desde o movimento punk". Foi um período bom para os independentes, especialmente os de Manchester, que se transformou na capital musical do planeta — "um oásis de coragem na inconseqüência geral do rock independente". O último ano da década foi marcado pela invasão das paradas pela dance music. O destaque ficou para o **Soul II Soul**, que provou ser possível fazer música para dançar fora dos Estados Unidos. No rap, o "momento mais fértil" foi proporcionado pelo **De La Soul** — o LP *Three Feet High and Rising* "definiu o tom" para o futuro do rap e influenciou toda a música pop. Em 89, todos os artistas da música pop — de **R.E.M.** a **Paul McCartney** — manifestaram sua preocupação com as questões ambientais, notadamente as do terceiro mundo. Alguns, como **Kate Bush**, **Peter Gabriel** e **David Byrne**, preferiram conhecer de perto esses países distantes, levando na bagagem elementos novos para sua música. Enquanto isso, alguns "estúpidos, egocêntricos e ambiciosos" astros dos anos 60 preferiram ressuscitar velhas fórmulas — com saudáveis exceções, como **Bob Dylan**, **Lou Reed** e **Van Morrison**. Os **Stone Roses** lançaram três dos melhores compactos de 89: "She Bangs the Drums" (1.º), "Fool's Gold" (2.º) e "Made of Stone" (4.º). O terceiro lugar ficou com os **Sundays** ("Can't Be Sure"), e o quinto, com o **808 State** ("Pacific State"), todas bandas de Manchester. O **De La Soul** foi o responsável pelo melhor LP do ano, seguido pelos **Stone Roses**, **Lou Reed** (*New York*) e **Pixies** (*Doolittle*). O quinto lugar foi para o **New Order**, com seu *Technique*.

THE FACE

A dance music foi a grande privilegiada na votação da *Face*. Na categoria "compacto", o primeiro lugar foi para "Pacific State", o vinil de estréia da banda house de Manchester **808 State**. Outro grupo inglês, **Soul II Soul**, ficou com o segundo posto, com "Back to Life". O single de estréia do rapper **Redhead Kingpin**, "Do the Right Thing", ocupa o terceiro lugar, seguido por "Your Love", do produtor de house **Frankie Knuckles**. No quinto lugar, mais uma estréia: **Sydney Youngblood**, com "If Only I Could". O melhor álbum de 89, segundo a *Face*, foi *Three Feet High and Rising*, do **De La Soul**. Mais dance music: *Club Classics Vol. 1*, do **Soul II Soul**, ficou com o segundo lugar. A única exceção à regra foram os **Stone Roses** em terceiro com seu álbum de estréia. Em seguida, vêm os rappers do **Niggers With Attitude** (*Straight Outta Compton*) e a deep house do **Ten City** (*Foundation*).

Q

A *Q* publicou em sua edição de janeiro uma lista com os cinqüenta melhores LPs de 89 (sem ordem de preferência). De uma maneira geral, a votação não destoa de outras similares, incluindo os álbuns de **Bob Dylan**, **Lou Reed**, **Neil Young**, **De La Soul** e **Stone Roses** — cartas marcadas de 89. Alguns nomes, porém, receberam um destaque único na imprensa britânica. É o caso da cantora **Adeva** — que, com seu álbum de estréia, *Adeva!*, "estabeleceu um padrão para todas as cantoras de dance music eletrônica". Outro lançamento memorável na dance music foi a coletânea *Italia: Dance Music From Italy*, que marcou a volta dos italianos — via house music — às paradas britânicas. A world music foi responsável por alguns dos melhores álbuns de 89 — entre eles, *Mosaique*, o segundo LP dos **Gipsy Kings**, e *Mlah*, a original estréia dos franceses **Les Negresses Vertes**. No campo do heavy metal, o melhor lançamento foi *Pump*, do **Aerosmith**. E um novo estilo foi criado pelo produtor **Daniel Lanois**, em seu primeiro disco solo (*Arcadie*): o *New Age Folk*. Entre as estréias no vinil, outro destaque foi **Lenny Kravitz**, que realizou a fusão entre a fase psicodélica dos Beatles e o funk em seu LP *Let Love Rule*.

Rolling Stone

Bob Dylan foi a grande estrela na votação da *Rolling Stone*, com o LP *Oh Mercy*, "seu melhor disco na década". A lista dos melhores de 89 (sem ordem de preferência) destaca ainda os **Fine Young Cannibals**, que alcançaram a "perfeição" em várias faixas de *The Raw and the Cooked*. Os **Rolling Stones** comparecem com *Steel Wheels*, "o disco que nunca pensamos que eles fariam de novo", ao lado de outros dois veteranos: **Lou Reed** e **Neil Young**, que "tratam com eloqüência de problemas sem solução imediata". A "beleza melancólica" dos **Cowboys Junkies** em *The Trinity Session* também está entre os melhores, acompanhada pela "paixão pelos extremos" do **R.E.M.**, em *Green*. Para a *Rolling Stone*, os dois melhores álbuns de dance music de 89 foram *Keep on Movin'*, do **Soul II Soul**, e *Raw Like Sushi*, de **Neneh Cherry**. O rap é representado na lista pelo **De La Soul** e pelo **D.O.C.**, um rapper iniciante do Texas. Entre as novidades, está a inclusão de bandas em início de carreira: **The Zulus** e **Yo La Tengo**, "guitar bands com amplificadores prontos para explodir". A sensação inglesa **Stone Roses** não ficou de fora: o grupo foi rotulado como o líder da nova onda de psicodelia britânica.

ENQUANTO ISSO, NO HOLLYWOOD ROCK...

Nos bastidores do festival, as surpresas foram muitas. **Bob Dylan** escondeu-se como pôde da imprensa e alugou em sigilo um estúdio carioca, onde passou algumas horas gravando ao lado de percussionistas brasileiros. A idéia partiu do próprio Dylan, depois de presenciar uma batucada num de seus passeios a pé pelas praias cariocas.

Ao contrário do lendário compositor, **Steve Hogarth**, o novo vocalista do **Marillion**, fez de tudo para ser notado. Nos shows do Hollywood Rock (ou no de Elba Ramalho), no saguão do hotel, em boates e restaurantes, era sempre possível encontrar Steve — que quase despencou da cobertura do Rio Palace quando posava animado para alguns fotógrafos à beira da piscina.

Bem menos sociáveis, **Curt Smith** e **Roland Orzabal** tiveram um grande aborrecimento em sua estada no Brasil. A dupla simplesmente detestou o significado do seu "carinhoso" apelido brasileiro: "Tias Fofinhas" ("Fluffy Aunties?!?!")

Nas coletivas, quem se saiu melhor foi o pessoal do **Bon Jovi**, que se aproveitou da bagunça geral para instalar um clima de *nonsense* — mandando jornalistas "calarem a boca", brincando com os gravadores ou cantando as garotas presentes na sala. Mais "sérios", os integrantes do **Tears For Fears** e **Marillion** preferiram coletivas burocráticas, repisando clichês de suas próprias entrevistas.

Na primeira coletiva de sua carreira ("Vocês deveriam agradecer"), **Terence Trent D'Arby** surpreendeu os jornalistas. "Você é tão tímido assim no palco?", chegou a perguntar um dos presentes. Já os **Eurythmics** preferiram eliminar todas as dúvidas encerrando as coletivas com canjas/autógrafos grátis: "Missionary Man" em São Paulo, e "When the Day Goes Falling Down" no Rio.

Ofuscados pelas estrelas internacionais, os roqueiros locais tiveram suas entrevistas esvaziadas. A exceção foi **Lobão** — ele provocou maiores gargalhadas que os Bon Jovi — com suas histórias de empresários "salafrários" e prisões injustas...

Armando Gonçalves Azul

Turistas acidentais em desfile. Em SP, Lobão curte o show de Terence e os Eurythmics encerram a coletiva com uma incandescente "Missionary Man" (atenção para Dave Stewart tocando *slide* com um copo). No Rio, Terence cai no samba na quadra da Padre Miguel

Jorge Rosenberg/Azul

Eric de Haas/Azul

NAS COLETIVAS, UM COLAR DE "PÉROLAS"

"Ele não entendeu nada. Em 'Sowing...', as citações de Beatles são óbvias. Eu acho que, hoje em dia, a propriedade das canções é discutível. A música é universal."

Roland Orzabal (Tears For Fears), sobre as declarações de Paul McCartney de que a dupla estaria imitando os Beatles

"Qual a primeira palavra que te vem à cabeça quando você ouve falar em 'música brasileira'?"

Pergunta feita a **Roland Orzabal**

"O que você conhece de música brasileira?"

Pergunta feita a todos os artistas internacionais

"A culpa é do ex-vocalista."

Steve Hogarth (Marillion), em resposta à pergunta, "Por que o Marillion imita o Genesis?"

"Você vai adotar um indiozinho brasileiro e sair por aí, como o Sting?"

Pergunta feita a **Steve Hogarth** (Marillion)

"Viemos para cá porque nos disseram que as mulheres têm belos seios e estão sempre nuas."

Richie Sambora (Bon Jovi)

"Você é o Pelé?... Eu estava só checando."

Sambora, respondendo a um jornalista negro

"Resolvemos mudar de letrista. No começo, o baterista, que compunha as letras, tinha umas idéias estranhas: 'Vem bater no meu tambor...'"

Fé (Capital Inicial)

"Naquele tempo, não compúnhamos nada. Apenas tomávamos a maior quantidade de drogas possível."

Dave Stewart (Eurythmics), sobre o início de carreira nos Tourists

"Nós queríamos vir ao Brasil, por isso aceitamos o convite para tocar neste festival. Mas eu não vou dizer para vocês fumarem. Sou contra o cigarro. Como acham que eu me sinto nessa situação?"

Annie Lennox (Eurythmics)

"Talvez eu vá trabalhar como ator, ou então lavar copos."

Terence Trent D'Arby, sobre as baixas vendagens de *Neither Flesh Nor Fish*

"Se ele se sente melhor assim, melhor para ele. Mas eu acho que ele precisa arrumar uma namorada."

Terence Trent D'Arby, sobre o "embranquecimento" de Michael Jackson

"Meu empresário é um salafrário. Ele me mandou para o Acre para poder recusar o convite do *Hollywood Rock*. O que ele queria era me colocar no *Alternativa Nativa* e faturar um prédio de apartamentos."

Lobão

"Tem merda pra caralho no rock nacional."

"Só tem, cara!"

"Só tem, não!!! Eu exijo respeito!"

Diálogo entre **Lobão** e um jornalista

As coletivas internacionais do *Hollywood Rock* não seriam tão divertidas sem a participação especial da intérprete contratada. Aqui, algumas de suas sensacionais derrapadas.

"Vocês fizeram um plágio de Andy Warhol no novo disco?"

(Tradução para a pergunta dirigida aos Tears For Fears: "Vocês fizeram um plágio de 'I Am The Walrus' no novo disco?"

"Ele perdeu o ponto"

(Tradução para "He missed the point", resposta de Roland Orzabal (Tears For Fears) que significa "Ele não entendeu a questão")

"Ela não gostaria que dissessem que o Hollywood suporta a causa dos Eurythmics."

(Tradução para a resposta de Annie Lennox em que ela usava o verbo "to support", que significa "apoiar")

"Ele disse que o New Kids on The Block imita o estilo superado do Clash e dos Sex Pistols."

(Tradução para uma longa resposta de Dave Stewart (Eurythmics), em que comparava grupos que haviam sido inovadores, como o Clash e os Sex Pistols, com o New Kids on The Block, que faz um pop inofensivo mas lança um disco com o nome de *Hangin' Tough*, algo como "Durões à solta")

"Ele não disse isso!"

(Resposta da intérprete a um jornalista que perguntava a Terence por que ele se dizia um gênio)

PROMOÇÃO

A NOVA FEBRE DA DANCE MUSIC QUE INVADE O BRASIL

JOVEM PAN 2
FM 100,9 S. PAULO

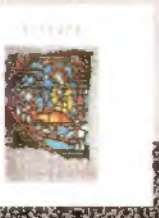
wea

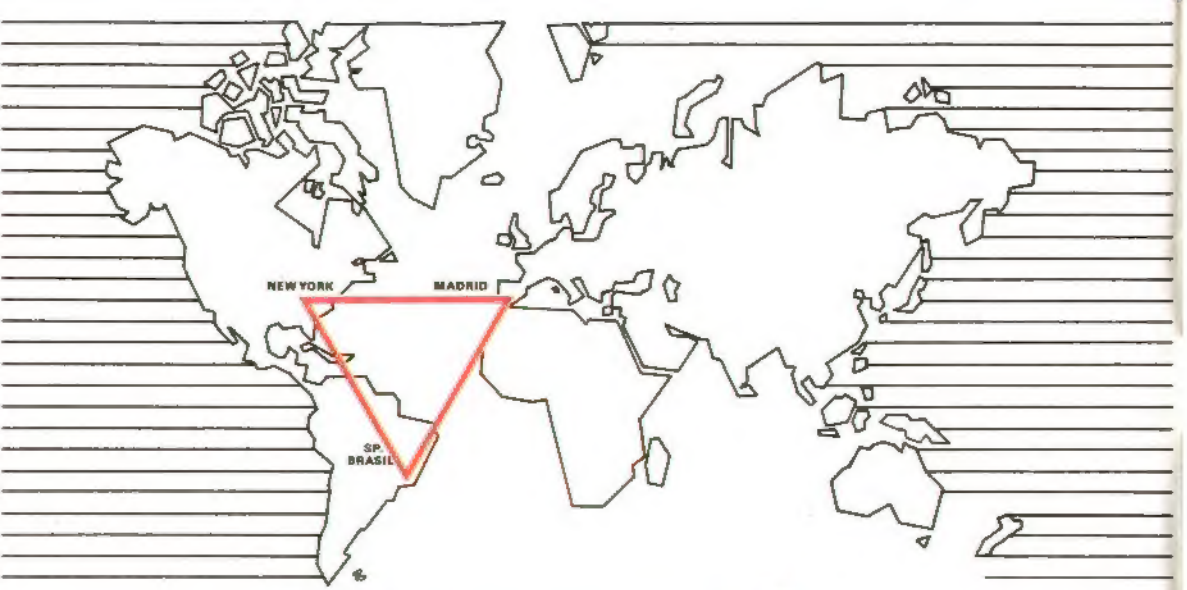
INCLUÍDO NO VOL. 1 DO SHOW

À VENDA EM LP, K7, CD

JP 2

Escreva para Jovem Pan 2 (Av. Paulista, 807/14º andar, 01311), diga quais as duas músicas do Erasure que você gosta mais e concorra a uma coleção de discos completa. A data do sorteio você ficará sabendo ouvindo a Jovem Pan 2





Record runner®

NÃO PERCA, TODA QUARTA FEIRA 20:00 Hs. O PROGRAMA RECORD RUNNER.

SINTONIZE NOSSO ESPÍRITO.

BRASIL 2000 FM 107,3

BRASIL 2000 FM 107,3

LP's • CD's • VÍDEOS • POSTERS • IMPORTADOS • "RARITIES"

Av. Faria Lima, 1684 • Shopping Vitrine • Sobreloja 37 • (011) 813.3017 • Cep 01452 • SP • Brasil

New York :5 Jones St. • Madrid : San Bernardo 5

SEDEX A COBRAR • ENTREGA URGENTE • PAGUE AO RETIRAR

ENCOMENDAS ESPECIAIS LANÇAMENTOS SIMULTÂNEOS

ÍNDICE

Fotos da capa: R.J. Capatkin Ft (Oingo Boingo), Rocherlle Cobb / Azul (Ed Motta)

Um músico ligado visceralmente ao cinema ou um cineasta enrustido com queda para a música? Danny Elfman resolveu esse dilema quando começou a desenvolver sua carreira de compositor de trilhas sonoras, paralela ao **Oingo Boingo**. Por pura coincidência, no mesmo ano que a banda californiana cultuada entre os surfistas e skatistas tomou de assalto as FMs locais, seu *frontman* aparecia nos créditos de um dos filmes de maior bilheteria da temporada, *Batman*. Neste mês, os brasileiros poderão conferir o octeto com seus próprios olhos e ouvidos em uma série de shows no Rio de Janeiro e em São Paulo. **José Emilio Rondeau** encontrou-se com Danny Elfman em Los Angeles. A conversa está na página 16.

O *Ao Vivo* desta edição traz a cobertura completa do segundo Hollywood Rock. As boas surpresas dos **Eurythmics** (na foto, um flagrante da apresentação paulistana), a consagração do Bon Jovi, a volta por cima das bandas nacionais, a presença do mítico Bob Dylan: está tudo radiografado a partir da página 52. E no *Showbizz*, os melhores momentos das entrevistas coletivas.

Purista, perfeccionista, imodesto, precoce, **Ed Motta**, o responsável pelos hits "Manuel" e "Vamos Dançar", entra na década com um novo LP, *Um Contrato com Deus*, composto, produzido e executado a quatro mãos. **Lorena Calabria** ouviu nosso candidato a *soul man*. Na pág. 22.

4 NOTÍCIAS

14 PARADA

26 JESUS & MARY CHAIN
por *Anamaria G. de Lemos*

30 CAPITAL INICIAL
por *Celso Masson*

34 STONE ROSES
por *Anamaria G. de Lemos*

38 YOUNG GODS
por *Arthur G. Conte Duarte*

42 KRAFTWERK PARTE II
por *Arthur G. Conte Duarte*

48 CONEXÃO BRASIL

50 DANCE MUSIC

59 DISCOS
Bob Dylan, Duran Duran, Terence Trent D'Arby

70 LETRAS
"Independence Day", David Byrne

72 CARTAS

74 DISCOTECA BÁSICA
The Slider, T. Rex

PHILIPS

PHILIPS

► SEJA MENOS GRAVE: MINH AS EMOÇÕES SÃO AGUDAS.◄

► PODE SER TECNO-POP, PRETÉRITO INDUSTRIAL, METALEIRO, NEW-AGE OU MEU RANCHINHO: VOCÊ QUER O MELHOR SOM, MAS TAMBÉM QUER O MELHOR DESIGN. ► AINDA BEM QUE VOCÊ PODE ESCOLHER ENTRE UM PHILIPS E OUTRO PHILIPS. AINDA BEM. ► VOCÊ OUVE UM COPY RADICAL, OU MESMO UM COMPACT DISC PLAYER PHILIPS, E PERCEBE QUE POR DENTRO DE UMA CARINHA BONITA UM EQUIPAMENTO DE SOM TEM POR OBRIGAÇÃO PROPORCIONAR UMA GRANDE PERFORMANCE. ► A PHILIPS JÁ TOCOU A MÚSICA DAS ESFERAS, DOS QUADRADOS, DOS TRAPÉZIOS, DAS 33 ROTAÇÕES, DOS CASSETES, CDs E CDS VÍDEO. EM MATÉRIA DE SOM, SUA TECNOLOGIA ESTÁ ANOS-DECIBÉIS À FRENTE. ► É SÓ DAR O TOM DO FUTURO QUE O ACOMPANHAMENTO PHILIPS SE ENCARREGA DE ANIMAR O BAILE. SEM GRAVIDADE NA FORMA, COM AGUDOS EMOCIONANTES NO CONTEÚDO.

► P H I L I P S . P R O D U T O S D E Ú L T I M A G E R A Ç Ã O . ◄

PARADA

Foto: Ricardo Mendes/Azul

LEITORES

1	*Ó Blêq Blom* (2)	**Titãs** WEA
2	*As Quatro Estações* (1)	**Legião Urbana** EMI-Odeon
3	*Big Bang* (N)	**Paralamas do Sucesso** EMI-Odeon
4	*Information Society* (5)	**Information Society** Stiletto
5	*Steel Wheels* (12)	**Rolling Stones** CBS
6	*Ao Vivo* (13)	**Barão Vermelho** WEA
7	*Próxima Parada* (N)	**Marina** PolyGram
8	*Kid* (14)	**Kid Abelha** WEA
9	*Sob o Sol de Parador* (N)	**Lobão** BMG-Ariola
10	*Move to Move* (7)	**Ron Ran** WEA
11	*Burguesia* (R)	**Cazuza** PolyGram
12	*Batman* (R)	**Prince** WEA
13	*Crackers International* (9)	**Erasure** WEA
14	*The Seeds of Love* (16)	**Tears for Fears** PolyGram
15	*Forever Your Girl* (N)	**Paula Abdul** EMI-Odeon
16	*Alívio Imediato* (N)	**Engenheiros do Hawaii** BMG-Ariola
17	*A Night to Remember* (4)	**Cyndi Lauper** CBS
18	*Ten Good Reasons* (N)	**Jason Donovan** Stiletto
19	*Amigos Invisíveis* (N)	**Edgard Scandurra** WEA
20	*New Jersey* (N)	**Bon Jovi** PolyGram

Lojas consultadas: Camelô Negro e Cogumelo Discos (Belo Horizonte), Modern Sound (Rio de Janeiro), Barata Ribeiro, Musical Box e Valdo Dahlia Disco (São Paulo).

CONVENÇÕES

(R) Indica retorno à Parada
(N) Indica lançamento na Parada anterior
( ) Indica a posição na Parada anterior

Leitor! Sua participação é importante para a Parada BIZZ. Escreva para "BIZZ — Parada do Leitor", Caixa Postal 80081, CEP 05089, São Paulo — SP, dizendo quais os discos que você comprou este mês. Acrescente seu nome, endereço e telefone, para que possamos voltar a consultá-lo.

LOJAS

1	*Ó Blêq Blom* (1)	**Titãs** WEA
2	*Chico Buarque* (N)	**Chico Buarque** BMG-Ariola
3	*As Quatro Estações* (2)	**Legião Urbana** EMI-Odeon
4	*Djavan* (3)	**Djavan** CBS
5	*The Seeds of Love* (6)	**Tears for Fears** PolyGram
6	*Alive* (N)	**Oingo Boingo** WEA
7	*Sanguinho Novo* (9)	**Vários** Eldorado
8	*Official Version* (N)	**Front 242** Stiletto
9	*Great Balls of Fire!* (N)	**Jerry Lee Lewis** PolyGram
10	*Roberto Carlos* (N)	**Roberto Carlos** CBS
11	*Oh Mercy* (N)	**Bob Dylan** CBS
12	*O Canto das Lavadeiras* (N)	**Martinho da Vila** BMG-Ariola
13	*Amandla* (R)	**Miles Davis** WEA
14	*Vini Reilly* (N)	**Durutti Column** Stiletto
15	*Brasil* (12)	**Ratos de Porão** Eldorado
16	*Life's Too Good* (11)	**Sugarcubes** WEA
17	*Information Society* (R)	**Information Society** Stiletto
18	*Big Bang* (N)	**Paralamas do Sucesso** EMI-Odeon
19	*Steel Wheels* (12)	**Rolling Stones** CBS
20	*Crackers International* (9)	**Erasure** WEA

LP's (EUA)

1 (2) *Girl You'Know It's True* — **Milli Vanilli** (Arista)
2 (N) *Starmfrout* — **Billy Joel** (Columbia)
3 (1) *Rhythm Nation 1814* — **Janet Jackson** (A&M)
4 (6) *Forever Your Girl* — **Paula Abdul** (Virgin)
5 (N) *...But Seriously* — **Phil Collins** (Atlantic)
6 (N) *Cosmic Thing* — **B-52's** (WEA)
7 (5) *Steel Wheels* — **Rolling Stones** (Columbia)
8 (4) *Pump* — **Aerosmith** (Geffen)
9 (N) *Merry Merry Christmas* — **New Kids...** (Columbia)
10 (10) *Hangin' Tough* — **New Kids on the Block** (Columbia)

LP's (GB)

1 (N) *...But Seriously* — **Phil Collins** (Virgin)
2 (N) *The Album* — **Jive Bunny** (Music Factory)
3 (N) *Now That's what I Call Music 16* — **Vários** (EMI/Virgin)
4 (4) *Enjoy Yourself* — **Kylie Minogue** (PWL)
5 (R) *Foreign Affair* — **Tina Turner** (Capitol)
6 (N) *Affection* — **Lisa Stansfield** (Arista)
7 (N) *Monster Hits* — **Vários** (CBS/BMG/WEA)
8 (1) *The Road to Hell* — **Chris Rea** (Magnet)
9 (N) *Ten Good Reasons* — **Jason Donovan** (PWL)
10 (N) *It's Christmas* — **Vários** (EMI)

LP's Independentes (GB)

1 (8) **The Stone Roses** (Silverstone)
2 (N) *Bummed* — **The Happy Mondays** (Factory)
3 (N) *Snuff Said* — **Snuff** (Earache)
4 (N) *Postcard CV* — **The Senseless Things** (Way Cool)
5 (R) *Wild!* — **Erasure** (Mute)
6 (7) *3 Feet High and Rising* — **De La Soul** (Big Life)
7 (R) *Enjoy Yourself* — **Kylie Minogue** (PWL)
8 (N) *Ten Good Reasons* — **Jason Donovan** (PWL)
9 (6) *Quadrastate* — **808 State** (Creed)
10 (N) *Hot Budi Grun* — **Soulside** (Discord)

Compactos (EUA)

1 (N) "Another Day in Paradise" — **Phil Collins**
2 (N) "Don't Know..." — **L. Ronstadt & A. Neville** (Elektra)
3 (N) "Rhythm Nation" — **Janet Jackson** (A&M)
4 (N) "With Every Beat of My Heart" — **T. Dayne** (Arista)
5 (7) "We Didn't Start the Fire" — **Billy Joel** (Columbia)
6 (N) "Pump Up the Jam" — **Technotronic** (SBK)
7 (N) "Just Like Jesse James" — **Cher** (Geffen)
8 (N) "Back to Life" — **Soul II Soul** (Virgin)
9 (N) "Living in Sin" — **Bon Jovi** (PolyGram)
10 (N) "This One's for the Children" — **New Kids...** (Columbia)

Compactos (GB)

1 (N) "Get a Life" — **Soul II Soul** (10)
2 (N) "When You Come Back to Me" — **J. Donovan** (PWL)
3 (N) "Let's Dance" — **Jive Bunny** (Music Factory)
4 (N) "The Eve of the War" — **B. Liebrand/J. Wayne** (CBS)
5 (N) "Do They Know It's Christmas?" — **Band Aid II** (PWL)
6 (N) "Donald, Where's Your Trousers?" — **A. Stewart** (Stone)
7 (N) "Lambada" — **Kaoma** (CBS)
8 (N) "Dear Jessie" — **Madonna** (Sire)
9 (N) "I Don't Wanna Lose You" — **Tina Turner** (Capitol)
10 (N) "Sit and Wait" — **Sydney Youngblood** (Circa)

Compactos Independentes (GB)

1 (N) "Fools Gold" — **The Stone Roses** (Silverstone)
2 (N) "Madchester Raves on EP" — **Happy Mondays** (Factory)
3 (N) "Getting Away with It" — **Electronic** (Factory)
4 (N) "You Surround Me" — **Erasure** (Mute)
5 (N) "20 Seconds to Comply" — **Silver Bullet** (Tam Tam)
6 (N) "When You Come Back to Me" — **J. Donovan** (PWL)
7 (5) "Move" — **Inspiral Carpets** (Cow)
8 (N) "ARC — Lite" — **Loop** (Situation Two)
9 (4) "Wrote for Luck" — **Happy Mondays** (Factory)
10 (N) "Magic Number/Buddy" — **De La Soul** (Big Life)

Fontes: Billboard e Cash Box (EUA), Melody Maker e New Musical Express (GB). De 06 a 27/01/90. Para a Parada dos Leitores foram consideradas as cartas recebidas até 31/01/90.

Woodstock
the rock shop
COMPACT DISCS
LED ZEPPELIN
THE CLASH
JOHN MAYALL
U2
BAUHAUS
THE BEATLES
MUDDY WATERS
PINK FLOYD
YNGWIE MALMSTEEN'S
METALLICA
AC/DC
DAVID BOWIE
ROLLING STONES
THE MISSION U.K.
JOHNNY WINTER
DEEP PURPLE
JOE SATRIANI
RUSH
YARDBIRDS
UFO
THE WHO
BUDGIE
IRON MAIDEN
LED ZEPPELIN
ATENDEMOS TODO O BRASIL E ACEITAMOS ENCOMENDA DE QUALQUER DISCO.
R. Dr. Falcão, 157 - 161 Cep: 01007 Fone: (011) 353976
Metrô Anhangabaú Centro SP

LUZES, CÂMERA... ROCK'N'ROLL!

O OINGO BOINGO desembarca este mês no Brasil

Danny Elfman relembra a trajetória da banda, desde os tempos de troupe de teatro amador

Nunca pensei que um dia viesse a trabalhar com música", confessa Danny Elfman enquanto tenta espantar uma abelha inconveniente que flutua a um palmo de seu nariz. "Sempre achei que seria um montador de filmes, um diretor de fotografia que almejasse dirigir filmes. Mas música, não."

Danny Elfman é a contradição em pessoa; como sócio-fundador e líder do Oingo Boingo — o octeto californiano que deu ao mundo gemas "ueive" divertidas como "Only a Lad" e "Weird Science" — deixou adormecer seu lado cineasta para criar alguns dos discos mais maluquetes e idiossincráticos dos anos 80. Somente para, de 1985 em diante, virar um dos compositores de trilhas de cinema mais requisitados de Hollywood, numa ascensão rápida que culminou ano passado com *Batman*, mas que está longe de esmorecer.

Hoje ele divide-se entre o Oingo — gravando discos, excursionando, mantendo a tradição dos shows anuais que a banda faz em Los Angeles no Dia das Bruxas — e o cinema. Ao mesmo tempo que prepara o novo álbum do grupo, Danny concluí as trilhas de *Nightbreed* (baseado num romance de Clive Barker e dirigido pelo próprio autor), *Dark Man* (um filme de terror para a Universal sobre "um sujeito que morre e depois, já em adiantado estado de decomposição, é que descobre que morreu"), *The Simpsons* (uma série de desenhos animados para a TV americana) e *Oh, No, It's Them* (a versão americana da série humorística inglesa *The Young Ones*).

Se der tempo, ainda fará outra trilha, para mais um desenho de Roger Rabbit. Sua atual preferência, no entanto, é "fazer coisas divertidas com gente morta", uma referência jocosa a *Nightbreed* e *Dark Man*, mas também um ato falho que traz à lembrança as caveiras tradicionais do dia dos mortos no México que costumam enfeitar capas, camisetas e cenários dos shows do Boingo.

Afinal, as duas coisas — Oingo e cinema — sempre estiveram juntas, de uma forma ou de outra, desde a criação do grupo.

Foi sobre as contradições deste casamento e sobre seus percalços nos bastidores da tela que Danny Elfman conversou numa tarde morna de novembro no quintal (quintal? Aquilo mais parece uma floresta) de sua casa, escondida num despenhadeiro de Topanga Canyon, a meio caminho entre o oceano Pacífico e o deserto.

"Todo roqueiro sonha com o dia em que escreverá uma composição para orquestra"

Uma coisa que pouca gente conhece sobre sua carreira é o período pré-Oingo, uma fase em que você já mexia com cinema: você fez a música de um filme chamado *Forbidden Zone*.

Na verdade, a música de *Forbidden Zone* foi feita sob o nome da banda. E não era bem uma trilha sonora como as que faço hoje. O filme era de meu irmão. Meu irmão é que tinha fundado... eu não chamaria de banda, nos considerávamos uma troupe teatral musical naquela época. Quando meu irmão e eu nos separamos, levei a troupe numa direção mais musical, e ele quis fazer filmes. O primeiro foi *Forbidden Zone*, que ele mesmo financiou. Daí pediu a nós — os Mystic Knights, era como nos chamávamos — que fizéssemos a música.

O que vocês faziam no Mystic Knights poderia, de certa forma, ser comparado ao que você faz hoje em dia no cinema: misturar duas formas de arte num mesmo veículo, só que, naquele tempo, música e teatro, em vez de música e imagens.

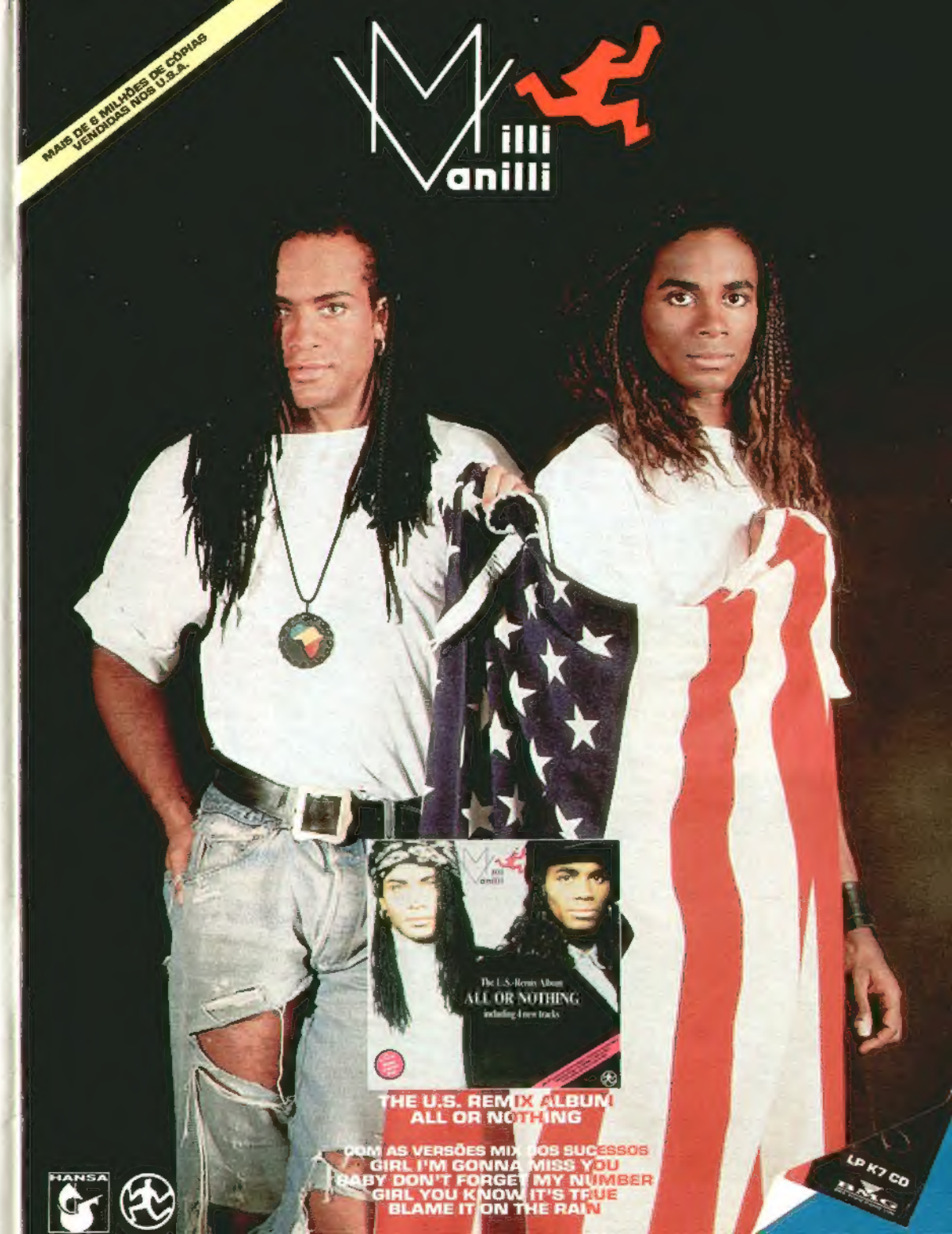
É. A banda se chamava The Mystic Knights Of The Oingo Boingo e, a título de clareza, daqui para frente vamos nos referir à antiga banda como Mystic Knights e à nova banda como Oingo. Portanto, os Knights talvez fossem mais próximos do que eu faço para o cinema, porque a maior parte das músicas era baseada no som dos anos 30, na música de Duke Ellington, mais um pouco de Prokofiev. E não deixava de ser um casamento de peças musicais estranhas com imagem. Talvez até tivesse sido um treinamento para o que eu faço hoje.

Como os Knights foram recebidos no cenário rock de Los Angeles naquela época?

Não creio que a gente tenha conseguido se integrar. Éramos muito destacados: não era música, mas também não era teatro. Tínhamos criado nosso próprio mundo e vivíamos dentro dele: construíamos nossos cenários, fazíamos nossas roupas de palco... então não cabíamos em lugar algum. Além disso, no auge dos Mystic Knights — de 1972 a 1978 — eu nem me tocava da "cena musical". Eu costumava nunca escutar rock and roll! Eu me recusava a escutar qualquer coisa que tivesse sido feita depois de 1940 — quer dizer, minha cabeça estava no Harlem de 1932, ou na Paris de 1929 a 1933, e aquelas eram as minhas fontes de inspiração. Eu queria ter uma espécie de tapete mágico para viajar entre os balés de Paris, onde Stravinski estava apresentando em primeira mão seus novos trabalhos, e o Cotton Club no Harlem, onde Duke Ellington estava apresentando em primeira mão os novos trabalhos dele! Foi só a partir de 1978 que comecei a escutar música mais recente. E acho que foi a música que saía da Inglaterra naquela época que me inspirou inicialmente, porque eu compunha coisas energéticas, mas odiava o rock dos anos 70. Daí, quando ouvi o ska, aquilo realmente me ativou, porque eu adorava o *high life* da África Ocidental, e o ska me parecia uma mistura de *high life* com o reggae, só que mais acelerado do que o reggae. Aquilo imediatamente fez sentido para mim e me encorajou. Talvez houvesse, enfim, um lugar para mim na música contemporânea. Eu não precisava ser meloso (como era a regra do rock dos anos 70 nos Estados Unidos) e podia fazer uso da minha adrenalina frenética. Em 1978, já estávamos ficando de saco cheio do teatro. Tínhamos feito todo o possível e não queríamos começar a nos repetir. Então conversei com Steve (*Bartek, guitarrista do Oingo*) e disse: "Vamos fazer uma banda de rock!" Ele se amarrou. Quando falei com os outros, todos fizeram caras feias. Então, o naipe de metais, Steve e eu demos início ao que viria a ser o Oingo Boingo, para o qual foi preciso achar um tecladista, um baterista e um baixista novos.

De certa forma, o alcance do Oingo Boingo sempre ficou restrito, nos Estados Unidos, à costa oeste — o território onde o grupo se formou. Por quê?

Quem sabe? Não tenho a mínima idéia. Quer di-



zer: é muito difícil ser famoso aqui numa escala nacional. Tudo é tão regional. Ou você precisa ter um grande apoio de rádio — o que nunca tivemos — ou tem de excursionar o ano inteiro, que é o tipo de coisa que nunca me interessou, especialmente no começo: éramos um grupo enorme, seria o mesmo que cair na estrada com duas bandas ao mesmo tempo. Então sempre perdíamos dinheiro. Era sempre a maior dificuldade. Obviamente, não éramos o tipo de banda que podia jogar todo o equipamento no bagageiro de um furgão e sair viajando — que era o que fazia a maioria das bandas daquela época. Éramos um octeto, com um caminhão cheio de trasha! Por isso, para cada show que fazíamos em Nova York, havia três em Chicago. E, para cada três em Chicago, fazíamos doze na Califórnia. Assim.

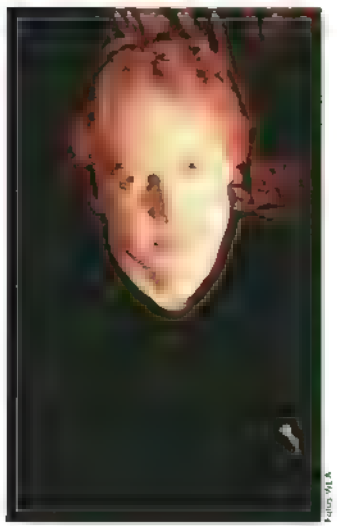
No início de sua carreira, a todo instante, o Oingo Boingo era comparado a bandas como Devo e B-52's. Como você reagia a isso?

Essas comparações ao Devo ocorreram porque realmente tocávamos música bem rápida, agitada, de maneira frenética, e eles também, mas acho que a cada álbum fomos nos distanciando gradativamente. As origens do Devo tinham mais a ver com a transformação de um bando de artistas plásticos numa banda de rock. E nós queríamos simplesmente ser diferentes, mudar constantemente e nunca repetir a mesma coisa mais do que um par de vezes. Eram uma chatura, no começo, essas comparações, mas depois do terceiro álbum elas cessaram.

Você disse, no início da conversa, que sempre quis trabalhar com cinema, mas nunca quis fazer trilhas propriamente ditas.

Era uma categoria na qual eu não queria entrar: a das trilhas "pop", que são as trilhas de filmes "jovens" e "atuais", compostas para guitarra, baixo e bateria, meio como canções sem letra, o tipo de coisa que existe muito por aí. Decidi que não era isso o que eu queria fazer. Eu sou um tradicionalista meio maluco, acho. Eu fantasiava que um dia faria uma trilha com orquestra, mas todo roqueiro sonha com isso: que algum dia escreverá uma composição para orquestra. Mas eu não acreditava que fosse capaz disso. Achava que somente quando tivesse sessenta anos é que teria uma chance de fazer uma trilha para orquestra. Qual não foi minha surpresa quando, em 1985, Tim Burton e Pee Wee Herman — que na época também atendia pelo nome verdadeiro de Paul Reubens — me chamaram para uma reunião. Foi então que me contrataram para fazer a trilha de *Pee Wee Herman's Big Adventure* (inédito no Brasil). E ninguém ficou mais surpreso com isso do que eu.

"A primeira coisa que tive de fazer foi esquecer tudo que havia aprendido no [redacted]"



Paulo Vilela

Você não tinha experiência alguma, como conseguiu realizar a trilha?

Tive que aprender tudo, do zero. A primeira semana foi um inferno mas, com a ajuda do editor musical Bob Badami — que me ensinou o básico sobre o *timing* em uma trilha —, na segunda semana meu pânico já estava diminuindo. Na terceira, também chamei Steve, do Oingo, como arranjador, porque ele sabia ler e escrever música e era capaz de me mostrar um erro toda vez que eu metia os pés pelas mãos. E também me deram um outro orquestrador mais experiente, Lenny Nehaus, que acabou sendo um fator estabilizante em todo o projeto. A primeira coisa que tive de fazer foi esquecer tudo o que eu havia aprendido no Oingo Boingo, apagar da minha mente qualquer noção de música pop, e voltar à época em que eu tinha doze anos, quando adorava as trilhas de Bernard Hermann (*compositor da trilha de Psicose e de vários outros filmes de Hitchcock*). Eu costumava ver os filmes de Hermann, seis, sete vezes. Também sou o maior fã de Nino Rota (*compositor das trilhas dos filmes de Fellini*).

O método de trabalho que você usa para fazer um disco do Oingo Boingo deve ser, então, muito diferente do método utilizado para compor uma trilha.

Num disco comum, você pode gravar cinco faixas, parar, começar de novo, parar e compor mais algumas canções e começar de novo. Se a grana acabar e você tiver um relacionamento decente com a gravadora, pode chegar a pedir "por favoooooor! Dá para a gente ter mais uns quinze mil dólares? É que a gente quer gravar mais duas músicas..." E o mais provável é que a gravadora concordará porque não estamos falando em enormes quantias em dinheiro. É aí que diferem bastante os 150 mil dólares que você gasta, ao todo, fazendo um disco, dos 50 milhões de dólares que custa um filme. Só o orçamento da trilha musical de um filme grande pode custar 750 mil dólares. Ou mais! A pressão é muito maior...

Você e Tim Burton já trabalharam juntos em três filmes: o primeiro de Pee Wee, *Beetlejuice* (*Os Fantasmas se Divertem*) e *Batman*. O que os une tanto assim?

O sucesso do casamento da trilha musical com o filme depende muito do relacionamento entre o diretor e o compositor. Os diretores não pensam nem falam usando uma linguagem musical e, quando existe um bom relacionamento, os compositores conseguem adivinhar o que os diretores desejam e traduzem isso em termos musicais. Acho que temos um tipo de sensibilidade em comum.

Discutiu-se muito o lançamento de duas trilhas sonoras para *Batman*: a sua e a de Prince. Qual a sua versão da história?

A polêmica maior, na verdade, foi criada pela imprensa. E o único ponto discutível é que a gravadora resolveu lançar a minha trilha bem mais tarde do que a outra. No meu entender, este não é um problema tão grave assim. Acho até surpreendente que tenham lançado as duas!

[redacted]

UM GOLPE DE ESTADO NA POLÍTICA DO ROCK NACIONAL

JÁ À VENDA EM TODAS AS LOJAS

ÁLBUM E CASSETE

estúdio eldorado

AGORA FALANDO SÉRIO

ED MOTTA esclarece que nasceu para o trabalho e alfineta os "poetas" do rock

Foto: Ricardo Stucker Azul

O menino é um prodígio!

Aos dezesseis anos, gravou seu primeiro LP. Em menos de um ano, fez das músicas "Vamos Dançar" e "Manuel" hits nacionais, excursionou por todo o país e ganhou alguns prêmios.

Depois de um sumiço estratégico desde meados de 89, o lançamento deste segundo LP promete reacender polêmicas. A Conexão Japeri foi dissolvida e apenas Ed Motta e sua cara-metade Bombom (baixista na antiga banda) assinaram *Um Contrato Com Deus*. A dupla é responsável pelas composições, arranjos e produção, além de todos os instrumentos, exceto cordas e metais. "Não é um trabalho de vanguarda. Eu já pensava neste disco desde que o outro estava terminado. Para mim é *este* o meu primeiro

"Me chamem de tudo, menos de rock. É como xingar minha mãe!"

disco. Queria ter feito tudo isso antes, mas tinha a banda, uma certa insegurança e, é óbvio, faltava amadurecimento musical. Eu não tocava nem cantava como hoje. As pessoas acham que eu ainda sou o 'Manuel'. Não me importo com isso. Agora estou cada vez mais perto da minha verdade", diz Ed Motta em tom profético.

A começar pelo título — tirado de um livro de Will Eisner, mestre dos quadrinhos e criador do Spirit —, há um certo ar místico envolvendo todo o projeto. "A história do livro não tem nada a ver com a letra da música nem com o disco em si, mas achei esse título superforte. É uma coisa meio pretensiosa. Talvez eu faça parte disso. Tenho um contrato com Deus e gravo todos os instrumentos no meu disco", explica, sem esconder um sorriso faustiano. Logo depois, confessa não saber ao certo se crê em Deus, preferindo acreditar na "união das pessoas" e citando o gospel como exemplo.

Muita gente não o perdoa pelo culto a si próprio, tantas as vezes que o chamaram de egocêntrico. "Não sei se esta é a palavra certa porque meu ego não é cego, do tipo 'agora vou tocar violino'. Não é isso. Não quero ser mais do que ninguém. As pessoas encararam por aí porque têm medo. Nego tem trinta anos e não sabe tocar direito. Eu, na verdade, sou o cara que mais gosto (*sic*). Adoro ver meu nome nos jornais. Agora, o egocêntrico quando admira outro, este só pode ser inacreditável", pondera. "Como a minha admiração pelo Bombom. Ele é meu irmão mais velho na música."

Embora os dois já se conhecessem desde a época em que Bombom assumiu o baixo da banda Conexão Japeri, Ed só percebeu a sintonia num preciso momento. "Não esqueço o dia que o Bombom entrou no meu quarto e começou a tocar guitarra. Reparei que a pegada dele era igual à minha. Daí fechei com ele e começamos a levar um som. Trabalhávamos isolados, cada um na sua casa. No dia seguinte, nos reuníamos para ver o material. Era assim todos os dias."

Vem das letras do disco. Bombom deu a Ed o seguinte conselho: "Não dê margem para as pessoas dizerem que o teu trabalho não presta". Seguindo-o à risca, Ed partiu em busca de um certo preciosismo, com a intenção de "trazer o melhor".

Sem que ninguém soubesse de maiores detalhes, três demos foram gravadas — "praticamente iguais porque já saíamos com tudo em cima" — antes de entrarem em estúdio, em setembro do ano passado. A divisão dos instrumentos, com baixos e guitarras revezados, se deu "de forma natural", assim como a inclusão das oito vinhetas. "Foram compostas para isso. Não queria que fossem músicas, mas gostaria que as pessoas conhecessem. Tenho umas trinta músicas assim. Tenho idéias e gravo, ou guardo na memória."

Não foram raras as vezes em que Ed, durante a entrevista, serviu-se do violão para "musicar" seus comentários. Fatos como esse evidenciam seu rotineiro exercício de compor. "Faço música praticamente todo o dia. Eu acordo e o violão já está ao lado da cama. Quando não estou tocando, vou ouvir um som. Sou o tipo do cara que fala de música o tempo todo. Música na minha vida nunca foi diversão."

Recorrendo a um passado ainda recente, Ed encontra razões para sua precocidade. "Desde moleque, minhas coisas nunca foram dirigidas para a minha idade. Parei de brincar muito cedo. Larguei o carrinho pelo violão. Minha diversão era ouvir discos e ir dançar com minha irmã. Minha mãe sempre me levava a shows. Vi Earth, Wind & Fire, por exemplo, com nove anos. Enfim, costumava me relacionar com pessoas mais velhas que eu. Na minha turma de escola ninguém sabia o que era Ten Years After."

Além dos discos e shows, Ed passou a adotar livros como fonte de informação. "Sempre gostei de ler sobre música e sonhava um dia ter todos os discos que via naquelas enciclopédias."

Como vocalista da banda de hard rock Kabala chegou a se apresentar com longos cabelos. "Eu era fã do David Coverdale, mas essa fase passou rápido", emenda. "Tive várias bandas e muitos problemas por causa da minha seriedade. Desde a época do colégio, eu já idealizava milhares de coisas e queria colocá-las em prática. Mas as pessoas não acreditam num cara novo."

Hoje, aos dezoito anos, Ed Motta trocou toda a ansiedade por provar seu talento pela consciência plena do que vem a ser o sucesso. "Na minha cabeça, parece que se passaram muito mais que dois anos. Mudei bastante do primeiro disco para cá, até como pessoa. Amadureci, mas minhas idéias continuam as mesmas. Não me preocupo com o que vão achar ou deixar de achar. Gosto de tocar para as pessoas. Quando gravei meu primeiro LP, sabia que ele não ia ficar encostado. Sempre sonhei com o reconhecimento. O mais importante de tudo é que sou famoso não porque tenho o cabelo engraçado ou porque sou gordo. As pessoas deram o mérito pelo lado musical. Não tenho do que reclamar da imprensa", reconhece. "Foi uma chance que tive para mostrar a minha pessoa. Queria que as pessoas conhecessem o Ed Motta, mesmo fazendo coisas que não estava a fim", referindo-se às constantes aparições na mídia, nem sempre vistas com bons olhos. "As pessoas querem ver a caveira de quem está no topo", dispara Ed. "Este tipo de mesquinharia ideológica rola muito no underground do Rio e de São Paulo. Eles têm ódio das pessoas que fazem sucesso... das que são bonitas...das que ganham dinheiro...Mas o meu lance sempre foi supersério."

Quem o vê falando, assim, mal poderia imaginá-lo cantando "Eu não nasci pra trabalhar".

"Veja bem, eu não gosto de bagunça", esclarece Ed com os olhos arregalados. "Infelizmente, 90% das pessoas trabalham no que não gostam ou estudam só pelo canudo. Acho que essa música passa aquela coisa meio camuflada da escola. Eu ainda estava muito amargo com isso. Era como uma vingança, tipo 'um dia vou voltar aqui para dizer que vou ser o fodão'. Besteira, coisa de garoto... Na verdade, as letras retratam mais a cabeça de quem as fez", confessa. "Tem um pouco a ver comigo. Nunca fui a baile todo fim de semana, mas gostava de música americana. Aliás, acho que sou americano. Pelo menos, encaro desse modo. Quando eu durmo, digo 'eu sou americano', porque minha música é americana. Tudo bem, sou brasileiro, mas não tenho influência de música brasileira. Não sei tocar nenhuma música no violão e nunca fui de ouvir música brasileira. Quando componho, costumo usar fonemas parecidos com os da língua inglesa."

Então por que não abandonar de vez o português? "As pessoas não vão entender, as rádios não vão tocar. O inglês é mais musical, principalmente para o tipo de música que faço. Mas para aceitarem o Ed Motta em inglês é complicado. Eu gosto muito de cantar em inglês. O problema é que não saco nada de inglês, nada. É só o feeling, o americano que existe dentro de mim", graceja.

Mesmo negando qualquer influência da MPB, artistas como João Bosco, Luiz Melodia e Gilberto Gil merecem a atenção de Ed, principalmente Itamar Assumpção. "Gosto muito dele. Sou fã mesmo: tenho todos os discos."

Falar em Tim Maia a essa altura do campeonato seria por demais repetitivo, não fosse a insistência do sobrinho em reverenciar o "cara que trouxe o funk e o soul para o Brasil". As semelhanças, Ed considera óbvias. "Como o trabalho da Whitney Houston é parecido com o da Cissy Houston. É de família. Tenho muito orgulho disso. Se eu, Skowa & Máfia, Cláudio Zoli e até o pessoal do hip hop estamos fazendo esse tipo de som, é porque nisso tudo tem um dedo do Tim Maia."

As preferências atuais de Ed Motta caminham pelo funk (pronunciado por ele com característico sotaque americano) e soul, citando nomes como Soul II Soul, Bobby Brown, Keith Sweat e Al B. Sure. "Os caras cantam bem", justifica. "Eu acredito no músico, não acredito no 'do it yourself'. Sou meio radical. Se eu pegar um disco de um cara que toca funk, rock e reggae, tiro na terceira faixa. Para mim, isso é mentira." Imediatamente, antes mesmo de lhe ser perguntado, ele define seu trabalho com extrema convicção. "É funk e soul *mesmo*. As influências, eu deixo para as outras pessoas apontarem. É muito difícil ouvir uma definição como essa. Geralmente, dizem assim 'somos uma mistura...'", ironiza.

"É a lei da vida. Não podemos esquecer." O preconceito contra a black music não chega a perturbar Ed Motta tanto quanto a supremacia do rock. "Teve uma época em que a disco music tocava nas rádios. Meus ídolos aos sete, oito anos eram Tavares, K.C. & The Sunshine Band, Jimmy Bo Horne. Hoje em dia, os ídolos da garotada são as bandas de rock nacionais. Esses roquezinhos safados tocam direto no rádio. O mais desagradável é ter de conviver com esses caras, dar entrevistas, tocar junto. Acho que não pode ter mistura. O rock jamais deveria se misturar com a rapaziada do funk. Stevie Wonder não toca com Iron Maiden. No Brasil, é assim. George Benson com B-52's. E eu toco com bandas de rock. Isso me prejudica. Não posso tocar minhas baladas, eles tocam alto para cacete, fodem os amps. Sim, porque rock é guitarra. Os cantores ficam só nas letras, que você só entende no disco. Ao vivo, você não ouve nem a voz. Hoje em dia, as coisas estão sendo niveladas por baixo. Se o cara for um poeta e tiver um amiguinho que saiba tocar um ré maior na guitarra, pronto, já é contratado por uma grande gravadora e apontado como revelação do ano."

"São uns poetas, mas não sabem tocar", continua Ed, puxando o violão para dar um exemplo. "Eles não nasceram para ser músicos. Não tenho nada contra uma letra, mas eu gosto de ouvir a música. Acho que estão esquecendo esse lado. Os garotos do rock têm postura. Eles vêem bons filmes... usam roupas bacanas... lêem bons livros... só não sabem cantar afinado nem tocar. Eu não sinto a musicalidade. É bacana e tal. Você sabe, eu adoro cinema. Mas não é porque assisto a um filme do Derek Jarman que vou fazer uma música. Não é isso. Billy Wilder não tem nada a ver com música. Ah, e tem também aquele papo 'a gente se conhece desde garoto'. Eu tenho milhares de amigos que começaram a tocar na mesma época que eu e nem por isso vou fazer uma bandinha com eles."

Ed chega a propor uma união, "como existe lá fora, onde o lance do funk, soul e reggae é superfechado". Para ele, nada pode ser feito enquanto houver confusão. "Ed Motta tem dezoito anos, então é rock. Qualquer música mais rápida é rock. Dizem até que eu faço funk mas tenho um não sei quê de rock. Não tenho nada, nada de rock. Naaaada, nunca. Não quero ver meu nome envolvido com rock. Me chamem de tudo, menos de rock. Eu fico puto. É como xingar minha mãe."

Mesmo depois de tanta indignação, Ed faz questão de deixar bem claro que "não tem nada contra a rapaziada do rock". Afirma ter amigos tocando nessas bandas e ainda assim garante: "Por mais que eu goste de Led Zeppelin, Deep Purple, nunca vou ficar arrepiado ouvindo rock."

"O mercado quer o rock, ou seja, essa nova música brasileira, de jovem", adverte. "Não sou eu que digo isso, é o que acontece. Eles vendem mais do que eu, dão mais entrevistas, são os queridinhos. Todo mundo grava música deles. Eu não quero gravar nada deles e nem que eles gravem nada meu."

Tão descartado quanto o rock, está o produtor musical na opinião de Ed Motta. "Cada um deveria produzir seu próprio disco, mas nego não conhece nada. Um bom músico não precisa de um produtor. Stevie Wonder, Marvin Gaye, Curtis Mayfield, Prince, Tim Maia, Ed Motta, Skowa, esses caras não precisam. Agora, os caras do rock são altamente inseguros. Estão doidaços, cheios de problemas... Eu sou um cara sem problemas. Se tenho de gravar, pode ter morrido todo mundo, mas eu vou gravar. Não tem essa de 'estou com problema', 'falta clima'... Aí, chega um produtor e diz 'faz assim'. Só que para dizer isso, tem de fazer melhor que eu. Se Stevie Wonder falasse 'faz assim, Ed', eu diria 'tudo bem, sim senhor'. Mas não é um cara da Zona Sul que vai me dizer o que tenho de fazer. Tenho muito que aprender, mas não com essas pessoas do rock", diz, rindo bastante.

Aproveitando a trégua, pergunto: aprender com quem, como e por quê? Ed relaxa a expressão e responde: "Com a vida. Eu quero ser músico. Já tive vários professores, mas nunca trabalhei a voz. É um lance de Deus, sagrado. Aprendo comigo, com as pessoas. Ando estudando em casa, passo várias tardes tocando violão. Acho que meus discos foram meus grandes professores. Eu fui aluno do Stevie Wonder, do Quincy Jones, do Marvin Gaye..."

Ed Motta pode ter perdido a modéstia, não o juízo.

O FIO DA NAVALHA

Os irmãos Reid — ou JESUS & MARY CHAIN — lutam para sobreviver à sua própria lenda

Jim Reid está chocado. De vez em quando ele levanta a cabeça e solta algum palavrão impublicável. Em suas mãos está a edição da *Rolling Stone* com sua lista dos cem melhores álbuns dos anos 80. Os irmãos Reid sempre tiveram a reputação de salpicar as entrevistas com comentários maldosos sobre outras bandas. E lá vem: "O quê? O U2 é o terceiro? E o primeiro lugar é o Clash? Os americanos têm um gosto estranho."

Decido interferir, caso contrário ele vai passar o dia inteiro lendo a revista. Comento que Jesus & Mary Chain é bastante popular no Brasil. "É, já me disseram isso. Mas não vendemos muitos discos no Brasil. Já nos convidaram para tocar lá. Vamos acabar indo ainda. E não acharia uma má ideia."

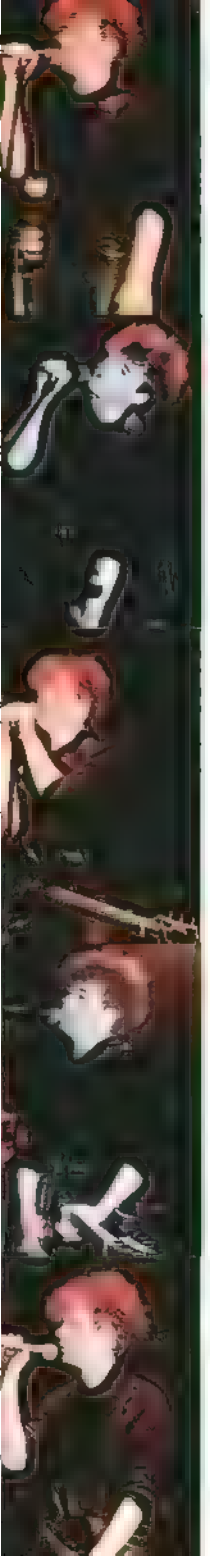
Em setembro do ano passado, os irmãos Jim (vocais, letras) e William Reid (guitarras, vocais eventuais) voltaram a ocupar as páginas das principais publicações musicais do planeta. O lançamento de *Automatic*, o terceiro LP, reacendeu a polêmica: pertenceria ainda ao Jesus & Mary Chain o posto de "banda mais [illegible] da década"?

"Eu acho que *Automatic* é fucking brilliant! Não é melhor que *Psychocandy*, mas é tão bom quanto", afirma Jim ao semanário inglês *Melody Maker*. Cinco anos depois do lançamento de seu álbum de estreia, os irmãos Reid ainda lutam para fugir às comparações e sobreviver à própria lenda. Afinal, foi *Psychocandy* que projetou a dupla como a última salvação da música pop em 1985. Os críticos da *Rolling Stone* não o colocaram em sua lista — preferindo nomes como Marshall Crenshaw e John Hiatt [illegible] — mas a improvável [illegible] de doces melodias pop com microfonia e [illegible] transformaria o LP num dos marcos da década, gerando incontáveis imitadores em todos os cantos do planeta.

O império da microfonia, porém, teria vida curta. "Some Candy Talking", o EP de 1986, [illegible] o [illegible] para trazer à tona o [illegible] delicado e triste de *Darklands* (1987), confirmava os temores dos fãs. "Precisávamos dar um fim naquela história de microfonia que estava destruindo o grupo", declararia Jim à *Melody Maker*, [illegible] o pop suave e [illegible] do segundo LP.

Seriam necessários mais dois anos para que Jesus & Mary Chain se aventurasse a gravar um novo álbum. Nesse meio tempo, o silêncio dos escoceses foi quebrado pelo compacto "Sidewalking" e pela regravação de "Birthday", ao lado dos Sugarcubes, [illegible] lançados em 1988. Nesse mesmo ano chegaria às lojas a coletânea *Barbed Wire Kisses*, reunindo compactos, lados B e gravações inéditas.

"Blues From a Gun", compacto lançado em agosto do ano passado, colocava um ponto final nos boatos que antecipavam o fim da banda. Mas [illegible] do que nunca, os irmãos Reid anunciavam seu terceiro LP, produzido pela própria dupla, que chegou a



dispensar a oferta de vários produtores, entre eles Daniel Lanois (Bob Dylan, Neville Brothers). Completando a banda, o inseparável baixista Douglas Hart — que acompanha os Reid desde as primeiras apresentações em East Kilbride, sua cidade natal — e um computador rítmico, encerrando o rodízio de bateristas no posto.

"Você já ouviu o disco?", pergunta Jim, com um olhar desconfiado. "O último jornalista com quem conversei nem havia escutado o LP! Completamente inútil." Relembro a noite passada ao som de *Automatic* e respiro aliviada, antes de disparar a primeira pergunta.

Em *Automatic*, o som da banda ganhou mais peso, sem perder as velhas características...

O que tentamos fazer foi reunir o melhor de todas as coisas diferentes que havíamos feito no passado: o melhor de *Psychocandy*, o melhor de *Darklands*... Tentamos usar todos esses ingredientes. Quanto ao som ter ganho mais peso... Não viramos uma banda maior, ou qualquer coisa do tipo. Usamos teclados em *Automatic*, mas já tínhamos usado um Fairlight em *Psychocandy*. É difícil ouvi-lo. Tudo que se ouve naquele disco são guitarras, mas existem alguns teclados espalhados. Então, em *Automatic*, fizemos o que sempre havíamos feito, só que melhoramos... Algumas pessoas acham que pioramos. *(risos)* Não sei.

Você acredita que a inspiração se perde depois de um certo tempo? Atinge-se o ápice, e daí para frente vem a decadência.

O triste é que, quando isso acontece, a pessoa não percebe ou não quer admitir. Não consigo pensar em nenhum artista que tenha tido sucesso durante vinte anos sem decair. Podem existir exceções, mas não conheço nenhuma.

É triste...

O melhor disco de qualquer banda deve ser o primeiro, eu acho. É aquele que você faz com cem por cento de entusiasmo, ainda intocado pelo *music business*. As músicas de *Psychocandy* foram escritas antes de termos conhecido essa gente de gravadora, conversado com jornalistas ou mesmo feito shows. É um disco intocado pelo meio musical, completamente ingênuo. O primeiro disco de uma banda é sempre assim, dá para sentir isso. Eu adoro *Automatic*, mas é possível ouvir nele os cinco anos de contato com o *music business*. Não dá para se livrar, não dá para fingir. Você não pode desafinar sua guitarra, nem tocar fora do ritmo. A beleza de *Psychocandy* é que nós não sentíamos que era preciso afinar as guitarras.

Isso significa que a música pop deve ser feita apenas por jovens?

Não. Você pode gravar seu primeiro disco aos sessenta anos, e ele pode ser bom. Acho que isso nunca foi feito... *(risos)* Quando você entra na indústria musical, suas atitudes mudam, você se torna mais cínico. Se você grava um disco aos sessenta anos sem nunca ter tido contato com o meio, ele pode soar tão puro quanto aquele feito por um garoto de dezesseis anos. Acho que, quando eu chegar aos sessenta e cinco, vou ser tão imaturo quanto era aos dezoito. Algumas pessoas já nascem velhas, outras serão sempre imaturas. Sou aquele tipo de pessoa que nunca vai crescer e nem quero.

Tudo isso, porém, é parte da música pop, não é?

Não acho que seja apenas no mundo pop que isso acontece. É sempre assim, em qualquer área criativa. A partir do momento que você percebe que tem de ganhar dinheiro para sobreviver...

A recepção da imprensa britânica para o novo disco foi morna. A crítica mais constante é de que vocês estão ficando cada vez mais mainstream — seja isso o que for...

Exatamente, seja isso o que for! O que é mainstream? Nosso álbum que mais vendeu até hoje foi *Psychocandy*. Se o disco novo é mainstream, o que é *Psychocandy*? Fico furioso com esse tipo de comentário. As pessoas insinuam que, só porque o grupo não usa mais tanta microfonia, está se vendendo. O que eles não sabem é que o disco que mais vendemos é o que tem mais microfonia. Eles deviam pensar antes de fazer comentários desse tipo.

Vocês evoluíram como músicos?

De jeito nenhum. Mudamos como músicos, mas não sei se evoluímos...Isso implicaria dizer que já éramos músicos no começo. Mas a verdade é que não sabíamos tocar uma nota. O William estava tocando guitarra há apenas dois meses quando decidimos formar a banda. Ninguém notava, ninguém se importava, ele fez o melhor que pode. E é o que ele faz agora. O William sabe como usar uma guitarra do modo errado, nisso ele é bom. Ele não tem respeito nenhum por um instrumento musical, acha que ninguém deve ter. Se você pega uma guitarra e tenta tocar direito desde o começo, vai acabar como o Eric Clapton, aquele velho babaca. Falam dele como um "gênio da guitarra". O jeito como ele toca me dá vontade de vomitar! Nós compomos agora do mesmo jeito que fazíamos há seis anos, num violão. Eu não mudei em nada, não sei tocar guitarra! Eu sabia alguns acordes no começo, e aprendi mais alguns desde então. Mas nem sei como se chamam!

Em 1987, vocês sentiram o primeiro gostinho do sucesso, com o single "April Skies" chegando às Dez Mais da parada britânica. Outros compactos chegaram aos Top 40. Vocês se consideram uma banda de sucesso?

Não sei... Ficamos entre os quarenta mais vendidos porque nossos fãs compraram os discos. Lançamos o compacto "Blues In A Gun" e ninguém tocou na rádio — a não ser o John Peel, que sempre toca nossos compactos. Eu adoro ele, mas não vende discos, não é? "Sidewalking" chegou ao décimo terceiro lugar na parada, mas não foi executada por nenhuma rádio. Parece que estamos sendo empurrados para fora do *music business*, lançando discos que ninguém toca... Não podemos continuar assim.

No início da carreira, vocês diziam que estavam se rebelando contra todo o pop "bem-comportado" da época. Mas, hoje em dia, vocês coexistem lado a lado.

Ainda acredito nisso. Nós sofremos muito, fazendo sessões de fotos para a *Smash Hits*, lançando compactos como "Never Understand". Fizemos esse compacto porque queríamos chegar entre as Dez Mais. Queríamos que o compacto fosse notado porque desta maneira realizaríamos algo importante para o mundo pop. Foi por isso que metemos o pau no cenário independente... Era uma coisa tão "metida" e, na verdade, não afetava ninguém. Acabamos chegando entre as Dez Mais com "April Skies". Foi para isso que começamos a banda, para oferecer algo diferente de toda essa merda que existe nas paradas.

Quando o Jesus & Mary Chain apareceu, falou-se muito sobre a influência dos anos 60 no som da banda. Atualmente, os *sixties* ganharam força novamente com o surgimento de bandas como os Stone Roses.

Eu gosto dos Stone Roses e dos Happy Mondays. Mas desprezo a maneira pela qual as pessoas falam deles. Você mencionou os anos 60, e é exatamente o que eles são. Mas, nas revistas, ninguém menciona isso. Citam apenas a acid house como referência. De certa maneira, é triste o que a imprensa está fazendo com eles. Estão criando expectativas, chamando-os de "a próxima grande sensação". Mas esse *hype* não dura muito, ele morre e te deixa nu com as músicas. Nós passamos por isso. Sobrevivemos fazendo coisas como "Some Candy Talking". Mas... boa sorte a eles. Os Stone Roses parecem ter a mesma atitude que tínhamos no começo. Gostaria apenas de saber se eles têm mesmo algum disco de acid house em casa, ou estão usando essa referência em seu próprio benefício.

Você acha que existe alguém, no momento, fazendo algo realmente radical, novo?

Não, ninguém está fazendo nada de novo. Ninguém nunca fez nada de novo. Cite um disco que não tenha vindo de algo anterior a ele. O rock n'roll tem trinta anos... e surgiu a partir do blues. Algumas pessoas, porém, sabem adicionar algo que o torna original. Acho que a última banda realmente original foi Suicide. Em 1977, eles faziam um som completamente diferente do que existia na época. Mas nada é novo. Dizem que a acid house é nova. Como você pode dizer isso de algo que nada mais é do que pedaços de outras músicas? A idéia de samplear é nova, mas em função da tecnologia.

O mais interessante é que pessoas que não são músicos podem fazer música.

É verdade, e eu adoro essa idéia. Gosto de alguns discos, que são fantásticos... O rock n'roll está em péssimo estado, e a acid house é a única coisa que está realmente acontecendo hoje em dia. Mas há certas coisas nessa área que eu odeio. Não existe personalidade nenhuma. Tem o Mark Moore, do S'Express que todo mundo conhece, mas... Você sabe quem são os integrantes do Digital Underground? Não há rostos na dance music, não há ninguém aparecendo na TV e dizendo "Fodam-se!" para a nação inteira. São apenas produtores e DJs que não se importam... Veja, por exemplo, o estado em que se encontra esse país. É a maior bagunça, há anos não ficava tão mal assim... E você tem todos esses discos de dance music, dizendo para as pessoas dançarem! Quem quer saber de dançar? Não há personalidades, não há Joe Strummers ou Johnny Rottens, apenas pessoas anônimas, fazendo discos de dance music.

Que tipo de influência a música pop pode exercer sobre a vida das pessoas?

Eu trabalhava numa fábrica e não tinha interesse nenhum no trabalho. Eu era jovem, e talvez ingênuo, mas e daí? A música mudou o curso da minha vida. Não estou sendo dramático, foi isso mesmo que aconteceu.

Será que Jesus & Mary Chain provocou o mesmo efeito sobre a vida dos seus fãs?

Não sei... Espero que sim. Foi a razão pela qual começamos a fazer música. Mas não sei... não me misturo com os fãs. Recebemos cartas, é claro, mas a maioria das pessoas escreve *"Fuck You" (risos)*.

Qual foi a posição e o papel do Jesus & Mary Chain na década de 80?

Tivemos uma grande influência sobre os anos 80. Acho que muitas bandas foram influenciadas por nós, depois de *Psychocandy*. Eu sei que pareço convencido, mas não sou o único que diz isso. Várias pessoas já me disseram que dúzias de bandas aprenderam muito com esse disco. Abrimos portas para muita gente quando lançamos *Psychocandy* numa gravadora grande. Antes disso, essas coisas só aconteciam no cenário independente, onde ninguém vendia nada. Nós mudamos as coisas. Agora, você vê bandas independentes como Happy Mondays tocando no *Top Of The Pops* (espécie de *Globo de Ouro* da TV inglesa). Deveria ter sido assim desde o começo.

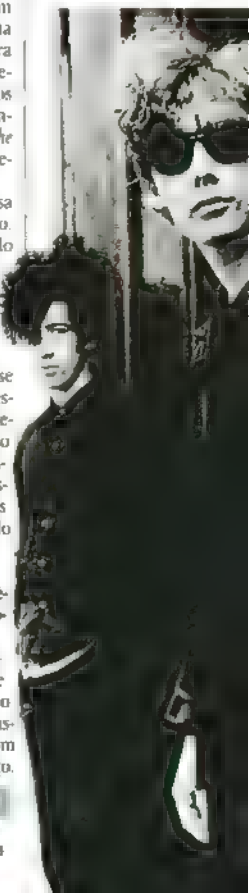
Mas, para falar a verdade, detesto essa conversa sobre os anos 80. E 1990 vai ser apenas outro ano, mas as pessoas ficam todas agitadas por causa do fim da década. Na véspera, todo mundo estará usando jeans. Então, assim que der meia-noite, todos vão vestir roupas de plástico e sair por aí parecendo o Gary Numan *(risos)*. Imagine então 1999! Vou cometer suicídio! *(risos)*

Os anos 80 foram uma merda. Poucas coisas se destacaram. A primeira metade da década foi desperdiçada porque as pessoas perderam tempo esperando aparecer "a grande sensação". Os anos 80 só começaram quando as pessoas pararam de procurá-los. Eles poderiam ter sido bem melhores. E agora estão todos procurando os anos 90. E por isso que os Stone Roses e os Happy Mondays estão aparecendo no *Top Of The Pops*.

Muitos acham que os anos 90 trarão de volta a década de 60, com suas idéias de paz, amor e redescoberta pessoal. Você faria alguma previsão?

A dance music e a música eletrônica vão continuar durante uns quatro anos. Mas, por volta de 1994, haverá uma grande reação contra isso, e o rock vai renascer. As coisas sempre acontecem assim. Em 1994 todos vão estar correndo por aí com seus discos de Bruce Springsteen debaixo do braço.

"Recebemos cartas, é claro, mas a maioria escreve 'Fuck You'"



O OUTRO LADO DA MOEDA

O CAPITAL INICIAL sacode a poeira e investe firme em novas parceria

[illegible]

[illegible] gravação. Nós que pensamos, nós que falamos, vamos [illegible]

conseguir fazer'. E vivemos três meses de pesadelo" De novo? "De novo, outro pesadelo, de fazer um disco na marra. Estudio marcado para um mês depois e dez musicas para compor", responde Flávio.

Desta vez o grupo não recorreu à tecnologia, utilizada de forma exagerada no disco anterior. "O terceiro LP foi feito praticamente digital. Tudo era gravado em computador. Agora nós conseguimos nos livrar da tecnologia como obrigatoriedade. Tambem evitamos aquela perfumaria nos teclados, que deixa tudo meio 'butique'. Utilizamos apenas o básico: piano, clavinet e órgao", explica Bozo

As letras tambem foram repensadas. "A gente nunca foi uma banda de letristas maravilhosos. Neste disco nós temos um letrista novo, o Alvin" revela Loro, referindo-se a Alvin L., compositor carioca que integrou os Vândalos em 1978 (uma das primeiras bandas punks do Rio) tocando baixo. Alvin compôs todo o repertório dos Rapazes de Vida Facil, grupo que integrou entre 1981 e 1985, gravando dois compactos pela PolyGram, e do Brasil Palace, no qual permaneceu até julho de 1989 Atualmente Alvin L. produz uma fita demo para Humberto Effe, ex-Picassos Falsos. Sua experiência como produtor inclui os proprios Picassos, o Euopa e as Favoritas da Marinha

"E nosso melhor texto. No primeiro disco tinha umas coisas do Renato (*Russo*) que eram legais para c***. Mas eram coisas velhas, de Brasília, de anos atrás. E tinha esse problema do discurso, que a gente não gostava. Nos nunca estivemos à vontade com bandeiras. De certa forma, gostávamos de pregar uma certa confusão, uma ambiguidade completa", argumenta Dinho. Bozo comenta que houve uma identidade muito grande no trabalho com Alvin "Ele desenvolvia idéias nossas e colocava num discurso legal."

Outro parceiro foi buscado nos Engenheiros do Hawai. "Eu mandei a musica para o Humberto (*Gessinger*) e ele mandou a letra. Os contatos foram apenas telefônicos, mas ele foi muito gentil, super gente fina, e gostou da participação", acredita Dinho.

A grande surpresa, no entanto, não está nos novos parceiros. O Capital gravou "2001", dos Mutantes, logo apos o lançamento da coletânea *Sangunho Novo* — que reune doze músicas de Arnaldo Baptista e dos Mutantes, interpretadas pelos grupos Fellini, Sepultura, Ratos de Porão, Maria Angélica, Sexo Explícito e outros — e da gravação de "Sexy Sua", também de Arnaldo, no último LP de Lobao.

Dinho acompanhou algumas das gravações de *Sangunho Novo*, afirmando que gostou principalmente das versoes do Sepultura e de Paulo Miklos. Ainda assim, Fê garante que "ninguém aqui conhecia esse projeto *Sangunho Novo*. Da nossa parte não foi uma coisa premeditada" Quem conta a experiência é Bozo: "O Mayrton Bahia trouxe uma fita com um monte de musicas dos Mutantes. Aí encontrou um outro que adorava, que sou eu. Eram doze músicas, uma melhor que a outra". A sugestão foi aceita pelo grupo "como uma brincadeira que a gente resolveu fazer aqui no estúdio", de acordo com Fê. Segundo Bozo, a gente gravou onze musicas para tirar uma. Mas não conseguimos cortar '2001' ". O disco acabou saindo com as onze faixas gravadas.

Comparando a gravação de "2001" com *Sangunho Novo*, Dinho afirma que "foi simultâneo, o disco deles está do cacete. Mas a nossa gravaçao tambem, ela poderia estar no *Sangunho Novo*

Não é a primeira vez que o Capital pensa em gravar algo aparentemente contrastante com seu repertorio. Para o terceiro LP, o grupo chegou a considerar uma cover de "Construção", de Chico Buarque O problema de gravar musicas dos outros é o autor não gostar. Você pode atrapalhar, a música está aí há anos, é vista de uma maneira supergrandiosa. De repente cinco moleques vão lá fazer uma versão e fica horrível. Mas nessa rolou um pique diferente, não foi obrigaçao, 'vamos lançar essa musica', não foi nada disso. A gente achou uma forma do Capital tocar. E ficou legal", pondera Loro. E qual a relação desta música com o resto do disco? "A gente achava que não ia casar Tinha esse clima, nós ficamos com medo. De repente, na mixagem, passou, porque está natural", responde Fê. Flavio comenta que o próprio produtor (Marcelo Sussekind) "falou que essa musica nao ia casar. Quando ficou pronto ele gostou, porque tem o mesmo espirito

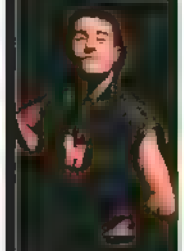
Musicalmente, o disco aponta para direçoes distintas, mas, para Dinho, "há um elo entre tudo". Fê garante que "ele tem um estado de espirito que é uma banda tocando, curtindo. As músicas passam calor, elas têm um texto muito legal, despretensioso. Esse é o grande trunfo do disco". Para Bozo ele é "o inverso do terceiro. E vida o tempo todo Ele pode até te morder", brinca Fê

Em três meses, dez músicas foram compostas arranjadas, gravadas e mixadas. Mas muitas outras ficaram pelo caminho. O novo repertório é suficiente para remodelar um show inteiro. Dinho explica as mudanças' " A gente não quer mais tocar 'Autoridades', essas 'roubadas'. Queriamos musicas pesadas que substituissem essas de discurso. Queriamos uma solisticação que foi um exagero no disco passado. Nesse disco, conseguimos refazer musicas pesadas mas modernas, mais condizentes com o nosso gosto, sem ter de fazer outra 'Veraneio Vascaina', uma musica que já tem dez anos

Livrando-se do repertorio do primeiro disco — que contém letras de Renato Russo em "Musica Urbana", "Veraneio Vascaina" e "Fátima" —, o Capital fica em uma posição mais cómoda para avaliar as declarações do líder da Legião Urbana sobre sua participação no Hollywood Rock II. Russo declarou que jamais tocaria no festival. "Para isso existe o Capital

"A gente conhece o Renato há quinze anos, ele nunca foi diferente. Sempre foi estrategista, sempre falou coisas para chocar. São frases de efeito que ele sabe que atingirão o alvo", esclarece Fê. Dinho garante que "o Renato tem um lado muito mais maquiavélico do que as pessoas pensam. Na cabeça dele há um triunvirato do rock brasileiro, Titãs, Paralamas e Legião, que são prima-donas acima de todo mundo. Porra, todo mundo está tocando totalmente alheio ao que o Renato pensa ou não pensa Dane-se o que ele acha. E isso não tem nada a ver com a banda dele. O Dado e o Bonfá são superlegais"

"O Renato Russo tem um lado muito mais maquiavélico do que as pessoas pensam" (Dinho)



INSTRUMENTOS & ACESSÓRIOS

MODÉSTIA À PARTE

"Nós somos o grupo mais importante do mundo!", dizem os ingleses STONE ROSES

Bono Vox já pode cortar o cabelo, guardar na gaveta sua coleção de bandeiras brancas e se preparar para montar sua própria igrejinha em Dublin. Está escrito nas páginas da *Melody Maker*, *New Musical Express* e *Face* (*três das principais publicações inglesas ligadas à música*): o U2 já tem um substituto, pronto para arrebatar dos irlandeses o posto de maior banda do planeta.

"Queremos ser a primeira banda a tocar na lua. Somos bons o suficiente para isso." Tento perceber algum traço de ironia no rosto do belo jovem sentado a minha frente, no bar de um hotel em Londres. Mas seu evidente ar de superioridade não dá margem a dúvidas: ele realmente crê no que está dizendo. Forço a imaginação e tento vê-lo como o próximo grande ícone da música pop. Não é difícil. Ian Brown exibe a calma segurança de quem sabe o papel a ele reservado na nova década: líder e vocalista dos Stone Roses, o grupo mais popular dos anos 90. Será mesmo?

Não é de hoje que a imprensa britânica procura desesperadamente um rosto ou uma banda capaz de reunir todos os requisitos básicos para resgatar a música pop do seu marasmo habitual. Jesus & Mary Chain, House of Love, Sugarcubes e até mesmo Sigue Sigue Sputnik foram algumas das "grandes esperanças" dos anos 80 — sempre renegadas, num momento posterior, em favor da "nova sensação".

A badalação da imprensa não parece incomodar Ian Brown — muito pelo contrário... "Eu gosto, é claro. Nos nos vemos como uma grande banda, também." Toda essa superexposição cria, porém, um clima de expectativa que pode ser prejudicial ao grupo. "Eu sempre desconfio de bandas que recebem esse tratamento, elas acabam sendo uma decepção. Mas nós queremos vender o maior número possível de discos, porque queremos atingir o maior número de pessoas possível. Se a imprensa nos apoia, ficamos felizes."

Na opinião dos meus colegas britânicos, a força dos Stone Roses pode ser explicada pela "química perfeita" entre o vocalista Ian Brown e o guitarrista John Squire, que juntos compõem todas as músicas da banda. "Eu e o John nos conhecemos desde quando tínhamos quatro anos. Morávamos na mesma rua, em Manchester. Ele tocava guitarra, e um dia me perguntou se eu queria cantar com ele. Aceitei, porque éramos amigos (*risos*). Mas não era sério."

A entrada de Mani no baixo, em 84, conferiu o tom de seriedade que faltava à dupla. "Foi a última peça do quebra-cabeça", explica Ian. Depois de algumas apresentações nas casas noturnas de Manchester (com outro amigo, Reni, na bateria), gravaram o primeiro compacto, com produção do lendário Martin Hannet (Joy Division): "So Young". Mas só mais tarde, em 87, eles conseguiriam receber uma certa dose de atenção, com o lançamento de seu segundo single, "Sally Cinnamon".

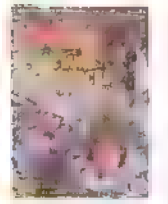
Em 88 eles assinavam um contrato com o selo independente Silvertone e convidavam um ilustre conterrâneo para produzir o próximo compacto: Peter Hook, baixista do New Order. "Sempre achamos que 'Elephant Stone' era uma música dançante. Como gostamos do que o Hook faz com o New Order, resolvemos convidá-lo." O lançamento serviu para colocar os jornalistas no encalço do grupo, farejando...

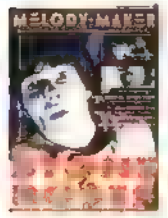
Não demorou muito para que os Stone Roses ocupassem o cobiçado posto de "Single Of the Week" (melhor compacto da semana) da *New Musical Express*. Em fevereiro de 89, "Made Of Stone" transformava os garotos de Manchester na nova mania dos ingleses. Dois meses depois, saía o primeiro LP, *The Stone Roses*.

A primeira reação da imprensa foi elegê-los líderes de uma nova tendência: o revival dos anos 60. Nada há nada mais irritante para Ian: "Não fazemos parte desse revival, nem temos nenhum afeto especial pelos anos 60. Esse tipo de comentário me incomoda muito. Mas vamos mostrar que não somos parte disso."

Enquanto os Stones Roses lutavam para fugir as classificações, uma expressão parecia acompanhá-los por toda parte: "pop perfeito". A "perfeição" consistiria na combinação ideal entre o *guitar rock* inspirado no psicodelismo dos *sixties* e a dance music que

Kevin Cummins - Retina





***Face, Melody Maker* e *NME*: um festival de capas alimentando o furor Stone Roses nos últimos doze meses**

ameaça tomar conta dos *nineties*. Esse tipo de *crossover* — responsável também pelo sucesso dos seus conterrâneos Happy Mondays — teria o mérito de reunir com sucesso, antigos fãs de rock e aficionados das pistas de dança.

"Em Manchester, muitas coisas diferentes se encontraram e se cruzaram. Gente que só ia a casas noturnas de dance music passaram a apreciar rock, e vice-versa." Ian não esconde seu fascínio pela acid house, que, segundo ele, acabou com as "inibições dos ingleses" e os conduziu para as pistas de dança. "Acho que a acid house deu um chute na bunda do rock'n'roll, mostrando que você pode tocar as pessoas, fazer com que elas se mexam sem usar uma guitarra. Gosto de pensar que existem várias bandas por aí morrendo de medo de estar fora de moda!"

No dia 23 de novembro, os Stone Roses conseguiam uma façanha, levando ao *Top Of The Pops* — o programa da TV inglesa regido pelas paradas — seu "ouro de tolo". "Fool's Gold", o compacto mais recente da banda, começava a escalada que o levaria até o quinto lugar da parada oficial britânica. Nessa mesma semana, outros independentes de Manchester — os Happy Mondays — estreavam na parada com o EP *Madchester Rave On*.

Foi o suficiente para que todos os olhares se voltassem para o norte da Inglaterra, mais exatamente para aquela cinzenta cidade industrial imortalizada por Morrissey. A imprensa britânica adotou uma nova máxima: tudo que vem de Manchester é ouro. 808, State, Inspiral Carpets, Wedding Present, A Guy Called Gerald, King Of The Slums, Happy Mondays, Stone Roses... A lista parecia não ter fim. "Não seríamos os mesmos se vivêssemos em algum outro lugar, mas Manchester não é tudo para nós", garante Ian. "Queremos continuar indo em frente, conhecendo o máximo possível do mundo."

Depois de excursionar pela Europa e pelo Japão em 89, o próximo passo dos rapazes deve ser o tentador mercado americano — já está marcada para maio uma turnê pelos EUA. Para isso, Ian Brown já conta, ao menos, com o aval da revista *Rolling Stone*, que colocou o LP *The Stone Roses* entre os melhores de 89 — a exemplo das inglesas *New Musical Express* (segundo lugar) e *Melody Maker* (quarto).

"Nós somos o grupo mais importante do mundo". A declaração de Ian Brown à *New Musical Express* no final do ano passado serviria como ponto de partida para uma nova polêmica: estariam os Stone Roses predestinados a ocupar o lugar do U2? O vocalista não tem a menor dúvida. "Vamos chegar ao megaestrelato, mas à nossa maneira. Bandas como o U2 tocam para milhares de pessoas e não dizem nada. Nós não vamos seguir esse caminho." Como chegar ao megaestrelato e sair dele ileso? Ian tira da cartola sua receita mágica. "Permanecendo como somos, não nos deixando afetar pelo *music business*, nunca esquecendo de onde viemos e onde estamos, não nos degradando, não sendo paternalistas com ninguém, não lançando discos ruins, não fazendo dinheiro em cima do nosso nome e reputação."

A primeira aplicação prática dessa receita aconteceu no ano passado, quando os Stone Roses foram convidados para abrir alguns shows para os Rolling Stones no Canadá. Depois de recusar a oferta, Ian Brown declarou a *New Musical Express*: "Todos dizem que perdemos uma grande oportunidade. Eu não vejo por quê. Eles é que deveriam abrir para nós. O fato de eles ainda estarem excursionando é obsceno!"

"I Wanna Be Adored" é o nome da faixa que abre o primeiro LP dos Stone Roses — e a maioria dos shows que a banda apresentou no ano passado. A julgar pelo clima de adoração que ronda a banda — lembrando o que aconteceu com os Smiths em 86 — os objetivos de Ian Brown foram plenamente realizados. É possível que a música ainda tenha esse poder sobre as pessoas? "Sim, sim., uma boa música pode te dar força. 'What's Going On', do Marvin Gaye, sempre me dá força. Gosto de pensar que, quando fazemos um show, não existe uma banda e uma platéia, e sim um monte de gente numa sala. Se havia uma atmosfera antes, cabe a nós mantê-la. Se não havia, nós temos que criá-la."

A referência a Marvin Gaye não é gratuita. Em todas as entrevistas da banda, o cantor é citado como uma das maiores influências ao lado dos Beatles. "Não fomos inspirados por eles, mas ouvíamos Beatles quando éramos crianças. Então, de certa forma, eles são responsáveis por nosso interesse pela música pop. Muitas coisas me inspiram. Estar vivo... George Clinton, Hendrix, Sex Pistols, Burning Spear... Bons discos de house, bons cantores .. Marvin Gaye."

O pop dos anos 80 parece não ter deixado marcas no vocalista. "Hoje em dia tudo parece tão sem graça. Os discos parecem ter sido feitos há duas semanas. É sempre o mínimo denominador comum. Músicas de fundo. Música deve ser feita para mente, corpo e alma, senão não tem valor nenhum." Ian Brown abre exceção apenas para os rappers. "Mr. Fingers, de Chicago, Young MC... É difícil achar um artista consistente, que tenha feito mais de três discos bons. Por isso é mais fácil falar de discos do que de artistas."

"A última armação dos anos 80 ou a grande esperança para os anos 90?" A pergunta, estampada na capa da *Melody Maker* do dia 9 de dezembro, revela a primeira dissidência na imprensa inglesa — que insiste em proclamar os Stone Roses como a próxima maior banda de rock'n'roll do mundo. O autor do artigo em questão, Jonh Wilde, é categórico: "Daqui a cinco anos, teremos que nos esforçar para lembrar o que eles faziam".

Firmes na sua determinação de conquistar o planeta, as rosas de pedra preparam agora o segundo LP que deve ser "mais positivo" que o álbum de estréia. "Ele vai ser cem vezes melhor que o primeiro", declara Ian. "Vai ser mais forte, mais solto..." Os planos para 90 incluem ainda uma turnê mundial — que pode até mesmo incluir o Brasil.

"Temos muita vontade de tocar no Brasil. Queremos tocar em todos os lugares, para qualquer um que aprecie música. Sabe, tenho um amigo brasileiro que mora em Manchester. Ele vive me dizendo que Manchester é muito melhor que o Rio de Janeiro, mas nunca consegue me convencer!"

Franz Treichler, dos [illegible]*, prescreve sua receita contra a mediocridade*

MÉTODO E BRUTALIDADE

Hardcore industrial", "minimalismo apocalíptico", "subversão tecnológica", "pirataria digital" — desde que tomaram de assalto a cena pop com seu primeiro maxi-single (Envoyé) em 86, os Young Gods viram-se à mercê das mais estapafúrdias tentativas de categorização. Irônicos até o talo, eles procuraram aplacar o ala da mídia autodenominando seus nada ortodoxos métodos de trabalho de "nova arquitetura sônica", algo que envolveria reajustamentos das leis da física acústica, visando o planejamento e a construção de uma OUTRA música.

Para dar cabo de tão ambiciosa tarefa, os Young Gods deram primazia ao instrumento-símbolo dos anos 80: o sampler. Enquanto no hip-hop, na acid house e em outras variantes musicais o sampler vem sendo utilizado como um mero brinquedinho capaz de reproduzir frases ou segmentos musicais completos, nas mãos do "deus" Cesare Pizzi (italiano, ex-pára-quedista, ex-empregado da Boeing e especialista em computação) o mesmo tornou-se a um só tempo um aparelho de prospecção do passado e de antevisão do futuro. Ao promover a fissão de sons preexistentes em nível molecular, os Young Gods não só libertaram a música de sua armadura arcaica como também a expandiram até os mais remotos domínios do caos. Aí, consciente aí, eles a reaglutinaram — nota após nota, tijolo após tijolo — numa inédita argamassa subliminar, assentando com esmero a alvenaria de uma história que ainda haverá de ser edificada. E como alguém disse com muita propriedade: "Se o rock morreu, então os Young Gods são sua vida após a morte".

A essa inorgânica configuração, os Young Gods acrescentaram alguns elementos humanos, como voz e bateria. Essa última cabe atualmente a Urs Hiestand (antecedido no primeiro LP por Frank Bagnoud), ex-pedreiro, fã de hardcore e skatista nas horas vagas. Já as palavras são produto da laringe petrificada de Franz Treichler, um mestiço em cujas artérias corre sangue suíço e brasileiro. Embora seja um possesso por natureza, ele não se furtou a ampliar suas possibilidades gestuais e vocais num grupo de teatro chamado Reuhart — "onde exercitávamos as diferentes nuances e ressonâncias da fala" — e através da prática do tai chi, a milenar arte marcial chinesa. Como vêem, um caso de disciplina extremada.

Quando o grupo lançou seu primeiro LP homônimo, em 87, foi como se um cataclisma de proporções dantescas tivesse se abatido sobre a Europa. A capa do disco, ostentando um desenho de inspiração rupestre com três homúnculos, era o prenúncio do que a audição do vinil reservava: um festim neolítico, radicalmente brutal e transbordante de referências elementais, que se consumava (paradoxalmente) por meio do curto-circuito dos últimos recursos da tecnologia. Não foi por acaso que o staff da *Melody Maker* elegeu-o "LP do ano", homenagem logo referendada pelas mais representativas publicações do planeta.

Em setembro de 89, eles voltaram com nova formação (entra o tecladista e piloto de avião Alan Comet, em substituição a Cesare Pizzi) e gravadora (a belga Play It Again Sam), mais ousados e ameaçadores do que nunca. Em *L'Eau Rouge*, ao *raptus* emotivo e ao dogmismo de um delírio megalomaníaco — que não se intimidava em agregar Mozart, Kiss e Prince na mesma fabulação — os Young Gods, como [illegible] famintos, voltaram suas presas para a dilaceração do folclore helvético, da tradição trágica de *chansonniers* como Edith Piaf e Jacques Brel e dos riffs catatônicos de Eddie Van Halen, James Williamson (Iac Stooges) e Jimi Hendrix.

Aproveitando a oportuna edição de *L'Eau Rouge* no Brasil, ligamos para Franz Treichler, que se encontrava nas dependências de um clube em sua cidade natal, Fribourg, na Suíça. Era véspera de Natal [illegible] os deuses esquentavam as turbinas para [illegible]

[illegible]

Antes de mais nada, gostaria que você falasse um pouco sobre suas raízes brasileiras.

Ok. Minha avó nasceu no Amazonas e meu pai em São Paulo. Todos os meus parentes do lado paterno vivem aí. Meu pai era um aventureiro, mudou-se para a Suíça ainda muito jovem, creio que tinha 25 anos nessa época. Eu já nasci aqui, mas estive no Brasil quando tinha 15 anos, embora por muito pouco tempo: por dois, três meses.

Nessa breve passagem, você chegou a ter contato com alguma espécie de música brasileira? Quais foram suas impressões?

Sim, mas ouvi muito pouca coisa. Basicamente, alguns discos de bossa-nova e de hardcore, como o do Olho Seco, do qual gostei bastante. Não sou propriamente um fã do gênero, mas aprecio a capacidade de interação que essas bandas possuem. Acho bem legal que bandas de origens tão diversas se preocupem em se expressar no próprio idioma. Não sei se as coisas mudaram aí, mas quando estive no Brasil, era particularmente difícil aos artistas poderem expressar livremente seus pontos de vista, sem pressões ou censura de qualquer tipo. Como anda a situação política de vocês?

Um pouquinho melhor em relação à que você teve oportunidade de conhecer. As mudanças têm sido lentas. Há pouco, tivemos eleições presidenciais livres e por voto direto, algo inédito para nós nos últimos 30 anos.

Legal! E essa abertura parece estar ocorrendo simultaneamente no mundo inteiro. Você viu o que aconteceu ontem na Romênia? *(Referindo-se* [illegible] *da queda de Ceausescu)*

Sim, pela televisão. A propósito, como você encara toda essa transformação sócio-política que está se processando na Europa Oriental?

Eu acho muito bom, pelo menos em princípio. Trata-se de uma abertura real, conquistada pelo povo, mas ninguém pode prever como as mudanças acontecerão daqui para a frente. Só o tempo poderá dizer. O que acho particularmente fantástico nesse movimento é que tudo aconteceu como numa reação em cadeia. Veja só: primeiro a Polônia, depois a União Soviética, a Hungria, a Tchecoslováquia, a Alemanha Oriental, a Romênia... O único país em que as pessoas foram para as ruas mas que não conseguiram consolidar esse processo foi a China, e nós sabemos o motivo, não é mesmo? *(risos)* Por coincidência, estávamos tocando em Hamburgo, na Alema

nha Ocidental, na noite em que derrubaram o Muro de Berlim. A sensação foi indescritível. Havia muita gente do lado oriental na cidade, e a impressão que nos causavam era de descoberta do mundo. O que os fascinava mais era a possibilidade de consumir: todos queriam comprar, comprar, comprar... Isso é algo com que mais cedo ou mais tarde as pessoas terão de se preocupar. O show foi ótimo, o ar estava carregado, com muitos alemães orientais presentes. Desses, me lembro particularmente de um que era jornalista e nos entrevistou. Era como se o cara estivesse no mundo da lua!

A exceção dos Young Gods, do Yello e de um grupo pop chamdo Double, não conhecemos mais nada do que é feito em termos de música atualmente na Suíça. Existe um movimento de grupos ou algo semelhante acontecendo aí?

Não, na verdade, existem algumas bandas, mas não há uma integração, temas comuns, coisas assim. A maioria dos grupos daqui parece estar mais preocupada em sair da Suíça o mais rápido possível, especialmente os que fazem o estilo *wave* do rock inglês: um punhado de cópias carbono sem maiores méritos. Afora o Yello, que você citou e do qual gosto muito, temos alguns grupos de hardcore e speed-metal interessantes, além de um ou outro, digamos, mais experimental. A Suíça é um país pequeno. Somos mais ou menos sete milhões de pessoas, o que vocês tem aí no Brasil somente no Rio ou em São Paulo. Nesse sentido, o fato de termos duas línguas oficiais, o francês e o alemão, sustenta algumas particularidades no âmbito musical. Basicamente, os grupos que adotam o alemão são mais techno, eletrônicos. Já o francês predomina entre os grupos mais convencionais, tipo guitarra, baixo e bateria. Os Young Gods estariam justamente entre as duas tendências.

Batizar um grupo Young Gods não poderia suscitar impressões de hype e superestimação?

As pessoas são livres para pensar o que quiserem, mas, ao contrário do que o nome parece sugerir, a idéia básica em torno dele é a de que qualquer um, qualquer ser humano, pode ser um deus. Tudo que precisa é estar cônscio de sua força, de seu lugar no mundo, de sua busca.

As primeiras notícias que tivemos sobre a banda chegaram aqui em 87. Ouvi dizer que você e Cesare Pizzi tocaram juntos em outra banda há uns dez anos. Daria para você clarear esses dados e a origem dos Young Gods?

Bem, eu o Ces chegamos a fazer parte de uma banda de rock nos moldes tradicionais, mas não há nada em especial que mereça ser lembrado. A vontade de criar os Young Gods nasceu há exatamente cinco anos. Nessa época, o equipamento que eu possuía resumia-se a um gravador de rolo, que tinha ainda o péssimo defeito de travar no *pause* quando a gente menos esperava. Nosso primeiro show foi um horror, eu cantava, enquanto o Ces tocava baixo e sintetizador, além dos tapes pré-gravados. Aí fui para Nova York, onde dei um jeito de afanar um sampler (*risos*). Tudo o que eu queria era criar algo novo. De vez em quando, ficava pensando em como seria ter um naipe de violinos trespassados por guitarras e gritos humanos, coisas assim... O sampler poderia nos ajudar a concretizar essas fantasias que guardávamos no fundo da mente.

Em geral, o uso das técnicas de sampling no campo pop tem se mostrado limitado e carente de imaginação. No caso de vocês, como o sampler é encarado?

Sim, muita gente vem utilizando o sampler unicamente em função das facilidades de sua operação. A limitação surge porque a maioria prefere empregá-lo como um truque, uma brincadeira da moda. Para mim, embora não o veja como um veículo inesgotável, o sampler possibilita uma série enorme de opções. Com ele, você pode reunir todos os sons que quiser — clássico, hardcore, heavy metal, barroco, seja lá o que for — no mesmo compartimento e misturá-los como num liquidificador. É uma experiência ímpar, muito visual e emocional. Uso o sampler de forma bastante seletiva. Normalmente, me ponho a escutar meus discos favoritos e fico à cata de trechos interessantes — "esse funciona, esse não".

Por falar em discos favoritos, o que você tem ouvido ultimamente?

Rap, muito rap! Gosto bastante de De La Soul, entre outros artistas do gênero. E também blues, velhos músicos como Howlin Wolf e Eamore James... A psicodelia é outra de minhas paixões, principalmente Doors e Jimi Hendrix.

Falando em Hendrix, foi incluído um fragmento de "House Burning Down", do álbum duplo *Electric Ladyland*, numa das faixas de *L'Eau Rouge*. Você concorda que ele antecipou alguns dos procedimentos adotados pelos Young Gods nos dias de hoje? Ele pode ser considerado uma influência?

Yeah, creio que ele pode ser citado como uma influência na nossa loucura! (*risos*) Não há como negar que seu método de criação tem certas similaridades com o nosso. Hendrix conseguia extrair do instrumento que tinha à disposição naquela época todos os sons que queria: uivos, vozes, sons de mares, de guerra, de discos voadores... Ele conseguia isto de uma forma que era impossível a alguém dizer pela simples audição se aquele som em particular vinha de uma guitarra, de um sintetizador ou de qualquer outra fonte. Acho que, nesse ponto, temos algo em comum.

Por que cantar em francês? Isso teria algo a ver com a postura de outros novos grupos europeus, que parecem estar preocupados em resgatar sua identidade cultural?

Sim e não. A princípio, canto em francês porque é a minha língua. Penso em francês, sonho em francês, assim, é mais fácil para mim compor diretamente do que ter de pegar um dicionário e tentar escrever em outro idioma. Não tenho nada contra o inglês, mas acho que você deve conhecer bem as palavras para poder utilizá-las corretamente, e não me sinto tão à vontade com a língua inglesa. Além do mais, como não há muita gente por aí cantando em francês, o ato se torna mais estimulante: você acaba tendo de procurar sua própria forma de expressão, pois não existem parâmetros para se guiar: coisas arquetípicas do rock'n'roll, como "come on, baby". Você tem de explorar a palavra, ir fundo em você mesmo.

Apesar da inexistência de guitarras de verdade nos seus apetrechos, a música do grupo parece estar incluindo mais e mais samplings de guitarra...

(Interrompendo bruscamente) Será? Nós já fazíamos isso em "Envoyé", "Jimmy".

Sim, mas *L'Eau Rouge*, sem falar no maxi-single "L'Amourir", é particularmente pródigo em canções de guitarra, se é que podemos descrevê-las dessa maneira, como é o caso de "Long Route", "Crier les Chiens" e a própria "L'Eau Rouge". Nesse sentido, vocês já pensaram na possibilidade de ter um guitarrista de verdade?

Sim, mas acho que precisaríamos de uns dez guitarristas para conseguirmos o mesmo resultado! (*risos*) Eu toco guitarra, e o Al, o novo operador de samplers, também é um bom guitarrista, mas nos Young Gods pretendemos que cada um tenha uma função especializada, e isso vale especialmente para os shows. Nossas apresentações são extremamente simples: temos uma pessoa por conta dos vocais, outra da bateria, e outra mais para os samplers. É bem despojado, realmente. Agora, quanto ao futuro, quem sabe essa idéia não possa vir a ser aproveitada?

Qual a sua opinião em relação à acid house, ao new beat belga e demais modalidades da música dançante eletrônica? Esse tipo de som te agrada em particular?

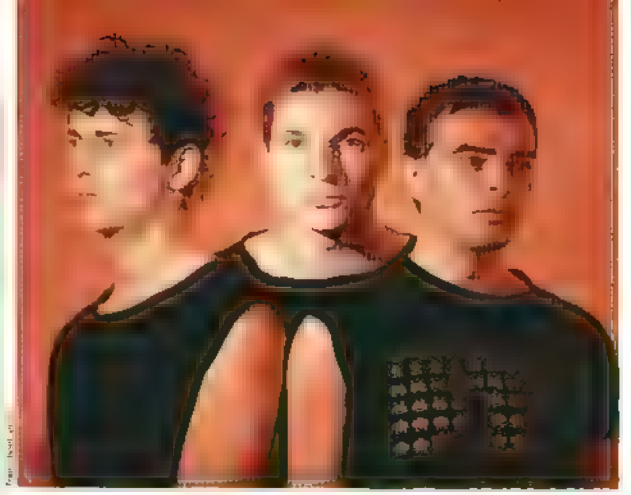
Olha, não tenho nada contra qualquer estilo, mas ultimamente ando mais interessado em ouvir música como o blues, sons mais acústicos, em vez de algo mediado pela tecnologia. Não tenho ido a clubes recentemente, mas quando vou, não me importo em ouvir Front 242, por exemplo.

Em que circunstâncias Cesare Pizzi deixou o grupo? E o que mais você nos diz do novo integrante, Al Comet?

Ces sempre foi mais interessado nos aspectos técnicos do grupo. Era ele quem sempre dava as idéias sobre como deveríamos nos apresentar, quais instrumentos usar, essas coisas. Alan já é mais músico, e é realmente toca teclados. Acho que Ces se cansou das viagens constantes, de não ter um ponto fixo, da insegurança sentimental. Em suma, ele estava passando por uma fase depressiva, fazendo aquelas mesmas perguntas que todos os que chegam na faixa dos trinta anos se fazem algum dia (*risos*). Por causa disso, não podíamos progredir. Ele não comprava mais aparelhos, perdera realmente o interesse.

Você ainda mantém contato com ele?

Claro! Ainda moramos no mesmo apartamento aqui em Fribourg, embora em breve ele deva se mudar para um lugar melhor. Somos muito bons amigos. Acho que o futuro de Ces deverá ser em alguma firma de computadores.



***L'Eau Rouge* é o primeiro disco dos Young Gods a sair no Brasil. Na sua opinião, em que pontos ele se diferencia do primeiro LP?**

Acho-o mais colorido. O primeiro LP é mais direto, básico e mais minimal, talvez. Vejo *L'Eau Rouge* como uma obra psicodélica, e posso dizer que é também mais radicalmente romântico do que *The Youngs Gods*. Não se trata de dizer que um seja melhor ou pior do que o outro. Ambos utilizam-se de abordagens diferentes, com resultados que considero bastante satisfatórios. Gosto dos dois, com todas as suas diferenças, e julgo que é justamente essa diferença o que os torna bons discos.

Fale um pouco sobre suas letras. Você as consideraria uma forma de poesia?

Sim... (*longa pausa*) Acho que não poderia descrevê-las melhor do que como você disse: uma forma de poesia. Procuro expressar atmosferas, situações, sentimentos, em vez de emitir opiniões a respeito desse ou daquele assunto, ou simplesmente veicular mensagens. Acho que tento operar em sincronia com o hemisfério cerebral direito, aquele que responde por nossas fantasias, desejos e irracionalidades.

Há alguma possibilidade de vê-los se apresentando aqui em breve?

Acho que sim, mas é difícil dizer ao certo, pois tudo é basicamente uma questão de dinheiro. Nós planejamos isso, mas precisaríamos contar com alguma forma de ajuda, da cidade em que fossemos tocar, da gravadora, não sei dizer bem... Esse ano, é certo que vamos aos Estados Unidos, algo que já vínhamos planejando nos últimos três anos. Acho que se a ida ao Brasil vier realmente a se materializar, isso só será possível no final de 90. Pessoalmente, tenho muita vontade de voltar aí. Já faz tanto tempo! Tenho muita curiosidade em ver como seria a reação das pessoas ao nosso som ao vivo.

Eu também! (*risos*)

"A idéia básica é a de que qualquer ser humano pode ser um deus"

Os Young Gods, em sua formação anterior. Da esq.: Use Hiestand, Franz Treichler e Cesare Pizzi

HOMEM MÁQUINA

PARTE II

No final da década de 70, o KRAFTWERK começa a exercer influência sobre o pop mundial

A colaboração dos insólitos metodos do Kraftwerk aos esforços movidos por artistas e movimentos culturais atuais — o futurismo italiano, o serialismo, a musica eletronica [illegible] dos anos 50 dadaismo e surrealismo [illegible] idéados ao longo do seculo XX permitiu que o grupo alcançasse, em 78, com novas possibilidades de satisfação para as necessidades do ser humano. Temas como os presentes em *Radioactivity* e *Trans Europe Express* não só ativavam a rede de neuronios com cargas de uma simbologia reconhecivel como tambem explicitavam de um modo pratico e racional os mecanismos de adaptação a nova era tecnológica que, seguramente, já vivemos desde então.

Catalisando sua ansia por movimento e interferência, Ralf e Florian realizaram neste ano um perfeito exercicio de síntese chamado *Man Machine*, um trabalho que ultrapassava a mera totemização da tecnologia para elucidar em que niveis se davam as fusões entre a matriz cibernética e o sistema nervoso. Realmente, em *Man Machine*, o personagem homo sapiens não se encontrava submetido pela maquina. Na verdade, o que os alemães desejavam demonstrar era a plausibilidade da existencia de uma simbiose bionica. Referindo-se a uma serie de palavras de ordem - "interação extensões reciprocas", "terminais" —, refletiam aquela que era a propriedade básica da metodologia kraftwerkiana: "A máquina ajuda o homem e o homem admira a máquina". Ou, conforme Ralf Hutter fazia questão de reiterar: "Estamos construindo instrumentos que, num certo ponto, tornam-se aptos a criar sua própria identidade. Eles mesmos providenciam seu *feedback*. Alguns são capazes de tocar sozinhos, e embora nos os toquemos, eles tambem nos tocam. E a isso que nos referimos como musica eletrônica: ao tocar a maquina, você tambem está preenchendo sua função individual na elaboração de um circuito musical".

Man Machine foi um registro fundamental para que o publico pudesse constatar que a evolução do Kraftwerk não se fazia apenas no campo sonico. Alem de aperfeiçoar a autoproclamada "industriedie volksmusic", o grupo chamava cada vez mais a atenção pela extraordinária produção, dinamização do emprego do estereo e exploração dos extremos da acustica; tudo isso em nome da estimulação de diferentes sensações.

Deve-se ressaltar, entretanto, que tal obsessão cientifica jamais seduziu seus integrantes a lançarem mão de descobertas controvertidas, tais como as ondas alfa e as frequências subsônicas (algo que, sob o comando de Genesis P. Orridge, entao com o grupo Throbbing Gristle, era utilizado sem maiores pruridos para induzir vômitos na plateia). Para o Kraftwerk, bastava o esquadrinhar da faixa sonora compreendida entre os vinte e os 20.000 hertz — aquela que é perceptivel de forma consciente ao ouvido humano. Nesse sentido, o maximo que o grupo se permitiu nos shows foi a aplicação de inofensivos ionizadores de ambiente. Em termos de sistemas de operação, *Man Machine* revelou outras tantas novidades. Pela primeira vez, o Kraftwerk fez uma referencia direta a um pais não-europeu ocidental na capa, cuja arte é visivelmente inspirada nas criações do construtivista soviético Lissistky. E mais: o titulo aparece impresso nos idiomas ingles, francês, alemão e russo; sem duvida, mais uma oportuna antecipação ao movimento "sem fronteiras" e à ideia de reunificação do velho continente.

Ja estritamente em relação à musica, *Man Machine* proporciona um experimento bem mais ritmico e fisico que os antecessores, algo que pode ser melhor apreciado nos temas "The Robots" (que leva o *vocoder* até as pistas de dança) e "The Model" (mais tarde retomado em covers instigantes por artistas tão dispares quanto o guitarrista Philip Lithman, alias Sha Kefinger, e o bestial trio de Chicago, Big Black, o que por si só nos da conta da universalidade das propostas do Kraftwerk). Outro belo momento é "Neon Lights", uma feerica narrativa acerca do esbaimento dos limites noite-dia, a partir da popularização do gás neon como fonte de luz nas grandes cidades. Simultaneamente desencantado e otimista, lá estava o Kraftwerk para novamente nos guiar por entre os meandros do cotidiano urbano.

Ao apresentar *Man Machine* ao vivo em Paris, Londres e Nova York em 79, o Kraftwerk cabalizou um dos mais elaborados espetaculos de luz e som jamais vistos em toda a historia da musica pop. Não satisfeito em revolucionar o *appeal* audiovisual tradicional através de um estonteante bombardeio de borrões cromaticos, jorros de laser e video especiais, os musicos chegaram ao cumulo da ousadia quando propuseram seu afastamento do palco, substituindo-se por clones de si proprios vestidos como na capa do disco (os "showroom dummies", surpreendentemente realistas), programados para executar movimentos e tocar em sincronia com musica pre-gravada.

Encerrado esse estagio, o Kraftwerk permanece em animação suspensa por dois anos. A prolongada ausencia foi compensada pelo providencial *Computer World* (81), album que, conforme o titulo já antecipava, tratava da crescente mediação do cotidiano do ser humano pelo contingente dos computadores. O disco gerou acaloradas polemicas entre a critica. Para muitos, *Computer World* soava por demais previsivel, correndo inclusive o risco de passar despercebido no meio da enxurrada de lançamentos da nova geração de *synth-bands*. Outra facção preferiu extrair dele mais um exemplo de fina ironia da banda. De fato, o tecnopop urdido pelo Human League, Soft Cell, Depeche Mode, Ultravox

O INGLÊS ESTÁ EM TUDO.

SEU DICIONÁRIO ESTÁ AQUI!

Cada vez mais, o inglês está presente no seu dia-a-dia. Na musica que você curte, na roupa que veste, no esporte que pratica.

Entender inglês é estar em sintonia com seu tempo. Pensando nisso, a revista Semanário presenteia você com o "Grande Dicionário Melhoramentos"

A coleção completa é composta por 18 volumes inglês-português, português-inglês e por 3 volumes especiais do "Dicionário das 2 Mil Palavras" mais usadas na língua inglesa (Ediouro)

Passe na banca mais próxima, peça Semanário e leve inteiramente grátis um dos melhores dicionários do mundo.

21 volumes.
1 por semana.

A partir de 8 de março
NAS BANCAS

NA REVISTA
semanário

EDITORA AZUL

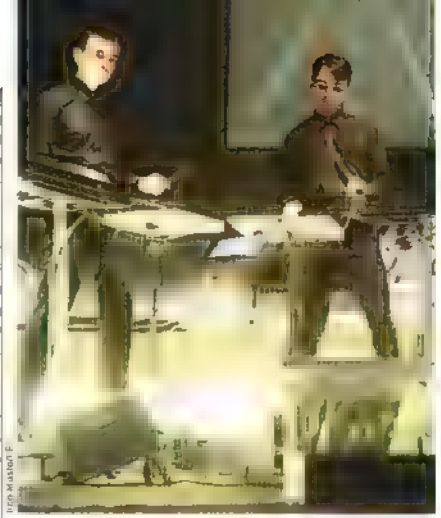
Orchestral Manoeuvers In The Dark e outros menos votados não passava de um derivado da musica dos alemães. Assim, poder-se-ia conjecturar que Rall e Florian estivessem aí apenas se divertindo. O prazer de imiscuir-se despercebidamente na linha de frente da brigada tecno se equivaleria ao obtido durante suas "fugas" noturnas, quando iam dançar (discretamente vestidos e incognitos) entre a gente comum que frequentava as discotecas.

Seja como for, *Computer World* agradou em cheio aos fãs. Além de detonar as paradas do globo com os hits "Pocket Calculator" (um *alien-funk* cujo ritmo é fornecido por calculadoras de bolso), "Computer Love" (seu maior sucesso comercial desde a versão reduzida de "Autobahn", chegou a ser trilha de novela das oito no Brasil) e "Numbers" (este tão irresistivelmente sacolejante que chegou a invadir a seletiva parada *soul* da *Billboard*), de quebra recebeu uma indicação para o Grammy. O êxito da empreitada culminou numa bem-sucedida turnê pela Europa, ocasião que aproveitaram para testar o novo estúdio Klang Klang, inteiramente reformado e minaturizado.

Ainda que tivesse sido efetuado por meio de aparelhagem ultra-sofisticada, *Computer World* estava longe de ser uma celebração inconsequente à tecnologia de ponta. Subversivos à sua maneira, os membros do Kraftwerk deixavam claro em muitas musicas as dúvidas que guardavam em relação ao uso dos computadores como instrumentos de controle e manipulação social. Era disso que tratava a faixa-título, por exemplo, em que os computadores apareciam integrados a um sistema de rastreamento da Interpol, FBI e Scotland Yard. Dessa forma, ao criar musica aparentemente pueril a partir de calculadoras de bolso, era como se o Kraftwerk estivesse querendo alertar o mundo que já estava passando da hora de alguém utilizar a tecnologia como um mecanismo de autoconhecimento e resistência.

Em 82, o grupo permaneceu enfurnado no "jardim eletrônico" (como carinhosamente chamavam seu estúdio de Düsseldorf), desapontando aqueles que ansiavam por uma seqüência imediata a *Computer World*. Nessa época, circularam rumores de que Rall Hutter encontrava-se em estado de coma, devido a um traumatismo craniano que teria sofrido após um acidente de bicicleta. Entretanto, amigos íntimos dos músicos não cansavam de asssegurar que tanto Hutter quanto os demais encontravam-se em perfeitas condições de saúde.

Enquanto a boataria rolava solta, a musica do Kraftwerk ia ultrapassando os limites arbitrados para o pop, sendo utilizada não só como mero entretenimento, mas também com fins educacionais (em jardins da infância) e terapêuticos (em hospitais psiquiátricos). A esse respeito, Florian Schneider não se privou de formular uma curiosa correlação musica eletrônica-psicanalise: "Os instrumentos eletrônicos programáveis são espelhos nos quais podemos projetar nossos pensamentos. Sendo assim, o sintetizador não é nada mais que um instrumento freudiano, um instrumento psicanalítico. Não nos sentimos plenamente satisfeitos com as possibilidades que o sintetizador nos proporciona atualmente, mas esperamos que ainda se possa avançar mais nesse terreno..."



Bartos e Flur numa das raras apresentações ao vivo do Kraftwerk

O cinema também foi outra área investigada pelo kraftwerk. Apesar de deixarem claro que não tinham qualquer interesse por roteiros intelectualizados, os músicos colaboraram com o diretor inglês Christopher Petit no filme experimental *Radio On* (79). Parcerias semelhantes ocorreram nos longas *Chinese Roulette* e *Berlin Alexanderplatz*, ambos de Fassbinder. Como conseqüência óbvia desse flerte com o cinema, em 88 o Kraftwerk gravou o maxi-single "Tour de France", cuja música foi veiculada como trilha sonora das retransmissões televisivas da homonima prova ciclística. Ao avaliar o medalismo desse trabalho anos mais tarde, Ralf Hutter elucidou dessa forma a fonte de sua concepção: "'Tour de France' era bastante autobiográfica. Até hoje, andamos muito de bicicleta. Para nós, a bicicleta é um símbolo da autodeterminação, da liberdade: com ela, o homem-máquina transforma-se numa máquina em movimento. A bicicleta realiza uma osmose perfeita entre o homem e a máquina, e 'Tour de France' é o símbolo dessa osmose: o homem avança por si mesmo, sem o recurso de outras fontes de energia que não as de seu próprio corpo. Assim, andar de bicicleta pode ser considerado um tipo de ecologia. Até então, vínhamos trabalhando muito ao lado da máquina musical e pensante; desde aquele momento, tornou-se imperativo conferir também o lado físico: ser um só, estar em forma, treinar.

Depois da edição de "Tour de France", o Kraftwerk mergulhou noutro período de silêncio, estimulando o aparecimento de nova onda de boatos. Entre inúmeras notícias extra-oficiais, uma dava conta do eminente lançamento de um disco chamado *Techno Pop*. "Espiões" chegaram a garantir que o mesmo teria quatro longas faixas, e que o grupo o apresentaria ao vivo trajando camisetas e shorts de banho! Mas de todo esse diz-que-diz, a história mais pitoresca tinha como pivô o então presidente da Elektra, gravadora que passara a distribuir os discos da banda nos EUA. Segundo fontes seguras, ele teria voado pessoalmente até Düsseldorf para capturar a mixagem matriz do suposto *Techno Pop*. Depois de muitas renegociações, e finalmente de posse da fita, voltou a Nova York, onde convocou uma reunião ex

traordinaria da diretoria para ouvir o tão esperado disco. Mas ao abrir a caixa que recebera, verificou que a mesma encontrava-se... vazia.

De concreto, tudo o que se viu do Kraftwerk em 84 foi o relançamento de *Autobahn*. Os fãs precisaram esperar até 86 para serem brindados com uma gravação inédita: o álbum *Electric Cafe*. Cercada por uma trama de peculiaridades, a gravação atesta o advento de uma nova linguagem mutante, em que as palavras de uso comum são abolidas em favor de sons autenticamente maquinais. Como na faixa de abertura, em que a repetição e modificação das onomatopeias "boing boom tschak" articula o conceito. A noção não era propriamente uma novidade. Nos 70, Florian Schneider já afirmava que "a palavra é uma tradição herdada da Bíblia. Nela, a linguagem é considerada como a arte mais elevada: 'no princípio era o Verbo'. Mas para nós isso já terminou. Existem novas coisas no ar, coisas muito rápidas, elétricas... O mais grave nessa história é a constatação de que as palavras funcionam atualmente como barreiras em nossos cérebros, um *software* anestesiante com o qual somos alimentados por nossos pais, pelos sistemas educacionais... Talvez seja necessário que alguém invente uma nova linguagem sintética".

Paralelamente, o disco conclamava os povos a abdicarem de abstrações como bandeiras, hinos nacionais e passaportes, ao servir uma salada de palavras em múltiplos idiomas – no trecho em português "Música eletrônica / figura rítmica / até política / na era atômica". Certamente, tais fusões eram a garantia de que a nova Babel futurista seria onívora. O lado um de *Electric Cafe* — em que três faixas robóticas se interpenetram numa primorosa amostra de técnicas de edição — flui em meio a conjunturas rítmicas sobrepostas, programas tímbricos e ruídos sintéticos. Por meio dele o Kraftwerk responde definitivamente (no território pop) ao serialismo total aventado pela escola de Darmstad Alemanha. Boulez, Berio, Henze e Maderna, entre outros — no começo do século. No reverso, se não há nada com tal impacto, levadas dançantes permitem uma oportuna revisão da gestalt aplicada a "Tour de France".

Sons eletrônicos e sintéticos, ritmos industriais e — independente do que possam vir a nos apresentar no futuro — as quase duas décadas de atividade desses operários da eletrônica possibilitaram não apenas que a vanguarda encontrasse mais canais de comunicação com o público em geral, como o rompimento dos contrastes existentes entre a fria tecnologia e a produção musical popular. Deixo as palavras finais a Ralf e Florian: "A música não deve ter um papel direto na sociedade, mas deve ser capaz de se fazer permanentemente presente. A arte deve existir por si mesma. Na arte trabalha-se durante anos até que se possa encontrar verdades básicas que satisfaçam o artista. Nós fazemos isso no cerne do mundo eletroacústico. Nos consideramos um laboratório. Investigamos até encontrar algo; então, gravamos isso em disco e tocamos num concerto, para apresentá-lo às pessoas. Simples assim".

[redacted]

DISCOGRAFIA

LP — *KRAFTWERK 1* (71, Philips/AL); **LP — *KRAFTWERK 2*** (72, Philips/AL); **LP — *KRAFTWERK*** (reune os dois primeiros em única edição, 73, Vertigo/GB); **LP — *RALF AND FLORIAN*** (73, Vertigo/GB-EUA, PolyGram/BR); **LP — *AUTOBAHN*** (74, Vertigo/GB, relançado pela Warner em 81 e Elektra em 88, PolyGram/BR); **CS — *"Autobahn"*** (75, Vertigo/GB); **LP — *RADIO-ACTIVITY*** (75, Capitol/EUA, EMI/BR); **LP — *EXCELLER 8*** (coletânea, 75, Vertigo/GB); **LP — *TRANS-EUROPE EXPRESS*** (77, Capitol/EUA, EMI/BR); **CS — *"Neon Lights"*** (78, Capitol/EUA); **LP — *THE MAN MACHINE*** (78, Capitol/EUA); **LP — *RADIO ON*** (trilha sonora com as faixas "Radio-Activity", "Ohm Sweet Ohm" e "Trans-Europe Express", 79); **CS — *"Pocket Calculator"*** (81, EMI); **CS — *"The Model"/"Computer Love"*** (81, EMI); **LP — *ELEKTRO KINETIK*** (coletânea, 81, Vertigo/GB); **LP — *COMPUTER WORLD*** (81, Warner/EUA, relançado pela Elektra em 88, WEA/BR); **CS — *"Showroom Dummies"/"Europe Endless"*** (82, EMI/EUA); **EP — *TOUR DE FRANCE*** (83, EMI/EUA/BR); **LP — *BREAKDANCE — THE MOVIE*** (trilha sonora com a faixa "Tour de France", 84, Polydor); **LP — *ELECTRIC CAFE*** (86, Warner/EUA, relançado pela Elektra em 88, WEA/BR).

NEU!
LP — *NEU!* (73, Brain/AL); **LP — *NEU! 2*** (74, Brain/AL); **LP — *NEU! 75*** (75, Brain/AL).

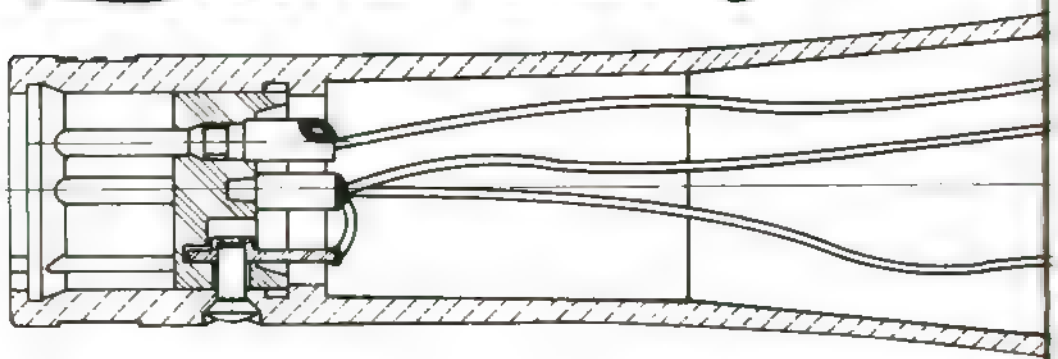
HARMONIA
LP — *MUSIK VON HARMONIA* (*, Brain/AL); **LP — *DELUXE*** (* Brain/AL).

MICHAEL ROTHER (com Jaki Liebzeit e Conny Plank)
LP — *FLAMENDEN HERZEN* (77, Sky/AL); **LP — *STERNTALER*** (78, Sky/AL); **LP — *KATZENMUSIK*** (79, Sky/AL).

* não foi possível precisar a data. Provavelmente entre o fim do Neu! e os discos solos.

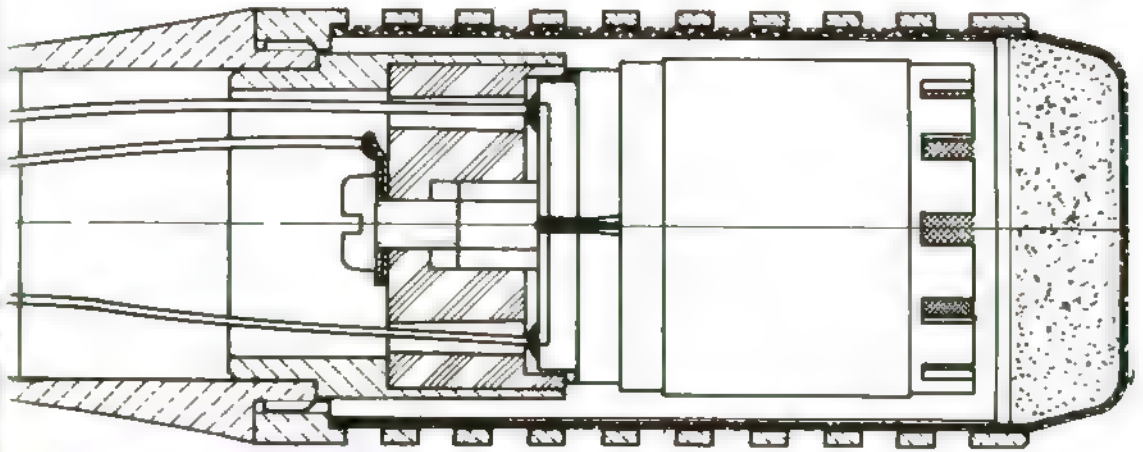
CONVENÇÕES
LP — Álbum Simples; CS — Compacto Simples; EP — Extended Play.
AL — Alemanha; BR — Brasil; EUA — Estados Unidos; GB — Gra-Bretanha.

SOUL.



JAZZ, ROCK, BLUES, REGGAE, PUNK, FUNK, RAP,
HIP-HOP, HEAVY METAL, COUNTRY... CANTE OU TOQUE
QUALQUER COISA, MAS COM MUITO SOUL.
AFINAL, O IMPORTANTE É O QUE A GENTE TEM POR DENTRO.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS



Le.son

MICROFONES COM ALMA.

Uma das características da musica eletrônica é o restrito numero de músicos necessario para manipular os sintetizadores, seqüenciadores, samplers e baterias digitais que este gênero obrigatoriamente utiliza. O **Simbolo** é formado apenas por Jose Martins da Costa Neto, que constrói sua argamassa eletrônica sobre quatro pilares da música contemporânea: o serialismo, o minimalismo, a musica concreta e a industrial

Seu objetivo é implantar uma nova estética musical e, embora declare influências dos grupos Kraftwerk e Pink Floyd, há três anos desenvolve uma pesquisa de timbres e elementos lingüísticos para uma associação original — uma de suas descobertas é o "papiamento", idioma utilizado em Curaçao que funde holandes, espanhol, ingles, frances e português

Seu LP de estreia sairá ainda este mes, através do selo Cri Du Chat Discques e será lançado em mais três paises (Canada, pelo selo Network, Alemanha, pelo Interfish, e Belgica, pelo Antler)

O mercado internacional está, paradoxalmente, muito mais proximo do Simbolo do que o brasileiro. "Após o sucesso do Sepultura, a Europa percebeu que no Brasil não se faz apenas samba e lambada", afirma Eneas Neto, dono do Cri Du Chat

Ao contrário de outros grupos que produzem *electronic body music* com a ultima geração de instrumentos digitais, Martins confessa sua preferência pelo *low-tech*. "Uma bigorna e um martelo seriam suficientes." Em suas apresentações, nem sequer utiliza mesa de som, lançando diretamente aos amplificadores dos P.As. o sinal de áudio de seus instrumentos. "Assim o peso e o *punch* são preservados, sem uma limpeza exagerada"

Em setembro deste ano, o Simbolo se apresentará em vários paises da Eúropa, o mercado prioritario para divulgação de seu trabalho. Contatos: Caixa Postal 42396, CEP 04299, São Paulo — SP

Fazendo um rock'n'roll dançante e povoado por referências punk, o ***Babajabba*** *se coloca a anos-luz dos chavões heavy e depressivos que assolam a maioria das bandas de Recife.*

"Nossa proposta é tocar hard e praticar a filosofia do escracho", define Gustavo, ou Rod Rhodelius, seu atual pseudônimo. Rod tem uma presença de palco explosiva. Usa uma peruca à Dee Snider (Twisted Sister) e toca baixo com precisão, peso e melodia. Bewler Vila usa uma guitarra repleta de riffs e acentos psicodélicos. Ernane, conhecido também como XPTK — o grupo adora pseudônimos — ataca a bateria com rapidez.

Nas letras do Babajabba aparecem palavrões e esculhambações de todo tipo. O proprio nome afirma o caráter irreverente do grupo. Há três anos, o Babajabba ostentava o curioso nome $iencia $inica, com o qual se introduziu no cenário rock local, abrindo shows de grupos como Legião Urbana e Titãs. Hoje o som é mais visceral e menos pop. Quando os três sobem no palco, é impossível ficar sério. O escracho é total

Durante o congelado inverno porto-alegrense de 88, uma moçada sacudiu a poeira do cenario rock local — precisamente quando ele apresentava sinais de estagnação

Ao lado dos malucos do Grafforeia Xilarmônica, despontava aos olhos dos observadores de plantao o **Smog Fog**, mais um grupo promotor de uma absurda mistura de gêneros e estilos.

Vindos de um ano de apresenaçoes em colegios, Guilherme Figueiredo e Felipe Duarte (guitarristas, vocalistas e mentores da original concepçao Smog Fog de musica) surpreenderam com seus arranjos inusitados, percorrendo caminhos que desembocam em uma emaranhada trama psicodelica

Atualmente sem baterista fixo, a dupla conta com João Oair, baixista que constantemente utiliza o efeito *chorus*, numa aproximaçao leve de alguns exemplares do rock ingles. Vozes, guitarras e percussao, por outro lado, dinamitam qualquer influencia, tornando-as praticamente imperceptiveis.

"Costuma-se confundir o novo com o original. Ai se instaura o mito da espontaneidade, onde publico e artistas se enganam mutuamente", afirmam os musicos no texto de apresentação de seu caprichado *book*. O compromisso com a originalidade permite ao Smog Fog transitar livremente por baioes e valsas, evitando escorregões atraves de guinadas bruscas na dinamica das musicas. As letras chegam a saudaveis absurdos do tipo "Em cima fica o céu / embaixo fica o mar / para cima, para baixo / tralalali, tralalala

Para quem se interessar, o selo Vortex lançou uma fita do grupo, encontrada em algumas lojas de Sao Paulo e Porto Alegre, ou pelo reembolso postal

O heavy metal pode não fazer parte da tradição musical de Salvador, mas é justamente este quadro que a banda ***Zona Abissal*** *está tentando reverter com o lançamento de seu primeiro disco — que leva apenas o nome do grupo*

Depois de seis anos de estrada e muitas dificuldades, Alberto Carvalho (baixo e vocal), Emilio Otero (guitarra), Magno Santana (guitarra e voz) e Gilmar Andrade (bateria) decidiram juntar o dinheiro que possuiam, vender cópias antecipadas aos amigos e, com a cumplicidade de profissionais do ramo, produzir um LP inteiramente diverso dos estilos e generos locais.

Os temas são repletos de tiradas contra as desigualdades sociais, a opressão, a fome e a miséria, numa linguagem direta e acessivel

As apresentações do grupo, em variados locais, de bares a vaquejadas, trazem sempre o mesmo resultado: a platéia vai ao delirio, com as guitarras uivantes, distorcidas, baixo e bateria absolutamente seguros. Confira o som desta banda

Ormuzd Alves Axel

FOCO PRINCIPAL

Sem dúvida, a Inglaterra dita praticamente tudo o que acontece na dance music. O house tem origem americana, mas seu lançamento mundial foi via Reino Unido. Nomes do lado de cá do Atlântico como **Adeva**, **Inner City**, **Ten City**, **Tyree**, **Todd Terry** e **Raze** são nustres desconhecidos fora do circuito dos pistas dos EUA. Na Inglaterra, no entanto, todos tiveram hits no Top 30, e no caso do Inner City, quatro canções entre as Dez Mais.

A Inglaterra ainda nos introduziu ao house italiano (**Black Box**, **Gino Latino**), ao rap psicodelico (**De La Soul**, **Digital Underground**) e à sua produção local, da qual **Soul II Soul**, **Neneh Cherry** e **Beatmasters** são apenas a ponta do iceberg.

Por trás de tudo isso, veio uma nova atitude, em que a pista de dança é um lugar para se comungar ritualisticamente com outros milhares, tendo como preocupação primeira a diversão, e o DJ e a figura central da música. Isto começou em 1988, em Londres, ao som da acid house e hoje se espalha por toda parte, dando uma ideia do que nos reservam os anos 90.

Os grandes eventos de dance music na Inglaterra agora estão indo para o interior. Festas quase sempre ilegais onde tudo acontece (chamadas *raves*), em hangares abandonados e fazendas à beira de estradas vicinais reúnem até quinze mil pessoas que dançam, incansáveis, até o amanhecer.

Tais acontecimentos são cada vez mais comparados aos épicos festivais dos anos 60, devido à atitude de despojamento e descontração dos participantes e às referências psicodelicas, cosmicas (meio hippies até) dos ouvintes, flapetas e nomes dos eventos — como *Live the Dream* (Viva o Sonho) e *Sunrise* (Nascer do Sol).

O som ignora regras e a predominância da música negra americana nas pistas inglesas vai declinando ao mesmo tempo que varias bandas independentes vão acrescentando mais balanço aos seus riffs de guitarra sessentistas. **Stone Roses** (*ver matéria nesta edição*), **Happy Mondays**, **The Shamen** e **The Beloved** são os principais nomes por trás desse cruzamento da batida dançante com a guitarra rascante.

SAMBA-HOUSE

Que fim levou Robin? Com este nome, um novo grupo paulista de dance music parece indicar que foi recuperar o tempo perdido nos clubes de Gotham City. Formado pelo DJ Mauro Borges (vocalista) e Renato Lopes, do Nation Disco Club, de São Paulo, o Robin propõe converter ritmos brasileiros em moeda internacional da dance music. "Aqui não tem Chanel" é sua musica de maior êxito, um samba-house, por enquanto só existente em fita. Robin abriu o show do Technotronic no Olympia, quando se realizou a final brasileira do campeonato mundial de DJs do DMC (*mais sobre isso na próxima edição*), mas não conta ainda com nenhuma possibilidade de gravação em disco. Dispensando samplers, o grupo contratou competentes musicos de estudio, produzindo faixas extremamente dançantes que só não serão hits por tremenda injustiça. As apresentações ao vivo, com dançarinos e tudo o mais, têm impressionado o publico devido à performance de Mauro Borges, que parece movido a energia nuclear.

ALTA ROTAÇÃO

Algumas novidades que logo estarão vibrando na sua pista de dança favorita:

"Get A Life", do **Soul II Soul** com coro infantil cantando o refrão, foi lançado em dezembro passado, sendo o primeiro single do novo LP que se chama, obviamente *Club Classics Vol. 2*.

K-Y-Zee é de Nova Jersey e inventou a mistura do rap com o garage house: *club rap*. "Stomp (Move, Jump, Jack Your Body)" é absurdamente popular em Nova York, com direito a passos de dança proprios.

From the Mind of Lil' Louis é o título do primeiro álbum do homem por trás dos espasmos de "French Kiss".

Aguardem para breve o *debut* solo de **Caron Wheeler**, a fantastica voz de "Back To Life" e "Keep On Movin' " do Soul II Soul. Os **Jungle Brothers** estão na produção.

Dois estreantes que merecem atenção são o **3rd Bass**, considerados por alguns o maior grupo de rap desde De La Soul, e uma cantora de Baltimore chamada **Ultra Nate**, cuja "It's Over Now" foi hit nas pistas durante meses em forma de fita demo.

AO VIVO

HOLLYWOOD ROCK

GILBERTO GIL

Sol, rio aberto, gente chegando, som num, cerveja quente. Nada disso impediu que Gilberto Gil improvisasse uma boa dose de animação e alegria que assinalou o show de abertura do Hollywood Rock em São Paulo.

Refém" e "O Eterno Deus Mu-Dança", estrategicamente colocadas no meio, conquistaram a platéia pela dança, preparando o terreno para um repertório mais *soft*. Para o final, Gil reservou duas de suas composições mais "rock": "Rock do Segurança" e "Punk da Periferia" — certamente entre as piores coisas que já fez — encerraram a apresentação num clima dançante.

No Rio, o ardente que vitimou seu filho Pedro Gil impediu que o cantor se apresentasse. Chamada às pressas, Margareth Menezes — a estrela brasileira dos shows de David Byrne, semidesconhecida por aqui — conseguiu empolgar a platéia com seu coquetel de funk, reggae, samba e lambada.

TEARS FOR FEARS

Tudo o que a produção sofisticada do LP *The Seeds of Love* procurava ocultar veio à tona no show das "mãos-de-tesoura" no Morumbi. Sem voz, sem presença de palco, sem nenhum brilho instrumental — e principalmente sem *soul* — Roland Orzabal e Curt Smith realizaram a pior performance do festival.

No começo, até que a dupla conseguiu disfarçar sua mediocridade, lançando mão de "Head Over Heels", "Change" e "Pale Shelter", recebidas efusivamente pelo público. Já as músicas do último LP não tiveram a mesma sorte, provocando a dispersão da platéia ainda na metade do show.

Os vocais poderosos de Oleta Adams para "Woman In Chains" e "Badman's Song" serviram apenas para reforçar a falta de sangue dos protagonistas.

A inclusão de "All You Need Is Love", pouco depois do pastiche de Beatles — que é o hit "Sowing The Seeds Of Love" —, foi, no mínimo, patética. No final, Roland e Curt tiveram mesmo que recorrer aos dois últimos trunfos guardados na manga: "Everybody Wants To Rule The World" e "Shout", cumpriram seu papel, compondo um fim de show animadinho.

Fechando a segunda noite da edição carioca, Smith e Orzabal repetiram a pessima atuação de São Paulo.

BOB DYLAN

Foram duas dezenas de canções em quase uma hora e meia de espetáculo. Seria o suficiente para que o heterogêneo público presente no Morumbi pudesse se esbaldar vendo e ouvindo o mito em carne e osso. Mas só uma devoção cega ou o mero desconhecimento de sua obra seriam capazes de evitar a sensação de que havia alguma coisa errada... Lá estava ele desfilando, um a um, hinos que se inscreveram entre os clássicos do rock... e esvaziando o estádio. Sua notória displicência tornou canções como "Forever Young" quase irreconhecíveis.

A sessão acústica — com Dylan e G.E. Smith nos violões — não contribuiu em nada para aumentar o pique, apesar da inclusão de "Mr. Tambourine Man", da indefectível "Blowin' In The Wind" e "A Hard Rain's A-Gonna Fall" (cuja quilometrica letra acelerou a debandada do público). De volta ao som elétrico, Dylan partiu para uma versão de "Lay Lady Lay" que ainda conseguiu encontrar alguns vestígios de entusiasmo. Mas o Morumbi já estava praticamente deserto quando encerrou o show com "Like A Rolling Stone" e "Knockin' On Heaven's Door".

Uma semana mais tarde, Dylan provaria que continua capaz de ressurreições. A lição parece ter surtido efeito. No Rio, o desleixo foi substituído por um clima de cumplicidade com o público, que respondeu com uma vibração inexistente no Morumbi.

CAPITAL INICIAL

Com um show bastante parecido ao que serviu de abertura para a turnê de Sting em 87, o Capital não comprometeu, mas não chegou a empolgar a garotada que havia comprado ingressos para ver o Bon Jovi. A resposta fria da platéia tornou evidente a distância em que se encontra o grupo: incapaz de se livrar dos velhos hits e com dificuldades para substituí-los por algo mais substancioso que "Pedra na Mão" ou "Fogo", seu sucesso mais recente.

Assim, restou a Dinho refugiar-se mais uma vez nas velhas oferendas de Renato Russo: "Música Urbana", "Faroeste" e até mesmo a pré-histórica "Veraneio Vascaína" executada no bis.

A situação não foi muito diferente no Rio, onde nem os velhos hits chegaram a levantar o público.

ENGENHEIROS DO HAWAII

Como já era de se esperar, os Engenheiros conheceram no Morumbi os frutos de sua "ascensão à primeira divisão" do rock nacional.

"Ouça o que Eu Digo: Não Ouça Ninguém" abriu o show numa versão mais longa que a do vinil, acompanhada com palmas pela platéia. Em "A Revolta dos Dandis II", o grupo mostraria sua tática para aproveitar ao máximo o público reunido (o maior da edição paulista do festival). Citações, covers, imitações à Cazuza generalizada de "ió-ios" e "iê-ies".

A versão para "Era Um Garoto Que Como Eu" foi enriquecida com trechos do Hino Nacional e da Marselhesa, e até mesmo do jingle da campanha de Lula. Mais tarde, "Infinita Highway" seria "enriquecida" com versos de Belchior e Beto Guedes, além de gritos de "Independência ou Morte!" (e!e).

As incursões políticas de Humberto Gessinger provocaram uma reação pavloviana, com o público cantando as melosas "Terra de Gigantes" e "Somos Quem Podemos Ser".

Na terceira noite da edição carioca, os Engenheiros repetiram o sucesso da performance paulista.

MARILLION

Não devem existir muitos rapazes com uma voz semelhante à de Peter Gabriel e capazes de entoar uma melodia. Mas talvez seja apenas uma questão de persistência. Afinal, o Marillion já descobriu dois: Fish e mais recentemente Steve Hogarth. Em relação a seu predecessor, Hogarth tem ao menos uma vantagem: a disposição inabalável de showman, que o levou inclusive a escalar a estrutura de metal do palco.

Depois de um começo morno, com as composições do disco mais recente, o grupo partiu para uma sequência infalível, composta pelos hits "Kayleigh", "Lavender" e a grandiloqüente "Heart Of Lothian".

Preso na sua fórmula progressiva, o Marillion fez com que o público da Apoteose ficasse imóvel — alguns, perdidos em suas "viagens" e outros, em inter minaveis bocejos.

Steve Hogarth fez sucesso escalando a estrutura do palco e tocando com suas luvas "MIDIadas"

Histeria coletiva, desmaios, braços para o alto, isqueiros piscando e um refrão ecoando na arquibancada: o show mais procurado pelo público foi também o mais quente de toda a maratona.

"Lay Your Hands On Me", a primeira música, é anunciada por uma explosão de luzes à frente do palco. Os solos de guitarra são sempre curtos, e as interrupções nas músicas — para que o público cante e bata palmas — são constantes. Uma canção mais pesada, como "Born To Be My Baby", é encerrada com um solo de Jon na gaita. A banda deixa o palco para que o tecladista exiba seu "virtuosismo" em um número solo. E o grupo abandona sua postura heavy *ma non troppo* para entoar uma balada adocicada ("I'll Be There For You"), apenas com violão e guitarra no acompanhamento. Com todos os truques milimetricamente ensaiados, não foi difícil para o Bon Jovi criar o momento mais vibrante do festival: quando o Morumbi balançou ao som de "You Give Love A Bad Name". Dali para frente, o delírio do público seria total.

Foi também o mais vibrante na Apoteose. Jon Bon Jovi e Richie Sambora revezaram-se mais uma vez no papel de "animadores", exercendo domínio total sobre a plateia carioca.

BARÃO VERMELHO

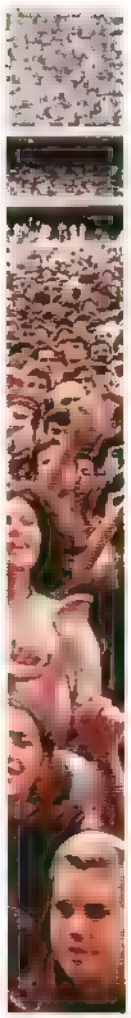
Recriando hits antigos, como "Bete Balanço" e "Maior Abandonado", com uma energia contagiante, o Barão provou que ainda é possível fazer um rock'n'roll seco e eficiente, sem cair na caricatura. O único senão foi a obra cover para "Satisfaction". A força das interpretações de "Pense e Dance", "Declare Guerra" e "Não Me Acabo" já seria suficiente para transformar este no melhor show nacional do Hollywood Rock. Mas os rapazes preferiram resgatar "Pro Dia Nascer Feliz", instalando a festa roqueira no gramado do Morumbi.

No Rio, o Barão pode contar ainda com um "efeito especial" inusitado: um eclipse nada oculto no momento em que a banda tocava a composição de Caetano Veloso.

LOBÃO

Quando os vinte percussionistas da Mangueira subiram ao palco para acompanhar a abertura do show de Lobão, o festival mudou definitivamente de cara. Coincidência ou não, ele e Annie Lennox formaram uma dupla imbatível, transformando o Morumbi numa grande avenida para o Hollywood Samba. Foi no show de Lobão, porém, que o casamento samba/rock funcionou melhor, encorpando "Vida Bandida" e "Cuidado!".

Após a saída dos sambistas, o Grande Lobo tratou de catalisar a vibração do público com seus sucessos mais dançantes: "Canos Silenciosos", "Decadence Avec Elégance" e "Rádio Blá". Com uma banda apenas correta, o cantor preferiu apoiar-se em seu carisma para comandar a plateia. Assim, quando ela deixou o palco, o show esquentou bastante. "Revanche", num arranjo para sax e violão, foi seguida da inevitável "Me Chama", que contou com todo o Morumbi nos backing vocals. Sorte de Lobão, que aproveitou o festival para gravar seu disco ao vivo.



Talvez preocupado com essas gravações, Lobão realizou no Rio um show correto, sem a emoção contagiante da apresentação paulista.

EURYTHMICS

Provocante e insólita, a performance da bailarina e *backing vocalist* Annie Marie Wurnera, que antecedeu a entrada dos Eurythmics, já dava uma pista da surpresa reservada para esta noite: um show memorável comandado por uma verdadeira estrela — Annie Lennox.

"We Too Are One" abriu o espetáculo, revelando uma das principais vantagens da dupla sobre seus colegas de festival: uma banda coesa, capaz de conferir a velhos hits interpretações superiores às registradas em vinil. Já na segunda música, "Love You Like A Bomb", Annie assumiria o controle da situação, levando o Morumbi ao êxtase com sua voz poderosa e sua presença dramática.

É difícil acreditar que apenas uma voz e um violão possam encher um estádio e fazê-lo dançar freneticamente. Mas foi o que aconteceu quando apenas Annie e Dave no violão iniciaram uma deliciosa sessão acústica, incluindo "You Placed A Chill In My Heart" e "Here Comes The Rain".

"When Tomorrow Comes" trouxe a banda de volta ao palco, para uma versão mais soul, bem superior àquela do vinil, e "Sweet Dreams", acompanhada em uníssono pelo público, encerrou temporariamente o show.

O bis (pedido à exaustão) trazia "Who's That Girl" e "Revival" — esta última com a entrada em cena de ritmistas e passistas de uma escola de samba. O segundo flerte da noite com o samba levantou mais uma vez o Morumbi. Emocionada, Annie ainda voltou para um segundo bis, com "Miracle Of Love", e deixou o palco cantarolando a melodia de "Aquarela do Brasil".

No Rio, um helicóptero da TV Globo prejudicou sensivelmente a apresentação.

TERENCE TRENT D'ARBY

Desde os primeiros acordes de "Attracted To You", ficou claro que os paulistas seriam testemunhas de um naufrágio. A insegurança do cantor, aliada à mediocridade de sua banda, destruíram por completo o potencial dançante dos hits de Terence.

A temperatura ameaçou esquentar quando ele esboçou os primeiros passos de dança, em "Wishing Well". Mas, perdido em algum lugar entre Prince e Michael Jackson, Terence pode contar apenas com o seu inegável charme para tentar manter o público no Morumbi. Não foi suficiente. O cantor ainda ensaiou uma recuperação com a insinuante "Dance Little Sister", para sucumbir em seguida com outra balada, "I Don't Want To Bring You Gods Down". Sempre que parecia engatar, havia um amolecimento à espreita.

Contrariando todas as expectativas, Terence acabou fazendo no Rio uma apresentação memorável, vencendo sua timidez inicial e redistribuindo os hits ao longo do show, numa dinâmica dançante que faltou no Morumbi.

BLISS

Com tantos grupos mais quentes que ainda não tocaram no Brasil, como Pixies, Sugarcubes, Stone Roses, a vinda da Bliss parece uma pálida consolação. Sua sonoridade não é nada excepcional, o sucesso momentâneo por aqui veio através de uma propaganda de cigarros — e muitos dos telespectadores nem imaginam de quem é a música — e a representatividade na Inglaterra, seu país de origem, é nula. Mesmo assim, a gravadora resolveu apostar, ignorando outros nomes de seu *casting* que seriam bem mais significativos.

Não obstante todas essas observações, as apresentações da banda superaram as expectativas. A concepção musical e as letras de cunho intimista e romântico são tatuadas por uma aura *freak*. A performance extracool do quinteto contou com as participações especiais de um violinista folk e de uma bonitinha, mas ordinária, backing vocal.

Ao longo de uma hora e vinte minutos, eles apresentaram treze composições, a maioria do primeiro LP, mais quatro inéditas que farão parte do segundo e uma linda cover de "I'd Rather Be Glad", adornada pelos improvisos vocais da graciosa Rachel Morrison.

Ao vivo, soam como um elo perdido entre as tonalidades pop-folksters dos Waterboys e um arsenal de influências negras, em que o blues, o soul, o gospel e as nuances jazzísticas ocupam os lugares principais. O problema é que são brancos demais para mergulhar de cabeça na sagrada negritude mas, ao mesmo tempo, não se assumem como uma banda de pop contemporâneo. Entretanto, o resultado não compromete e agradou aos presentes de tal forma que retornaram duas vezes para o bis. Na última delas, numa atitude inocente e piegas, eles voltaram vestidos com a camisa da seleção brasileira.

A bateria segura de Chris Baker descende das tradições do cool jazz. A guitarra semi-acústica deambula entre acepções folk e banalidades pop enquanto o baixo de Paul Ralphes alinhava com sutileza as atmosferas. Por fim, os teclados de Roger Askew lembrando bonitos fraseados de soul-ballads dos anos 60, fazem a cama ideal para a banda.

O ponto alto, certamente, é a blondinha Rachel. Ela tem um *look* de noviça nada rebelde, evidenciado em cada um de seus movimentos cênicos, que mesmo contidos, descartando a sensualidade, exibem uma sensibilidade adolescente à beira do orgasmo. Seu jeito de fadinha hippie atrai todas as atenções. Vestida com um tubinho abotoado ao centro, ela é o tipo de garota que faz com que você fique torcendo para que se abra mais um. Infelizmente, dos doze botões, apenas quatro se abriram.

Seus vocais aludem a uma Janis Joplin despida da visceralidade à queima-roupa e a Christine McVie nos primórdios do Fleetwood Mac. A afinação da voz é perfeita, com vocalizações que remontam à escola gospel de Mahalia Jackson. Enfim, Rachel é quem conduz a luz efêmera e sedutora das composições da Bliss. Por vezes, elas são plenas de beleza e naturalidade.

DEVO

Se alguém ainda hesitava em afirmar que o Devo fez uma versão eletrônica do punk rock, as primeiras apresentações do grupo no Brasil depois de mais de dez anos de carreira eliminaram qualquer dúvida.

Os shows viraram uma página da história da música pop da década que findou, como uma espécie de alegre funeral de todas as propostas da pequena revolução musical que agitou o norte do planeta no período de 77 a 82.

Sem se levar a sério, abusando do tom histriônico com quedas para o humor negro e sexual, o Devo confirmou seu lado punk parodiando os solos onanistas de guitarra da geração roqueira que o precedeu. Eles mostraram que se pode chegar ao mesmo resultado com apenas um dedo (epa!). Isso, por acaso, tem menos valor?

Cientes de que o tempo passou, escolheram "Disco Dancer" para fechar o espetáculo, uma canção sobre um zumbi da era disco que desperta muito tempo depois de sua época ter passado. Eles também acordaram e fizeram um dos melhores shows internacionais do ano que passou, recordando ao público seus velhos tempos de danceteria ou em cima do skate.

Quantos grupos ainda suam a camisa durante duas intensas horas? Quantos permanecem fiéis ao seu estilo original e dão aos fãs exatamente o que eles querem? A banda é uma das únicas sobreviventes da *class of* 77 que não se desviou um milímetro sequer de suas propostas iniciais, mesmo que o resultado tenha sido o preconceito ou o descaso de quem não entendeu a ironia.

Never mind. Como já dizia uma velha canção do Who, "My Generation", o Devo fala sobre uma geração e seu valor será melhor reconhecido no futuro. Afinal, "duty now for the future" (trabalhar agora para o futuro) é um de seus lemas.

Com um repertório mais bem selecionado e executado com mais pique do que no recente álbum duplo ao vivo, *Now It Can Be Told*, eles passaram em revista seus momentos mais brilhantes, após uma introdução com quatro clips exibidos em super-8. Centrando mais no seu período áureo, até 84, músicas como "Jocko Homo", a versão de "Satisfaction", "Whip It", "Come Back Jonee", "Gut Feeling" e "Smart Patrol/Mr. DNA" foram interpretadas com vigor igual ao de uma banda estreante de adolescentes.

O público respondeu ao chamado de imediato. Mal as luzes do teatro se apagaram, a frente do palco ficou lotada por uma turma que dançou até o fim, nem se incomodando com as cadeiras da primeira fila que, ao final do espetáculo, estavam parcialmente destruídas.

Eles provaram que aguentam fácil mais dez anos de estrada e reafirmaram que a distância entre um grupo local e um estrangeiro ainda é grande. Aqui, qualquer um se acha o tal com um sucessozinho e se preocupa mais com seu próprio umbigo do que com o público. O Devo, com humildade e energia, demonstrou justamente o contrário.

Sábado de garua e frio. Apenas oitocentas pessoas aguardam as luzes se apagarem. Todos esperam a primeira apresentação de uma banda de rock do leste europeu no Brasil.

A curiosidade dos presentes teve que esperar o show do Beijo AA Força. Como o clima era para polaco ver, o grupo soltou uma versão de "Wspaniala Nowina", do Kult, com direito a canja do seu vocalista Kazik Staszweski. Em seguida, o Beijo mandou uma coleção de sucessos antigos e novas melodias. O público, enfeitiçado o tempo todo, dançava e pogava. Quando eles tentaram se despedir, a plateia exigiu sua volta por duas vezes.

O Kult, logo nos primeiros acordes, mostrou que aprendeu muita coisa desde sua formação. Do punk da primeira banda de Kazik, o Poland, até o pop de diversas colorações de hoje, foram quase dez anos trafegando pelo underground polonês e três discos editados: *Kult*, *Listen*, *It's For You* e *Easy*. Os dois últimos, já gravados, ainda estão inéditos por falta de papel e vinil em seu país. Mas, apesar de todas as dificuldades e entraves burocráticos — sua vinda ao Brasil, por exemplo, foi adiada mais de uma vez por problemas de visto —, eles continuam a todo vapor.

Staszweski, Janujz Grudzinski (teclados e guitarra), Jrek Werenski (baixo), Piotr Morawiec (guitarra), Mariusz Majewski (bateria) e Marek Jaszczur (harmônica) provaram sua persistência nessa "excursão" brasileira. Das três datas planejadas — em Curitiba, Belo Horizonte e São Paulo —, apenas a da capital paranaense aconteceu como previsto. As outras foram canceladas mas, na base da improvisação, eles fizeram ainda três apresentações pelo interior do Paraná e acabaram realizando um show de última hora em São Paulo.

O som da banda passou por reformulações no ano passado, se orientando mais para o hard rock com toques progressivos do tecladista Janujz. Em alguns momentos, chega a lembrar o astral do Uriah Heep nos anos 70. Staszweski porta-se como um bom vocalista punk. O Kult elabora, a partir de todos esses elementos, uma identidade musical própria e muda.

Seu maior problema são as letras, escritas e interpretadas em polonês, o que impossibilita a compreensão das mensagens. Se a canção "Wspaniala Nowina" fosse cantada em inglês, teria lugar certo na parada de qualquer país. Mas, com um som tão intrigante e pelo as palavras até se tornam superfluas. Outras boas canções da noite foram "Rap", "Wodka", "Celina" e "Texas".

O importante, na apresentação da banda polonesa não foi somente a performance, mas a derrubada de alguns mitos. O melhor foi constatar que a Polônia não é feita apenas de Lech Walesa, sindicato Solidariedade e Papa João Paulo II. Lá acontece muito rock'n'roll, que não deixa nada a desejar ao do ocidente. Verdade.

OH MERCY — BOB DYLAN (CBS)

O ano de 89 acentuou uma tendência que já vinha se delineando há algum tempo no panorama pop internacional: a volta à ativa de várias estrelas do passado, com novos trabalhos. Dentro deste contexto, gurado na maioria das vezes pelo saudosismo ou mero oportunismo, houve enquanto exceções, o retorno de pelo menos três ilustres veteranos à sua melhor forma em álbuns inspiradíssimos: Lou Reed com *New York*, Neil Young com *Freedom* e este *Oh Mercy*, de Bob Dylan. Foram discos nos quais estes compositores — cada um à sua maneira — reencontraram sua mais autêntica força de expressão, sem que com isto tivessem de recorrer a uma rasteira "reedição" de seus feitos durante as décadas de 60 e 70. Este mérito foi conseqüência direta de uma feliz conjunção de fatores comuns a todos eles, como o alto teor criativo das canções, a escolha certeira dos músicos participantes e, principalmente, o cuidado com que foram tratadas suas respectivas produções. No caso de *Oh Mercy*, apesar de ter se enquadrado com perfeição nestes três itens, foi justamente no último deles que o álbum obteve o seu resultado mais marcante e original.

Há tempos com trabalhos mais ou menos inexpressivos (se comparados ao seu passado glorioso), Dylan reuniu neste álbum o melhor repertório que compôs em anos, dez canções que resgatam toda sua verve poética e musicalidade. Mas a cartada final para o sucesso desta empreitada viria com sua associação ao produtor canadense Daniel Lanois. Ele, que já trabalhara com o U2, Peter Gabriel e Robbie Robertson, por fim alcançou uma sonoridade absolutamente ímpar ao produzir o excepcional LP *Yellow Moon*, dos Neville Brothers (no qual inclusive inseriu covers de duas velhas canções de Dylan, "Ballad of Hollis Brown" e "With God on Our Side"). Foi uma espécie de trampolim para que Lanois começasse as gravações de seu próprio álbum solo (*Acadie*), que teve de interromper temporariamente ao ser convocado por Dylan para produzir *Oh Mercy*.

Para este disco, o esquema central adotado por Lanois foi o de emoldurar com esparsas intervenções instrumentais os versos de Dylan, realçando assim os seus vocais e conferindo às composições um clima intimista e introspectivo. Ou, como Mr. Bob em pessoa chegou modestamente a declarar, o êxito de *Oh Mercy* tem mais a ver com "as diferentes texturas de instrumentação do que com as canções em si". Porém, aqui o mais justo seria dizer que tanto o brilhantismo do compositor como o despojamento da produção caminharam juntos e perfeitamente integrados, o que ficou comprovado em três das melhores faixas do LP: "Ring Them Bells", "What Good Am I?" e "Man in the Long Black Coat", onde apenas Lanois (no violão ou dobro) e o engenheiro de som Malcolm Burn (nos teclados) forneceram um *background* ideal para o desempenho de Dylan (que também complementou o instrumental revezando-se em suas intervenções de violão, guitarra, piano e gaita).

O restante do álbum, escorado na maior parte por uma banda formada por membros dos Neville — Brian Stoltz (guitarra), Tony Hall (baixo), Willie Green (bateria) e Cyril Neville (percussão) — e outros poucos convidados, também se projetou na mesma linha de simplicidade trabalhada até os mínimos detalhes. Delicadas tramas de violões, guitarras e teclados junto a uma cozinha leve, porém possante, deram a tônica deste LP na certa o melhor de Dylan desde *Desire* ('76). A partir da abertura, com o balanço de "Political World", passando por "Everything Is Broken" (que era o título original do álbum), "Most of the Time", "What Was It You Wanted", até a pungente balada de encerramento "Shooting Star", será difícil destacar uma canção das demais. Dylan surpreendeu até aos que já não apostavam mais nada nele, fechando os anos 80 com um grande disco.

DISCOS

HAUS DER LUEGE — Einsturzende Neubauten (Some Bizarre/Stiletto)

A turma da cia. de demolições. Colapso final na arte. A cremação do cadáver do rock. É curioso (não surpreendente) que o som da banda alemã — saudado no início da década como o espasmo terminal do pop, de uma violência posterior e superior à do punk — se dê a conhecer no Brasil no mesmo momento em que se reconcilia com algumas fórmulas musicais que (pretensamente) vinha destruir. E, notem, sem qualquer sinal de decadência. Nem eles, nem os ingleses do Test Dept., facção original e mais radical do *industrial rock*, terão pretendido superar nada (que os mortos enterrem seus mortos...), a não ser sua própria trajetória de descoberta.

"Apenas metade do mundo é de teflon e amianto, o resto é inflamável / e queimará se ateado / tão bom de ver, que fulgor" ("Feurio!"). Variam apenas os combustíveis. O que o Test Dept. foi procurar em corais de trabalhadores, na gaita de foles e em *world vocals*, os Prédios Novos Desabantes (referência à arquitetura funcional do pós-guerra) acharam na própria história do rock de invenção. A percussão pesada e característica, executada com peças metálicas (bigornas, marretas, molas) está lá, em "Feurio!" ou na faixa-título. "Ein Stuhl in der Hoelle" ("Uma Cadeira no Inferno"), inspirada numa canção infantil, lembra os Bad Seeds de Nick Cave — dos quais o guitarrista e vocalista Blixa Bargeld também faz parte. Mais surpreendente é encontrar uma progressão harmônica que remete ao Pink Floyd (!) em "Fiat Lux" (completada com tapes de insetos zunindo e repressão a distúrbios em Berlim), um proto-reggae com efeitos à moda do Can ("Schwindel", presumivelmente a primeira vez em que o Neubauten teria ameaçado swingar) ou um raro solinho de guitarra do antiguitarrista Bargeld, na bela "Der Kuss" ("O Beijo"). Um disco esperadíssimo, que vinha sendo engendrado desde *1/2 Mensch* (85, até então o musicalmente mais acessível) e do rarefeito *Fünf auf der Nach Offenen Richterskala* (87). Ou mesmo desde os experimentos do grupo punk Abwärts, em *Der Westenet Emsan* (de onde partiram o baixista Marc Chung e o percussionista F.M. Einheit para a agressão percussiva de *Kollaps* e *Drawings of Patient O.T.*, em 82/83). O Neubauten definitivo. E, antes tarde do que nunca, no Brasil. *Alex Antunes*

CHICO BUARQUE (RCA/BMG-Ariola)

Por um lado, este vinil realirma o lugar de Chico Buarque entre os mais brilhantes compositores e poetas da música brasileira. Com a pena mais afiada do que no irregular *Francisco* (seu álbum de 87), ele embala versos como "quis chegar até o limite / de uma paixão / baldear o oceano com a palma da mão", de "Tanta Saudade", ou "penso ouvir a pulsação atravessada / do que foi e será noutra existência / é assim como se a rocha dilatada / fosse uma concentração de tempos", de "Morro Dois Irmãos", em canções suaves, delicadas. Só que, às vezes, essa suavidade recebe um tratamento excessivamente pomposo, como no caso dos arranjos orquestrais de Luís Cláudio Ramos. As participações especiais de Djavan, Gilberto Gil e Bebel Gilberto, por sua vez, são gratas surpresas. Um disco para confirmar velhos admiradores, mas não para convencer implicantes. *B.A.*

A BLACK AND WHITE NIGHT (LIVE) — Roy Orbison and Friends (Virgin/EMI-Odeon)

Roy Orbison havia retomado sua carreira com muito vigor quando faleceu no final de 88. Muitos projetos vinham sendo realizados, como a reunião dos Traveling Wilburys e o LP *Mystery Girl*, que foi lançado logo após sua morte. Recentemente surgiu mais este disco, com gravações feitas em shows realizados em setembro de 87, conhecidas como *Cocoanut Grove Session* (lançadas nos EUA também em vídeo). O LP traz alguns dos maiores sucessos da carreira da voz mais romântica e sofrida da primeira geração do rock'n'roll, como "Only the Lonely", "Dream Baby", "Crying", "Mean Woman Blues", "Blue Bayou", "Ooby Dooby" e "Oh Pretty Woman". Da *big band* que acompanha Orbison participam nomes como Elvis Costello, Bruce Springsteen, Tom Waits e Jackson Browne, enquanto nas canções mais lacrimejantes é utilizado até um conjunto de cordas. Um disco imperdível. *L.R.*

BELOW THE WASTE — The Art of Noise (China/PolyGram)

Fiel à iconoclastia pregada pelo manifesto futurista (redigido em 1912 pelo italiano Luigi Russolo) que lhe rendeu o nome de barulho, o duo The Art of Noise incide agora sobre o universo da música étnica. O movimento não é de todo inédito para o grupo (afinal, a tecladista Anne Dudley fora uma das eminências pardas por detrás da vampirização pancultural empreendida por Malcolm McLaren no LP *Duck Rock*), mas conseguiu se cercar de um certo charme e singularidade. Puristas e "guardiães das raízes" poderão se irritar com o *approach* adotado pelo AON: o deboche tangencia a inserção do grupo vocal sul-africano Mahlathini and the Mahotella Queens em "Yebo!", que a seu modo nos remete ao humor maluco dos B-52's na fase "Rock Lobster". Este clima de farsa articulada pela eletrônica se apresenta em todo o LP, mas ganha dimensões delirantes notadamente no par de canções "Catwalk" e "Dilemma" (em que artefatos sônicos da milenar civilização nipônica e cantos gregorianos passeiam por entre voluptuosas orquestrações e ritmos techno) e na inesperada fusão afro-serialista presente em "Chain Gang". *A.G.C.D.*

CARACOL — João do Bruçó/R.H. Jackson (*)

O percussionista Bruçó e o programador eletrônico e guitarrista Jackson partiram para uma aventura rara na música brasileira. Tanto do ponto de vista estético — combinando elementos contrastantes, como improviso acústico e tratamentos eletrônicos, ritmos brasileiros e experimentalismo — quanto de mercado, bancando o lançamento em disco de sua trilha arrojada e totalmente autoproduzida. O resultado é um LP fascinante ainda que eventualmente cansativo para os ouvidos desacostumados. Pontos altos: o baião "Dona Roxa", com sanfona tratada e tapes, o proto-rock "Here We Go Again" (cantado em inglês por Jack), o eletro-Weil de "Cabarechi" e o soturno samba "Terra Banda". *A.A.*

BRAIN DRAIN — Ramones (Chrysalis/EMI-Odeon)

"I don't want to be buried in a pet sematary / I don't want to live my life again, oh no, oh no..." é o que vociferam os Ramones numa das faixas do novo LP, aliás o décimo segundo de sua carreira. Paradoxalmente, essa declarada aversão em assumir os papéis de zumbis do rock n'roll não impediu que a fórmula que os consagrou pela primeira vez — uma barragem de sandices, acordes básicos, urgência e volume máximo — tivesse sido mergulhada em formol e executada *ad nauseam*. Fossem eles quaisquer outros, tal hábito já os teria fulminado há muito tempo. Mas os Ramones não são quem são por acaso. Neutralizando a redundância com doses cavalares de adrenalina, o grupo confirma em *Brain Drain* que esclerose e frouxidão não são mesmo itens de sua alçada. E o que é melhor: com a produção de Bill Laswell e a volta do baterista Marky, seu ataque primal ganhou dinâmica e precisão. Destaques: o arrasa-quarteirão "Ignorance Is Bliss" e a citada "Pet Sematary", tema do filme de horror homônimo roteirizado por Stephen King. *A.G.C.D.*

AQUI JAZZ BRAZIL — Bocato (Baratos Afins)

O trombonista Bocato se apresenta neste LP ao vivo como um bom aluno de Miles Davis à brasileira, indo do samba-funk ("Desejo Sumário") à *latinidad* ("Flagrante Forjado"). Embora Bocato ainda não seja um, digamos, Raul de Barros (seria o tema "Luar na Prisão" cômico intencionalmente?), há pelo menos uma faixa muito boa: o blues em 6/8, "Artigo 16". No mais, o registro em vinil peca um pouco pela frieza e o ideal talvez fosse ter visto o próprio show, no auditório da Funarte (SP). *A.M.Jr.*

THE REVOLUTION WILL NOT BE TELEVISED — Gil Scott-Heron (RCA/BMG-Ariola)

Tendo começado sua carreira como escritor e poeta, Gil Scott-Heron logo decidiu transpor também para a música seu texto militante, forjado nas ruas do Bronx e, aos 21 anos, gravava um primeiro álbum, *Small Talk at 125th and Lenox* (71). Seus versos engajados, associados a uma competente moldura instrumental de jazz, funk, blues e ritmos afros, rapidamente tornaram-no um expoente da *black music* radical, o que se confirmou em seus dois LPs subsequentes, *Free Will* (72) e *Pieces of a Man* (73). O disco em questão é uma compilação de faixas destes três primeiros trabalhos de Scott-Heron e já na faixa-título — um de seus poemas musicados mais contundentes — demonstra a força da combinação *sui generis* entre sua voz e a base instrumental. Mas não é só: dentre as outras doze canções, encontram-se pequenas maravilhas como "The Get Out of the Ghetto Blues", "Lady Day and John Coltrane" e "When You Are Who You Are". E em três outras músicas — "No Knock", "Brother" e "Whitey on the Moon" — Scott-Heron revela-se um verdadeiro precursor da geração rap. *C.P.*

WHO'S THAT COMPILATION? — Vários (Who's That Beat?/Stiletto)

Após três anos de espasmos, a trilha glacial da Europa acabou derretendo em contato com o ácido da Ilha. Nessa coletânea do selo Who's That Beat? reduzida em número de faixas no Brasil, o mix desses tempos híbridos se manifesta com simples gastos por Coldcut e clichês cansados como "Pump Up..." e "Ecstasy". Nem tudo foi perdido. O grupo alemão Westbam usa a base de "Numbers", do Kraftwerk, e junto às crias de Patrick De Meyer — Tragic Error e [illegible] — consegue fazer nevar no calor das cavernas de dança. Congelamento já! *M.P.*

[illegible]

Se 88 foi o ano dos Pixies, indubitavelmente 89 pertenceu aos Stone Roses. Com seu tom místico e envolvente — ou como um dia escreveu Morrissey, "Manchester, so much to answer for..." —, continuaram carregando o fardo desta tradição. A cidadezinha cinzenta do norte da Inglaterra (que no passado já trouxe nomes como os de Roy Harper, Hollies, Van der Graaf Generator e, mais recentemente, os Buzzcocks, o Fall e o Joy Division) vive outro momento relevante de sua história musical. Ao lado de conterrâneos como os Inspiral Carpets, James, Happy Mondays e New Fast Automatic Daffodils, o Stone Roses ocupa um lugar primordial e imbatível dentro deste efervescente panorama musical.

O grupo foi criado no final de 84 e a primeira notícia que se teve dele foi através da revista *Zig Zag*, quando lançaram seu primeiro single ("So Young") pelo selo Thin Line. Seguiram-se mais quatro, dos quais os dois últimos (ambos de 89) explodiram definitivamente no cenário *indie* britânico.

Este seu LP de estréia (lançado originalmente em abril de 89) capta em cheio a magia oferecida anteriormente pelos singles (a edição brasileira inclui um deles, "Elephant Stone", como *bonus track*). Eles são geniosos, tímidos e citam bandas obscuras como Osiris, Cymande e Orange Lemons. O grande barato de sua sonoridade é não ser diretamente influenciada por nenhum grupo específico, mas por um imaginário fio condutor que liga a *beat music* dos anos 60 aos Smiths e, posteriormente, às bandas da *Class of '86*. Os vocais de Ian Brown são suaves e sonolentos, em interpretações espontâneas que cheiram a adolescência. As guitarras de John Squire evocam penetrantes melodias em meio a *feedbacks* e reinventam com originalidade as levadas de *jingle jangle*. A bateria e o baixo devolvem ao pop o seu pulsar, há muito perdido. O pano de fundo é a psicodelia, especificamente aquela oriunda de São Francisco. As letras exaltam a vida, a beleza, o amor, narcisísticas por excelência. As doze canções deste álbum são verdadeiros diamantes que refletem e projetam uma nova espécie de lisergia, que consegue fazer do pop um arco-íris ao longo do tempo. *Fernando Naporano*

DISCOS

ABOUT TIME — Ten Years After (Chrysalis/EMI-Odeon)

O TYA voltou a se apresentar em 88 com a mesma formação de mais de doze anos atrás, que lançou doze LPs e em 69 levou a platéia de Woodstock à loucura, sob o comando dos dedos ágeis do guitarrista Alvin Lee. Este disco foi lançado no ano passado e mostrou em suas dez faixas que a banda, apesar do longo tempo de inatividade, ainda continua com muita energia e empolgação, aliadas à técnica e a um refinado entrosamento. É como se, a cada faixa, alguém descobrisse aquela garrafa de vinho escondida há muitos anos. *L.R.*

KING SWAMP (Virgin/EMI-Odeon)

Que me desculpem os fãs do Cult — público provável desta semi-armação —, mas xerox de xerox raramente faz jus à matriz. Tudo bem, mais ingleses fazendo simulacro de hard rock e r&b para americano (e não só) ouvir (e pagar bem). Mas que diabos está fazendo o baixista Dave Allen — detonador do punk-funk da Gang of Four depois associado ao sinuoso experimentalismo dançante do Shriekback — à testa desta agremiação espúria? Ok, a vida de vanguarda é dura. Só que Allen, compositor de todas as faixas (ao lado do tecladista Steve Halliwell, também ex-Shriek, como o baterista Martyn Barker), caiu na mesma armadilha em que o produtor Steve Lillywhite derrubou os Simple Minds em *Sparkle In The Rain*. Aqui a mixagem é de Bob Clearmountain, que no afã de tirar o rei do pântano quase limou o som do baixo — um dos poucos traços distintivos do grupo. Só para completar: o vocalista Walter Wray e o guitarrista Dominic Miller são medíocres. *A.A.*

ROCK'A'ULA — Os Cascavelletes (EMI-Odeon)

Mesmo entendido como um sintoma da grave estagnação por que passa o rock brasileiro, é inacreditável que uma gravadora possa perder tempo com tamanha bobagem. Vindo do Rio Grande do Sul, esse Polegar metido a besta surgiu de uma defecção do não menos medonho TNT, com o intuito de fazer caras e bocas (conforme atesta a capa do LP) e perpetrar barbaridades do tipo: "Hey...houhh...vamos lá...todo mundo...é isso aí...ha, ha, ha...legal...tudo bem, deixa assim..." *A.G.C.D.*

QUANDO A NOITE CAI — Celso Blues Boy (Retoque)

O guitarrista catarinense radicado no Rio de Janeiro ataca novamente com o seu blues, que, mesmo impregnado da leveza do espírito carioca, consegue transmitir o legítimo *feeling* do estilo. Além da destacada técnica instrumental de Celso, a banda de apoio mostra eficiência e prazer nas execuções, o que só valoriza faixas como "Talvez o Crime Compense", "Variações em Torno de..." e "Quando a Noite Cai Azul". *C.E.M.*

DECADE — Duran Duran (EMI-Odeon)

Assim se passaram dez anos desde que cinco moleques suburbanos — embebidos do melhor glitter: Bolan, Bowie, Roxy Music — se meteram a forjar um coquetel de suas duas bandas favoritas na época. E havia poucas coisas mais díspares no final dos 70 que o punk dos Sex Pistols e a discothèque do Chic.

A receita era infalível — mas, entre 81 e 82, quando os Duranies vieram à tona, não parecia nada de especial. Os vocais anasalados de Simon Le Bon ficavam ainda mais irritantes acoplados a letras que misturavam ficção científica barata, surrealismo de almanaque, rimas forçadas e *femmes fatales* de fim de feira. A Inglaterra surgia com um "novo pop" — belas melodias, refrões ganchudos, arranjos elegantes e dançantes — e as melhores apostas para a década pareciam estar entre o racha Human League/Heaven 17, mais ABC e Scritti Politti, numa raia em que corriam ainda Depeche Mode, Yazoo, Spandau Ballet, Culture Club, Classix Nouveaux.

Demorou alguns anos para certas pessoas perceberem que o DD deixou todos comendo poeira. Eu mesmo só acordei para esta revelação há uns dois anos, no primeiro Hollywood Rock, tragado pela multidão em êxtase com o desfile de hits — "clássicos!" — que Le Bon e cia. detonavam do palco.

Eles estão (quase) todos aqui, nesta coletânea, alguns envelhecendo como vinho francês, Elvis, Motown... *Trashy*, bobinhos, sedutores como no *groove* seco, contraponto metralhado entre guitarra e percussão, de "Girls On Film". No sequenciador aerodinâmico de "Hungry Like The Wolf" e da introdução de "Rio", na apoteose dançante — dá para salvar qualquer festa com este disco! — de "The Reflex", "Notorious" e a *house* durante "I Don't Want Your Love". No refrão beatlemaníaco de "Is There Something..." (a matriz de "What's On Your Mind", do Information Society). Em duas das mais belas baladas dos 80, "Save A Prayer" e "A Matter Of Feeling".

Os álbuns posteriores à defecção de dois Taylor, Roger e Andy — *Notorious* e *Big Thing* —, já haviam provado que o Duran Duran continua em evolução. Agora *Decade* vem sugerir que estão entre o "melhor pop de todos os tempos". Macacos me mordam! *José Augusto Lemos*

PINETOP IS JUST TOP — Pinetop Perkins/LONESOME IN MY BEDROOM — Luther Johnson (Black and Blue/Eldorado)

Dois ótimos LPs para os fãs do blues, trazendo respectivamente o *boogie woogie* do pianista Pinetop Perkins e o r&b mais direto do guitarrista Luther Johnson. Só uma ressalva: pena que o selo francês Black and Blue, tão eficiente em resgatar nomes injustamente obscuros como estes, traga em suas contracapas informações incompletas (no caso de Johnson) ou erradas (no de Perkins, no qual o pianista Otis Spann, ainda na ativa, é citado como "morto"). *A.M.Jr.*

SEASONS END — Marillion (EMI-Odeon)

Não há dúvida. Com a saída de Fish, o Marillion perdeu um pouco daquele estigma de clone do Genesis. E seu substituto Steve Hogarth (ex-Europeans), já entrou assumindo tanto os vocais como as letras, com um bom entrosamento junto aos músicos. O som continua basicamente o mesmo, com pitadas de vários grupos progressivos dos anos 70. Para quem gosta, vale arriscar a faixa-título, "Easter", "Berlin" e "Hooks in You". *L.R.*

NEITHER FISH NOR FLESH — Terence Trent D'Arby (CBS)

O segundo álbum de TTD comprova que abuso e pretensão são tópicos permanentes no currículo deste autoproclamado "gênio" da música pop. Quem esperava por uma nova investida na esteira de seu LP de estréia (*Introducing the Hardline According to Terence Trent D'Arby*, de 87) com certeza quebrou a cara. *Neither Fish Nor Flesh* apresenta vários temas com climas etéreos a cargo de cordas, metais, cítara, koto e efeitos diversos, com muito pouco da preocupação imediata com a dança que caracterizava o seu antecessor.

Isto não significa necessariamente que se trate de um álbum "experimental" de TTD. Sua obsessão por ícones da *soul music*, como Sam Cooke, Wilson Pickett e Marvin Gaye, permanece mais clara do que nunca — quase sempre resvalando na xerox deslavada — mesmo dentro da moldura sonora incomum deste LP. Outro ponto a se considerar neste contexto é que, apesar de executar uma imensa gama de instrumentos em todas as faixas, dificilmente se destaca em algum, ficando os maiores méritos reservados aos músicos acompanhantes. Como intérprete, compositor, arranjador, produtor e engenheiro de som de seu próprio disco, poderia se dizer que TTD ainda se encontra bem aquém do porte de um Prince, por exemplo.

Mesmo assim, algumas canções merecem ser ouvidas com atenção especial, como "I Have Faith In These Desolate Times" (em que a melodia levada pelo vocal e koto repentinamente é substituída por uma frenética base percussiva) e "It Feels So Good To Love Someone Like You" (com uma bela interação sonora entre *pedal steel*, cítara e cordas). E talvez o melhor de *Neither Fish...* encontre-se em três faixas do segundo lado, no qual as inflexões de soul recebem um tratamento ímpar na mixagem e são realçadas pelas intervenções de cordas e metais. São elas: "This Side Of Love", "Roly Poly" e "You Will Pay Tomorrow". Em contrapartida, músicas como "Billy Don't Fall" e "Attracted to You" revelam uma ponta de retrocesso dentro do LP, repetindo timbres e ritmos já explorados em *Introducing The Hardline...* Enfim, um LP arriscado, em que TTD pode acabar sem o louvor da crítica e sem repetir o reconhecimento do grande público. Nem com o peixe nem com a carne. *Celso Pucci*

AURA — Miles Davis (CBS)

Composto pelo trompetista sueco Palle Mikkelborg como um tributo a Miles e gravado em 84, o LP duplo *Aura* só agora é lançado. E quase que simultaneamente a *Amandla*, o Miles mais recente, que pega o mestre do jazz *fusion* em uma fase já bem diferenciada. Vale pela comparação. Mikkelborg partiu de um procedimento canhestro (atribuiu notas musicais às letras M-I-L-E-S D-A-V-I-S e trabalhou as variações harmônicas e melódicas em ritmos diversos, dando-lhes nomes de cores que representariam a "aura" do homenageado) para um resultado até que bastante interessante. E a presença vigorosa de Miles e de alguns de seus melhores *sidemen* (o guitarrista John McLaughlin, o baterista eletrônico Vince Wilburn), ao lado de toda uma orquestra nórdica de sopros e sintetizadores, em formações variadas, põe *Aura* no nível dos bons trabalhos do trompetista nesta década, como *Decoy* e *You're Under Arrest*. Em outras palavras, dá de dez a um no preguiçoso *Amandla*. *A.A.*

KID VINIL (RCA)

Como seus trabalhos com o Magazine e os Heróis do Brasil, o primeiro LP solo de Kid Vinil mostra-se bem aquém de suas pretensões. Embora atire em várias direções — o release menciona coisas do tipo punk na linha dos Dead Kennedys", "psychobilly na linha dos Cramps", "um rock n roll meio Beatles, meio Stones" etc. — e conte com uma boa banda de apoio, é o "besteirol" de "Franguinha Assada" e da versão "Let's Twist Gay" (!) que dá a tônica do disco. Ou seja: como músico, Kid Vinil continua sendo um competente crítico. *A.G.C.D.*

[illegible]

O maior mérito do Rumo — grupo paulista que já completa catorze anos de carreira — foi ter revelado uma ótima cantora, até hoje desconhecida do grande público: Na Ozetti (que já gravou um disco solo em 88). Nesta coletânea estão reunidos alguns dos melhores momentos dos quatro LPs da banda, que desenvolve uma pesquisa sobre as relações entre o canto e a fala. Destaque para "Ladeira da Memória", uma pequena obra-prima de Zé Carlos Ribeiro, e "Quantos Beijos", pérola resgatada de Noel Rosa e Vadico. Altamente recomendável. *M.A.G.*

DJAVAN (CBS)

As investidas internacionais de Djavan o consagraram no exterior — e é bem mais animador ver seu nome reconhecido no cenário americano do que o de um Ivan Lins, por exemplo. Mas também causaram a inevitável pasteurização de sua música, imposta pelo padrão Los Angeles de produção. Agora o alagoano faz o possível para restabelecer seu personalíssimo estilo, um dos mais criativos e sofisticados na MPB desta década. E até que é bem-sucedido em canções como "Cara/Rumo" e "Oceano" (esta última massacrada na trilha de uma telenovela global). *A.A.*

DISCOTECA

O melhor da seleção de discos deste mês fica, com certeza, por conta do supremo metal do **Testament**, grupo californiano que barbarizou com um dos melhores shows do ano passado em São Paulo. Em seu segundo LP lançado no Brasil — **PRACTICE WHAT YOU PREACH** (Atlantic/WEA) —, eles novamente demonstram toda sua competência, com um som rapido e furioso. Mas nem só de legitima pancada o heavy faz sua fama. Prova disso é o álbum de estreia do **Winger** (Atlantic/WEA), cujo vocalista — Kip Winger — pouco apresenta alem de uma rosteira imitoçao de Bon Jovi. Tambem muito ruim é o primeiro LP do quinteto feminino **Phantom Blue** (Roadrunner/Eldorado) um bando de peruas fazendo um heavy de quinta categoria e repleto de clichês. Dando seqüência à verdadeira praga de "novas cantoras" que vem assolando o pais, eis que surge o disco de estréia da gaucha **Annie Perec** (Eldorado). Ela ate que tem um estilo vocal bem pessoal mas sucumbe em meio ao uso exagerado da eletrônica e uma mixagem canhestra, que "enterra" sua voz, sem perdão. Por outro lado, quem volta a dar o ar de sua graça é a antiga musa disco, versão brasileira: **Lady Zu**, que retorna com um repertório no medio para conquistar os FMs bregas no LP **LOUCO AMOR** (Continental). Sandra de Sa que se cuide. E quem deu uma reciclada geral em seu som foi o grandalhão **Barry White**, que também ressurge no album **THE MAN IS BACK !** (A&M/PolyGram), com muito ba anca e soltando de novo o seu vozeirão. Por sinal um disco bem melhor do que **EARLY WORKS** (Polydor/PolyGram), de **The Touch with Terence Trent D'Arby**, ou seja, do grupo de musicos (alemães) ao qual o dito vocalista pertencia antes de atingir o megaestrelato. Funk branco sem graça nenhuma, muito pouco para os "primeiros trabalhos" de quem se arroga o epiteto de "gênio". Enquanto isso, de carona na onda da *world music*, o percussionista **Reppôlho** apresenta o seu **TRIBAL-TECNOLÓGICO** (WEA), um LP que apesar de ter bons momentos (como o surpreendente funk-capoeira de abertura e uma versao interessante de "Olhos Coloridos"), no geral se perde nos vocais e letras sofriveis do instrumentista. Na área do pop, nada de muito promissor. De audivel, apenas o álbum **FISH'S HEAD** (BMG-Ariola), do **Fischer-Z**, grupo liderado pelo vocalista John Watts (que canta num misto de Roger Daltrey e Peter Gabriel). Diversão sem maiores consequências. De resto, ha os australianos do **Mental as Anything** recheando de canções fracas e padronizadas o seu LP **CYCLONE RAYMOND** (CBS) e tambem o som xaroposo de **Climie Fisher** — herdeiro direto de seu antigo grupo, o Naked Eyes — no perfeitamente dispensavel **COMING IN FOR THE HILL** (EMI Odeon). Para terminar, infelizmente temos duas porcarias das grossas: os teclados entediantes de **Jean-Michel Jarre** voltam a atacar (desta vez ao vivo) no LP **JARRE LIVE** (Dreyfus/PolyGram) e o pianista **Harry Connick Jr.** traz seu jazz metido a yuppie no album **20** (CBS

GRAVADORAS INDEPENDENTES

NEWROCK

PREÇOS
MALHA COMUM NC.$ 550.00
MALHA ESPECIAL NC.$ 630.00

LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS
NOVA COR!
ESTAMPAS EM QUADRICOMIA!

FONE (011) 280-2952

TAM P M e G

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

U2 · THE SMITHS · NEW ORDER · DISORDER · PRINCE · BATDANCE · NEW BEAT SHOW · SUICIDAL TENDENCIES · MADONNA · LED ZEPPELIN · IRON MAIDEN · STOP THE DESTRUCTION · XCUSE · INFORMATION · SOCIETY · SEX PISTOLS · PUNK'S DEAD · RAMONES · joy division · new order · DEPECHE MODE

ENCAIXO A CAMISETA NA COR CINZA ESCURO SOMENTE EM MALHA ESPECIAL NEWR

COMO COMPRAR (Leia com atenção)
— SEDEX A COBRAR: VOCÊ PAGA A ENCOMENDA MAIS DESPESAS POSTAIS AO RETIRÁ-LA NO CORREIO DE SUA CIDADE.
— O TEMPO DE ENTREGA E DE 48 HORAS APOS A POSTAGEM.
— O PREÇO DAS DESPESAS LOCAIS VARIAM DE ACORDO COM O PESO E A LOCALIDADE
OBS. NAO ESTAMOS MAIS ATENDENDO POR ENCOMENDA SIMPLES

PREFIRO COMPRAR DA SEGUINTE MANEIRA
( ) SEDEX (URGENTE) ( ) ENCOMENDA SIMPLES
TIPO DE MALHA ( ) COMUM ( ) ESPECIAL
TOTAL DA ENCOMENDA

REF COR TAM REF COR TAM

NEWROCK RUA CAPOTE VALENTE ... SÃO PAULO ... TEL ...

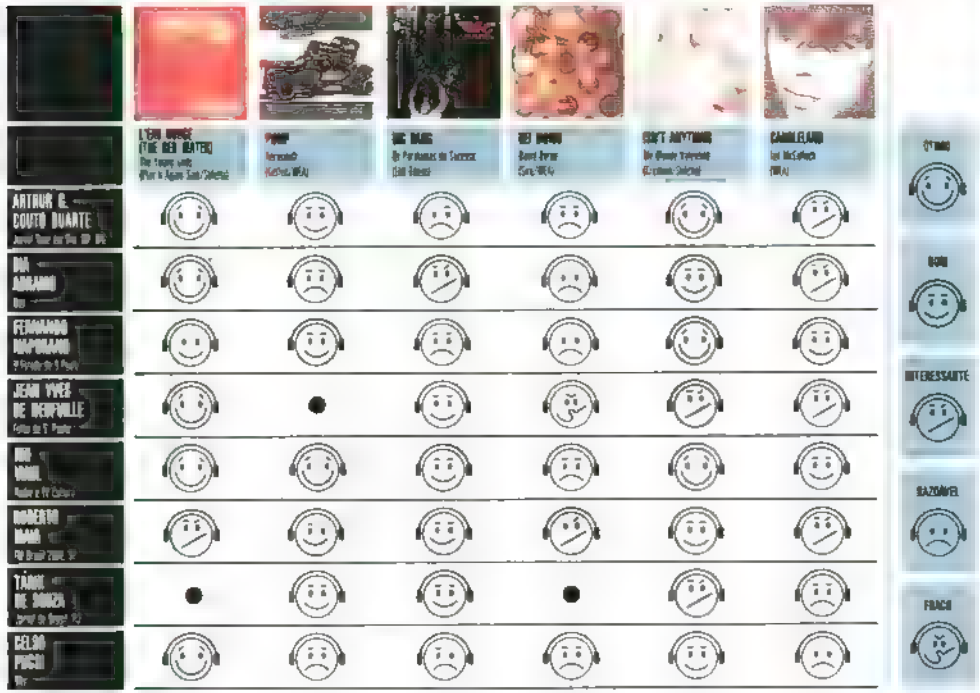
PREÇOS VALIDOS ATE 31 ...

DISCOS

Cada vez mais de perto, as edições de *compact disc* vem acompanhando os lançamentos em vinil: vide os sete títulos resenhados na seção *Discos* deste mês que já estão disponíveis em CD: **DECADE**, do **Duran Duran**, **SEASONS END**, do **Marillion** (ambos EMI-Odeon) **THE REVOLUTION WILL NOT BE TELEVISED**, de **Gil Scott-Heron** (RCA/BMG-Ariola), **NEITHER FISH NOR FLESH**, de **Terence Trent D'Arby** **AURA** de **Miles Davis** **DJAVAN** e **OH MERCY**, de **Bob Dylan** (todos CBS)

Ainda de Dylan, talvez aproveitando sua recente passagem pelo Brasil, a CBS também lança seu clássico sexto LP (**HIGHWAY 61 REVISITED**, de 65) e o álbum ao vivo **DYLAN AT BUDOKAN**, de 79. Também merecem sua versão em CD dois álbuns antológicos relançados por aqui no ano passado em vinil: **WHAT'S GOING ON** (71), de **Marvin Gaye** e **TALKING BOOK** (72), de **Stevie Wonder** (ambos Motown/BMG-Ariola). Outras boas pedidas são as edições do LP de 87 da cantora **Suzanne Vega SOLITUDE STANDING** e do álbum **YELLOW MOON** dos **Neville Brothers** (ambos A&M/PolyGram). Enquanto isto, na ala nacional, os maiores destaques ficam para os lançamentos do último disco de **Martinho da Vila O CANTO DAS LAVADEIRAS** (CBS) e de mais quatro LPs de **Caetano Veloso** (via Philips/PolyGram): **TRANSA** (72), **BICHO** (77), **UNS** (83) e **VELÔ** (84).

COMPACTOS



ZONA ERÓTICA

DANIEL LANOIS

ACADIE

Daniel Lanois, o mago canadense produtor dos mais recentes LPs dos Neville Brothers e de Bob Dylan (ver *Discos*), intercalou com esses dois trabalhos as gravações de seu disco solo, **ACADIE** (Opal) inspirado por New Orleans, locação de seu novo estúdio. Aliás, Acadie é o nome da comunidade de origem dos canadenses que colonizaram a região, cuja corruptela é *cajun*, o gênero musical local. Participam deste LP delicado, rarefeito e pastoral a cozinha do U2 e vários dos excelentes músicos que acompanharam Dylan e os Neville, além dos próprios Neville e Brian Eno.

Um ano excepcional para o bissexto **John Cale**, cujo LP anterior, *Artificial Intelligence*, datava de 85. Além da retomada da parceria com Lou Reed — interrompida desde os tempos do Velvet Underground — nas *Songs for Drella* dedicadas a Andy Warhol já lançadas em disco, ele comparece com **WORDS FOR THE DYING** (Opal), produzido por Brian Eno (outro antigo colaborador). "The Falklands Suite" é uma sinfonia em seis movimentos, gravada em Moscou. Cale canta quatro poemas de Dylan Thomas, que musicou e dedicou aos mortos na Guerra das Malvinas. Fecham o LP duas peças curtas para piano ("Songs Without Words I & II") e "The Soul of Carmen Miranda", eletrônica, com Eno. Solene.

O **Alien Sex Fiend** lançou no finalzinho do ano passado um álbum duplo gravado ao vivo, durante a sua última turnê europeia. **TOO MUCH ACID ?** (Plague/Anagram) é o nome desta droga psicogênica, que apresenta demenciais versões para "It Lives Again", "I Walk the Line", "I.S.I." e "Bone Shaker Baby", entre outras. É para ser ouvido bem alto, enquanto se dá boas gargalhadas com as fotos do encarte, que mostram Nik Fiend enfiando uma enorme banana plástica entre as pernas, junto a outras baixarias.

Rick Robin mudou-se de mala e cuia para Los Angeles e lá criou sua versão metal para a Def Jam, de Nova York, a Def American. A diferença é que este novo selo não é especializado em rap/hip hop, mas sim no heavy mais descabelado. E um de seus melhores lançamentos até agora é o álbum de estréia (homônimo) do grupo **Danzing** que apresenta dez sombrias faixas com o melhor do novo metal californiano. Vale a pena.

O quarteto **Nirvana** enaltece a guitarra em primeiro plano, construindo canções cáusticas, pesadas e barulhentas. Em **BLEACH** (Sub Pop), seu LP de estréia, eles revisitam sob uma ótica visceral e despretensiosa o *raw power* dos Stooges, o frenesi do Who em meados dos *sixties* e a violência cripto-heavy do Black Sabbath em sua fase inicial. Tudo isso dentro de uma linguagem ultrapeculiar, em que são capazes até de criar baladas pop como a clássica "About a Girl".

Como o único grupo *cool* da *indie* Sub Pop, o **Walkabouts** soa como uma reencarnação do Fairport Convention em trajes de *cow punk*. Seu primeiro álbum — **CATARACT** — traz guitarras sobrepostas, cello e dulcimer como *decor*, enquanto os vocais de Carla Togerson evocam um bucolismo encharcado de tristeza.

SERRA PELADA

As gravadoras que anunciam na BIZZ sempre encontram muito ouro e platina.

EMI-ODEON:

Legião Urbana — *"2"* **Platina Dupla,** *"Que País é Este"* **Platina.** *Paralamas do Sucesso* *"Selvagem?"* **Platina Dupla,** *"O"* **Ouro,** *"Bora, Bora"* **Platina.** *"Zona Zen"* **Platina.** *Zero* — *"Carne Humana"* **Ouro.** *Beto Guedes* — *"Alma de Borracha"* **Ouro.** *Marisa Monte* – *"Marisa Monte"* **Platina.** *Iron Maiden* — *"Somewhere in Time"* **Ouro.** *Duran Duran* – *"Notorius"* **Ouro,** *"Big Thing"* **Ouro.** *Queen* — *"Live Magic"* **Ouro,** *"A King of Magic"* **Ouro.** *John Lennon* — *"Menlove Ave"* **Ouro.** *Pet Shop Boys* – *"Actually"* **Platina,** *"Introspective"* **Platina.** *Tina Turner* — *"Live"* **Ouro,** *"Live II"* **Ouro,** *"Break Every Rule"* **Platina.** *Morrissey* — *"Viva hate"* **Ouro.** *Talking Heads* – *"True Stories"* **Ouro.** *Sigue Sigue Sputnink* — *"Flaunt It"* **Ouro.**

WEA:

The Smiths — *"Strangeways, Here We Come"* **Ouro.** *Madonna* – *"Who's That Girl"* **Ouro,** *"True Blue"* **Duplo Platina.** *Rod Stewart* – *"Out of Order"* **Ouro,** *"Rod Stewart"* **Ouro.** *Tracy Chapman* *"Tracy Chapman"* **Ouro e Platina.** *New Order* — *"Substance"* **Ouro.** *A-Ha* — *"Hunting High And Low"* **Duplo Platina,** *"Scoundrel Days"* **Duplo Platina.** *U 2* *"The Joshua Tree"* **Platina,** *"Rattle And Hum"* **Duplo Ouro.**

BMG-ARIOLA DISCOS:

Lobão – *"Vida Bandida"* **Platina,** *"Cuidado"* **Ouro.** *Engenheiros do Hawaí* – *"Longe Demais das Capitais"* **Ouro,** *"Revolta dos Dândis"* **Ouro,** *"Ouça o que eu digo: Não Ouça Ninguem"* **Ouro.** *Lulu Santos* — *"Toda Forma de Amor"* **Ouro,** *"Lulu"* **Ouro.**

DISCOS CBS:

RPM — *"Revolução por Minuto"* **Ouro e Platina,** *"Rádio Pirata"* **2.000.000 Discos Vendidos,** *"Os Quatro Coiotes"* **Ouro.** *Dance Mix 2* **Ouro.** *Michael Jackson* — *"Bad"* **Platina.** *Pink Floyd* *"A Momentary Lapse of Reason"* **Ouro Duplo.** *George Michael* – *"Faith"* **Ouro e Platina.**

POLYGRAM:

Capital Inicial *"Capital Inicial"* — **Ouro e Platina,** *Independência* — **Ouro.** *Caetano Veloso* — *"Caetano"* **Ouro,** *"Totalmente Demais* **Ouro e Platina.** *Marina* – *"Virgem"* **Ouro,** *"Todos ao Vivo"* **Ouro.** *Tears For Fears* *"Song From the Big Chair"* **Ouro.** *Dire Straits* – *"Brothers in Arms"* **Ouro e Platina,** *"Money for Nothing"* **Platina.** *The Cure* — *"Blanding on a Beach"* **Platina,** *"Kiss Me, Kiss Me Kiss Me"* **Ouro,** *"The Head on the Door"* **Ouro.** *Elton John* — *"Ice on Fire"* **Ouro,** *Leather Jackets"* **Ouro.** *The Police* — *"Every Breath You Take"* **Ouro.** *Sting* — *"Bring on the Night"* **Platina,** *"Nothing Like the Sun"* **Ouro.** *Supertramp* — *"The Autobiography"* **Ouro.** *Jean Michel Jarre* *"Rende Vous"* **Ouro,** *"In Concert"* **Ouro,** *"Revolutions"* **Ouro.** *Los Lobos* — *"La Bamba"* **Platina.**

EDITORA AZUL

LETRAS

INDEPENDENCE DAY (BYRNE)

Now and then I get horny
(at night you do, at night you do)
smile — from side to side
(at night you do, at night you do)

And she'll be comin' round the mountain
with six white horses by her side
no stops for gas, food or lodging
she's wearing nothing but a smile
and though we struggle for our freedom
our need for others still remains
we know what will make us happy
we know what will ease our pain

We'll pretend we are married
(at night we do, at night we do)
slide — your hand in mine
(at night we do, at night we do)

My bed's flyin' out the window
I'm pullin' up my covers to the rain
and down below cats are howlin'
it's a family affair...

They're selling vegetables on Broadway
a man is runnin' for the train
strollin' down 42nd Street
on our Independence Day
rub-a-dub on 57th Street
it's our Independence Day!
arm in arm on 82nd Street
on our Independence Day

Hey Mister, hey Lady
hey sisters walking hand in hand
we'll be lovers in the open
we'll be lovers on Independence Day
hand in hand, hand in hand
hand in hand on Independence Day

This compass points in two directions
and North and South are both the same
we'll look forward to the good times
come our Independence Day

Hey Lady! You make me giggle
we'll squiggle like honeymooners do
I'm struck by lightnin', it's frightenin'
so excitin', on Independence Day

Uncle Vera, Auntie Ida
get so excited on Independence Day

Been waiting such a long time
waiting such a long time (3x)
till Independence Day

Waiting such a long time (3x)
and now it's here!
Independence Day!

And it's been such a long time
and now it's here!
Independence Day
waiting such a long time
till Independence Day

Waiting such a long time
till Independence Day
waiting such a long time
and now it's here!

DIA DA INDEPENDÊNCIA

Uma vez eu outra eu fico cheia de tesão
(à noite você fica, à noite você fica)
sorrindo — de um lado a outro
(à noite você sorri, à noite você sorri)

E ela virá dando a volta na montanha
com seis cavalos brancos ao seu lado
sem parar para gasolina, comida ou hospedagem
sem vestir nada a não ser um sorriso
e embora lutemos ao máximo pela nossa liberdade
nossa necessidade de outras pessoas permanece
nós sabemos o que nos fará felizes
nós sabemos o que aliviará a nossa dor

Fingiremos que somos casados
(à noite nós fingimos, à noite nós fingimos)
deslize — sua mão para dentro da minha
(à noite nós deslizamos, à noite nós deslizamos)

Minha cama está voando janela afora
estou erguendo minhas cobertas até a chuva
e lá embaixo gatos estão uivando
é um assunto em família...

Estão vendendo verduras e legumes na Broadway
um homem corre para pegar o trem
passeando pela rua 42
no nosso Dia da Independência
tamborez rufando na rua 57
é nosso Dia da Independência!
de braços dados na rua 82
no nosso Dia da Independência

Ei Senhor, ei Senhora
ei irmãs andando de mãos dadas
seremos amantes a céu aberto
seremos amantes no Dia da Independência
de mãos dadas, de mãos dadas
de mãos dadas no Dia da Independência

Esta bússola aponta em duas direções
e Norte e Sul são a mesma coisa
aguardaremos ansiosamente os bons tempos
que virão com nosso Dia da Independência

Ei dama! Você me faz rir descontroladamente
vamos saracotear como casais em lua-de-mel
sou atingido por um raio, é assustador
tão excitante, no Dia da Independência

Tio Vero, titia Ida
ficam tão excitadas no Dia da Independência

Estivemos esperando tanto tempo
esperando tanto tempo (3x)
pelo Dia da Independência

Esperando tanto tempo (3x)
e agora ele chegou!
o Dia da Independência!

E foi tanto tempo
e agora ele chegou!
o Dia da Independência
esperando tanto tempo
pelo Dia da Independência

Esperando tanto tempo
pelo Dia da Independência
esperando tanto tempo
e agora ele chegou!

By Index Music Ltd (Direitos cedidos para o Brasil à Warner Chappell Edições Musicais Ltda.)

GUARDE SUAS FITAS

PORTA FITAS

MONTAG (011) 885-7045

CARTAS

CAZUZA

Achei o maior desrespeito as críticas feitas por Alex Antunes ao disco *Burguesia*, de Cazuza, na edição 52 da BIZZ.

Ora, todos nós sabemos que a qualidade do disco ficou comprometida devido ao estado de saúde do cantor. Então, para que se prender a tantos detalhes técnicos? (...) O que conta para os fãs de Cazuza não é se o disco está bem ou mal gravado, e sim o respeito, a força e a garra de um cantor que superou tudo para nos brindar com um trabalho, na minha opinião, belíssimo. O resto não importa...

Edinete e Eliana Carvalho Rodrigues, Belém — PA

Venho por meio desta dizer que discordo completamente dos comentários de Alex Antunes em relação ao último disco lançado por Cazuza, *Burguesia*. O crítico, usando todos os seus vocábulos, definiu o disco como "constrangedor" e "confuso" e a maioria das letras como fracas e cheias de "rebeldia burra". É realmente lamentável que o senhor Alex Antunes não tenha refletido um pouco mais sobre as letras do disco antes de apresentar suas opiniões, que a meu ver são bastante preconceituosas e sem sentido.

Lara Henriques de Carvalho, Visconde do Rio Branco — MG

Alex Antunes responde: *"A crítica a um disco produzido nessas condições — a agonia do artista, vitimado, ainda por cima, por uma doença que concentra e desnuda o que a sociedade tem de mais moralista — é uma tarefa delicada e cercada de dubiedade. Mas acredito ter sido justo ao afirmar que Cazuza, ele mesmo, caiu na armadilha, ao esbanjar autocondescendência num disco tão longo e tão pouco cuidadoso.* Burguesia *não é um documento póstumo e inquestionável; pelo contrário, é o disco de um músico que, para reafirmar sua vida, sua carreira e sua arte, deveria buscar a auto-superação, dando o melhor de si. Com otimismo: aguardemos o próximo".*

DENÚNCIA

Escrevo esta carta para alertar os leitores que se correspondem com Jackson Robert, que usa o nome do Cure para enrolar muita gente. Ele se diz presidente do The Love Cure's Fan Club (antigo The Cure Friends Club), mas não passa de um mentiroso. Esse cara manda as pessoas enviarem dinheiro para comprar material do Cure, e depois não dá mais resposta. Quando vamos pedir satisfações, tem a cara-de-pau de dizer que não recebeu nada. Isso já aconteceu comigo e com alguns amigos meus que foram enganados por esta pessoa. Deixo meu aviso aos que se correspondem com ele: tomem cuidado com esse cara!

Daniela T. Iwasaki, São Paulo — SP

OS MELHORES GUITARRISTAS

Estou fazendo uma pesquisa para apontar os quinze melhores guitarristas do planeta. Peço a todos, ao lerem esta carta, que me escrevam dizendo quais são os guitarristas de sua preferência. Só serão considerados os guitarristas em atividade, mesmo que em carreira solo. Ao final da pesquisa, será sorteada uma fita com o melhor de Van Halen e outra do Metallica. Receberei as cartas até 02 de maio de 90. O resultado da pesquisa sairá na revista BIZZ.

Envie correspondência para Michel Nacif Araújo, r. Manoel Mussi, 59, CEP 28540, Cordeiro — RJ.

FÃS-CLUBES

ABFC Associação Brazilian de Fãs Clubes de A a Z A/C Silvio de Oliveira, Caixa Postal 210, CEP 01051, São Paulo — SP

A-ha *Fan Club Hunting High* A/C Carolina, av. Washington Luis, 230, CEP 13600, Araras — SP

A-ha *Fã-Clube A-haso* A/C Priscilla Furuholmen, r. Alcântara Machado, 220, CEP 09230, Santo André — SP

A-ha *Take On Me A-ha Fã-Clube* A/C Andrea e Georgia, r. Lindinara, 130, CEP 04945, São Paulo — SP

A-ha *We're Looking For You Fan Club*, al. Casa Branca, 705, ap. 1403, CEP 01408, São Paulo — SP

A-ha *Fã-Clube Oficial A-ha no Brasil* A/C Ana Maria Melo, r. Galeão Carvalhal, 34, ap. 1102, Santos — SP

Biquini Cavadão *Clube da Cadela Pornográfica*, Caixa Postal 14744, CEP 22412, Rio de Janeiro — RJ

Camisa de Vênus *Fã-Clube Papel de Bandido, Marcelo Nova e a Envergadura Moral* A/C Marcelo, Fábio, Valdir e Bárbara, r. Joaquim Machado, 221, CEP 05050, São Paulo — SP

The Cure *The Head On The Cure Fã-Clube* A/C Adail, av. Bucar Neto, 209, CEP 64800, Floriano — PI

The Cure e Legião Urbana *Fan Club The Cure e Legião Urbana Society* A/C Márcia Lemos, r. Ouro Fino, 215/702, CEP 30310, Belo Horizonte — MG

Devotos de Nossa Senhora Aparecida *Fã-Clube Oficial dos Devotos de Nossa Senhora Aparecida* A/C Wander Hori, Caixa Postal 1809, CEP 01051, São Paulo — SP

Fã-Club dos DJ's, r. Olivia Queiroz, 236, CEP 13200, Jundiaí — SP

Duran Duran *Notoriuus Fan Club do Brasil*, r. do Imperador, 1379, c/7, CEP 02074, São Paulo — SP

Elvis Presley *Elvis Is Alive In Brazil* A/C Norton Coll, Caixa Postal 347, CEP 01051, São Paulo — SP

Elvis Presley *Elvis Presley's Kingdom* A/C Renate Presley, Caixa Postal 6844, CEP 80021, Curitiba — PR

Elvis Presley *Elvis, the Hillbilly Cat Fan Club* A/C Cainho Presley, Caixa Postal, 1324, CEP 88000, Florianópolis — SC

Elvis Presley *Elvis Brazilian Friends* A/C Adair Silva, Caixa Postal 31069, CEP 20730, Rio de Janeiro — RJ

Guns N'Roses *Appetite for Destruction Guns N'Roses Fan Club* A/C Marcia Bailey, r. General Edgardino Pinta, 176, CEP 21911, Rio de Janeiro — RJ

Ira! *Ira! Irracional Fan-Club* A/C Regina!, Kanagawa-Ken, Yokohama-Shi, Sakae Ku — Kasama Cho 1315-2 Tsubak Haitsu 102 — GO Japan

Joy Division *Joy Division 24 Hours* A/C Yan Rocha, r. 10 de maio, 160, CEP 28300, Itaperuna — RJ

Kid Abelha *Fã-Clube Uniformes do Kid Rockid*, r. 108, 58, conj. COHAB, CEP 63260, Brejo Santo — CE

Madonna *Fã-Clube Oficial Madonna no Brasil* A/C Rogério Fuares, r. Gonçalo Pires, 273, CEP 05624, São Paulo — SP

Madonna *Madonna Blaze Fan Club* Caixa Postal 18768, CEP 04699, São Paulo — SP

Paralamas do Sucesso *Fã-Clube Oficial dos Paralamas do Sucesso* Caixa Postal 5066, CEP 22072, Rio de Janeiro — RJ

Titãs *Fã-Clube Tribo Ó Blésq Blom* A/C Isabela, r. São Clemente, 68/801, CEP 22260, Rio de Janeiro — RJ

Titãs *Fã-Clube Oficial dos Titãs II* A/C Renato, r. Orlando Silva, 138, CEP 13560, São Carlos — SP

U2 *The Unforgettable Fire*, r. Crispim do Amaral, 148, CEP 05202, São Paulo — SP

MERCADO PARALELO

Compro as edições de BIZZ números zero, 01, 02, 03 e 05, e *Letras Traduzidas* números zero, 01 e 9-C, em bom estado. Pago preço da última edição. **Leonardo Batista Pereira, r. 145, bl. 23, ap. 101, CEP 74310, Goiânia — GO**

Compro todas as *Letras Traduzidas* que tenham músicas do Duran Duran, exceto a 18-A. **Kátia Gonsales Novelli Duran, r. Alves de Almeida, 967, CEP 03378, São Paulo — SP**

Estou me desfazendo de todas as edições de BIZZ e *Letras Traduzidas*, além de duas *Revistas-Posters* de Duran Duran, uma do New Order, uma do A-ha e o *Calendário do Rock 88*. **Edson Pinheiro, r. do Imperador, 1379, c/7, CEP 02074, São Paulo — SP**

Vendo todos os exemplares de BIZZ, exceto os números 44, 45 e 46. **Gustavo Bittencourt, av. João Carlos Machado, 555/101, CEP 22621, Rio de Janeiro — RJ**

Compro todas as edições de *Letras Traduzidas* e *Ídolos do Rock* que tenham músicas do A-ha, em perfeito estado de conservação. **Elza Hayashida, Caixa Postal 101, CEP 86500, Wenceslau Braz — PR**

Vendo coleção completa das revistas BIZZ e SET pelo preço atual de banca para cada exemplar, e também o livro *Rattle and Hum*, do U2 (preço do livro a combinar). **Mara Lee, Caixa Postal 3243, CEP 60414, Fortaleza — CE**

Compro a revista BIZZ especial *Hollywood Rock* e todas as *Letras Traduzidas* editadas antes de novembro de 1988 que tenham letras do Duran Duran. **Irene Rosa, r. Francisco Pereira Coutinho, 225, CEP 13085, Campinas — SP**

Troco revistas do A-ha pela *Revista-Poster* 21-B (Duran Duran). **Joana Porto Habigzang, r. Santo Antônio, 757/103, CEP 90220, Porto Alegre — RS**

Vendo coleção completa da revista BIZZ em excelente estado. **Romildo Nunes Pimenta, av. João Batista Parra, 550, CEP 29000, Vitória — ES**

Vendo BIZZ números 24 a 30 e 33 a 53. **Charles Chaves da Silva, Caixa Postal, 49, CEP 39900, Almenara — MG**

Compro BIZZ números zero, 04 (com poster) e 46, *Revistas-Posters* do U2 (17-A), Titãs (34-P), New Order (43-P) e A-ha (44-P) e *Letras Traduzidas* números 48-L e 50-L. **Marcelo Messias, r. André Vidal de Negreiros, 49, CEP 53400, Paulista — PE**

Vendo BIZZ números 01 a 05, 07, 08, 11, 13 a 29, 31 a 42 e 44 a 50, em bom estado e pelo preço da última edição. **André Luiz Xavier, r. 26, 793, CEP 38270, Campina Verde — MG**

Vendo revistas BIZZ números 28, 29, 31, 33, 35, 45, 48 ao 53, pelo preço do último exemplar em banca. **Marco Antônio Gonçalves, r. Padre Bento Dias Pacheco, 77, CEP 09910, Diadema — SP**

Compro *Revista-Poster* 44-P (A-ha), em bom estado. **Ana Patrícia Arantes, r. Dair Borges, 257, CEP 11700, Praia Grande — SP**

DISCOTECA BÁSICA

T. REX

THE SLIDER (1972)

No dia 16 de setembro de 1977, às cinco da manhã, Marc Bolan morria num acidente automobilístico, em Londres. Estava prestes a completar 31 anos e foi uma imensa perda para o meio musical, dada a influência que exerceu (e continua exercendo) sobre várias tendências do pop contemporâneo. Como profeta-mor do *glitter*, Bolan tornou-se um caso à parte no universo do rock, com sua voz manhosa e anasalada junto a uma incrível capacidade de conceber canções repletas de calafrios e sensibilidade em carne viva.

A princípio integrado ao movimento *mod*, Bolan lançou dois compactos solo, sem maiores conseqüências, antes de se reunir ao grupo John's Children, nos idos de 1967. No ano seguinte, formaria o Tyrannosaurus Rex, ao lado do vocalista/multiinstrumentista Steve Peregrine Took. Nesta fase inicial — que se estendeu até o início de 1970 — as composições de Bolan eram verdadeiras viagens, calcadas em devaneios intimistas ao som de flutuantes violões e percussão com tendências orientalistas. Um peculiar som lisérgico, que foi registrado em seus quatro primeiros álbuns.

Com a substituição de Peregrine por Mickey Finn e a redução do nome simplesmente para T. Rex, o grupo debutou com um álbum homônimo lançado em dezembro de 1970, que marcava nova guinada na carreira de Bolan. As nuances psicodélicas tornaram-se apenas um tempero a mais numa receita aparentemente simples, mas de uma eficiência a toda prova, que incluía também *boogie*, rhythm'n'blues e hard rock.

O LP seguinte, *Electric Warrior* (1971), fez explodir na Inglaterra o termo *glitter rock*, estilo pelo qual o T. Rex foi o maior responsável e, por que não, seu mais significativo expoente. O *glitter* consistiu em fundir o cósmico com um paraíso de cosméticos, na exacerbação da cor (paetês e purpurina em primeiro plano), na construção da imagem, em um teatro existencial decorado por afetações, sarcasmo e certa dose de romantismo. Este estilo, também chamado de *glam rock*, seria consolidado de forma definitiva por Bolan no LP seguinte do T. Rex, *The Slider*.

Lançado originalmente em julho de 1972, o disco foi gravado em Paris e Copenhague com produção de Tony Visconti (que também vinha trabalhando com David Bowie, a quem fora apresentado pelo próprio Bolan). Acompanhado pela bateria de Bill Legend, o baixo de Steve Currie, os *backing vocals* afetadíssimos dos ex-Turtles Howard Kaylan e Mark Volman, além da percussão e vocais de Finn, a voz penetrante e a guitarra psicoespacial de Bolan conduziram aqui algumas das mais marcantes canções de toda a sua carreira. Verdadeiros hinos *glitter* como a arrepiante "Metal Guru" (com sutis intervenções de cordas, arranjadas por Visconti), a faixa-título (uma *boogie ballad* imersa em tristeza e escapismo) e "Telegram Sam" (posteriormente regravada pelo Bauhaus). Outras músicas memoráveis eram aclimatadas em narcotizantes inflexões de *boogie* — como "Rock On", "Baby Boomerang" e "Baby Strange", o lado mais dançante do T. Rex — junto às incursões pelo heavy metal de "Buick Mackane" e "Chariot Choogle".

Mais encantos podiam ser encontrados em baladas com atmosferas espaciais como "Mystic Lady", "Spaceball Ricochet" e a pungente "Ballrooms of Mars", na qual eram citados John Lennon, Bob Dylan e Alan Freed (o DJ que lançou Chuck Berry, em troca da co-autoria de "Maybellene"). E também nos delicados climas bluesísticos de "Rabbit Fighter" e na fisergia folk de "Main Man". Um álbum único, que se tornou a principal obra-prima de *glitter*.

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor de Grupo: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editor-Chefe: José Augusto Lemos
Editores-Assistentes: Bia Abramo (Ao Vivo), Celso Pucci (Discos e Discoteca Básica), Marisa Adán Gil (Showbizz), Lorena Calábria (Rio de Janeiro)
Assistente de Redação: Celso Ferrari Masaon
Coordenação de Produção: Ivo Ismael Assis
Atendimento ao Leitor: Lilian Cristina Viveiros
ARTE
Editora: Deise Gilmes
Diagramação: Angelo Assoni, Renato Vada
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia
Correspondentes: José Emílio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Anamaria G. de Lemos (Londres)
Colaboradores
Texto: Alex Antunes, Arthur G. C. Duarte, Ayrton Mugnaini Jr., Camilo da Rocha, Carlos Eduardo Miranda, Cláudio Menezes, Fernando Naporano, Leopoldo Rey, Luis Cláudio Santos Gamito, Luis Fernando Amaral Tupan, Marcel Mello Plasse, Marcelo Jorge Fragoso Abreu
Fotos: Fabiana Figueiredo, Julio Jacobina, Irene Santos
Arte: Antonio Fernando Morra
Revisão de Texto: Thais Helena de Souza Juarez
Projeto Gráfico: OZ Desenho & Associados
Diretora Responsável: Liege de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor Corporativo: Carlos Alberto Araújo
SP - Diretor: Oswaldo Maffei Jr.
Contatos: Antonio Xavier de Aguiar, Armando Coronado Miola, Arthur de Oliveira Neto
RJ - Diretor: Maria Fernanda Jorge
Contatos: Eduardo Barros, Romualdo Ayres Costa

PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Edna K. Burigo
Coordenadora: Sandra C. Botelho

Representantes
Rio Grande do Sul e Santa Catarina: 3R Ricardo Rosa Representações Ltda. Fone (0512) 23-9528 - **Porto Alegre** - RS Centro-Oeste: Publicentro Comunicações & Negócios Ltda. Fone: (061) 223-0421 - Brasília - DF SP Z Interminas Regnes, e Public. &C Ltda. Fones: (016) 623-4262 623-4291 - Ribeirão Preto - SP

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press - Gerente: Judith Baroni; **Escritórios - Nova York:** Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, NY 10165, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex: 237670, Fax: (001212) 983-0972. **Paris:** 33, rue de Miromesnil, 75008, Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex: 680731 ABRLPA, Fax: (00331) 42661399
Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Susana Camargo - **end.** Oliveiro Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22515
Serviços Fotográficos-Gerente: Pedro Martinelli

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Miranda Gomes
Gerente de Produto: José Carlos Boldarini
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil
Gerente de Promoções e Propaganda: A. Vasco Castro Barbosa

EDITORA AZUL
Diretores: Ana Maria Fadigas, Carlos C. Arruda, Pedro Frazão e Vera Helena Miranda Gomes

BIZZ, é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, tel. (011) 826-6777, CEP 01139, Caixa Postal 60081, CEP 05096, Telex (011) 26070. **Telegramas:** Editabril/Abripress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8º ao 11º andares, CEP 22290, tel. (021) 546-8282, Telex (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abripress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varas, Azinhaga dos Felais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinatura anual:** Valor da capa multiplicado pelo número de edições anuais. Ao fazer sua assinatura exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S/A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção definitiva da entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição da parte do preço total antecipadamente paga, correspondente aos exemplares que não forem entregues, acrescida de correção monetária calculada com base na variação do valor nominal das BTN verificada no período. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 3. **Números atrasados:** Ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

GERAÇÃO 90

9 Modelos de Guitarras

6 Modelos de Contra Baixos

- Tremolo Floyd Rose
- Tarraxas e Pontes Importadas
- Cordas D'Addario
- Captadores Ativos "Reflex Reds"

Dolphin®

DOLPHIN IND. E COM. INSTR. MUSICAIS LTDA.
Rua Mario Regalio Pereira, 456 - São Paulo - SP - 05550